

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

GIOVANNA OLIVEIRA BACCARIN

FUTUROS IMAGINÁRIOS DO SALVACIONISMO TECNOLÓGICO
MUSKIANO:

Uma análise da construção no imaginário midiático da figura de Elon Musk

São Paulo

2026

GIOVANNA OLIVEIRA BACCARIN

FUTUROS IMAGINÁRIOS DO SALVACIONISMO TECNOLÓGICO

MUSKIANO:

Uma análise da construção no imaginário midiático da figura de Elon Musk

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, UNIP, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientadora: Dra. Malena Segura Contrera

São Paulo

2026

Baccarin, Giovanna Oliveira.

Futuros imaginários do salvacionismo tecnológico muskiano: uma análise da construção no imaginário midiático da figura de Elon Musk / Giovanna Oliveira Baccarin. - 2026.

196 f. : il. color.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2026.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera.

1. Imaginário. 2. Salvacionismo tecnológico. 3. Elon Musk. 4. Mitocrítica. 5. Complexidade. 6. Futuros imaginários. 7. Capitalismo. 8. Noosfera. I. Contrera, Malena Segura (orientadora). II. Título.

Ficha elaborada pelo Bibliotecário Rodney Eloy CRB8-6450

GIOVANNA OLIVEIRA BACCARIN

**FUTUROS IMAGINÁRIOS DO SALVACIONISMO TECNOLÓGICO
MUSKIANO:**

Uma análise da construção no imaginário midiático da figura de Elon Musk

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, UNIP, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientadora: Dra. Malena Segura Contrera

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Malena Segura Contrera - Orientadora
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Caio Adorno Vassão
IED-SP, RITe-USP

*A todas as mulheres de minha
linhagem, que não puderam se tornar
o que poderiam ter sido, por serem
vítimas do imaginário e do espírito
de seu tempo. Em especial à minha
avó Elza (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Creio que a função dos agradecimentos em um trabalho desta natureza tenha muito mais a ver com o pesquisador alinhar consigo mesmo todos os nós da grande teia (de Indra) das interdependências da vida que lhe permitiram chegar ao final desse processo do que com aqueles que, de fato, lerão o trabalho. Todos os nós dos quais se lembrar, é claro. Todos aqueles que for capaz de perceber e enxergar. Entendo que são infindáveis os nós invisíveis aos olhos, mas que, ainda assim, têm sua contribuição.

Neste sentido, faço aqui minha lista de reconhecimento e gratidão, já que a vida “é o que é”, e entendo que nos cabe encontrar luz “no que quer que ela seja”.

Primeiramente, agradeço à CAPES, que me concedeu uma bolsa-taxa durante um ano e meio. Lamento que um programa nacional de bolsas tão importante e significativo como esse seja tão limitado e apresente um valor tão próximo do insuficiente para seus pesquisadores. Sinto muito, pois sei que nossa pesquisa, como um todo, precisava de muito mais apoio. Tenho esperança de que, no futuro, mais recursos sejam direcionados a esse tipo de finalidade. Ainda assim, sou grata por integrar a pequena porcentagem daqueles que tiveram acesso a esse benefício, essencial à viabilização da pesquisa.

Agradeço também o meu encontro com Malena, na pós-graduação do IJEP, que acabou sendo minha porta de entrada à ideia de um mestrado em comunicação e o início de nossa amizade que teve tantos desdobramentos. Agradeço à minha família por ter apoiado a decisão e o processo, cada um à sua forma: meu (agora falecido) avô materno, minha mãe e tia Ivete, minha tia Eliete, meu primo Rodrigo e meu ex-marido Bettioli. Todos contribuíram com partes importantes desse processo.

Agradeço aos amigos de estudo que se tornaram companheiros nesta jornada: Dermes, Priscila, Marta, Miller, Leo, Zé e todos os outros. Às vezes dançamos mais com um, em outras, mais com outro; ainda assim, sou grata a todos pelos bailados.

Agradeço ao professor Maurício pelos papos, bem como por sua abertura e disponibilidade em me ajudar a encontrar soluções quando o caminho parecia truncado. À Christina, da secretaria, por todo apoio e abertura, e, depois dela, ao Guilherme.

Agradeço ao amigo e professor Jorge Miklos por ter sido um ouvido atento em momentos importantes, sempre com seu coração lindo. Ao amigo e professor Caio Vassão, por

ter trocado ideias e oferecido apoio em momentos importantes, sobre esses e tantos outros assuntos.

E nessa teia de interdependências ainda tantos nomes: Andréa, Jô, André, Mateus, Patrícia, e por aí vai.

Finalmente, agradeço ao Fränder, que me ajudou a considerar seriamente a retomada deste projeto quando dele eu já havia desistido completamente, e por ter investido tantas horas do seu tempo me ajudando a pensar, rever e revisar o conteúdo tão cuidadosamente. Esse apoio foi um dos nós fundamentais.

Sei que sou sucinta e esquecida, já que a teia é imensa. Mas sou grata. Ponto final. Mesmo que a dança tenha sido sincopada e não fluída em mais momentos do que eu gostaria. O importante é dançar.

“Não se entreguem a brutos, homens que os desprezam, escravizam, que arregimentam suas vidas, dizem o que fazer, o que pensar e o que sentir! Que os treinam, os alimentam, os tratam como gado, os usam como bucha de canhão. Não se entreguem a esses homens artificiais, homens-máquina com mentes e corações de máquina! Vocês não são máquinas! Vocês não são gado! Vocês são homens! Vocês têm o amor pela humanidade em seus corações! [...] vocês, o povo, têm o poder de tornar esta vida livre e bela, de fazer desta vida uma aventura maravilhosa”.

Charles Chaplin, O Grande Ditador

"Em última análise, a humanidade é uma só, e este pequeno planeta é o nosso único lar. Se quisermos proteger este nosso lar, cada um de nós precisa experimentar um vívido senso de compaixão universal."

Sua Santidade o 14º Dalai Lama

RESUMO

Esta dissertação investiga a construção midiática do imaginário de futuros tecnológicos centrados na figura de Elon Musk, analisando como narrativas salvacionistas são estruturadas e disseminadas no contexto contemporâneo de crise de futuro. A pesquisa fundamenta-se teoricamente na Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand, e na Teoria da Complexidade, de Edgar Morin, empregando metodologia de Análise Mitocrítica em Profundidade, aplicada a dois documentários: *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018) e *De Volta ao Espaço* (2022), delimitando o período de 2018 a maio de 2022 como microciclo de análise. O estudo identifica a emergência de mitologemas estruturantes que configuram Musk como Messias Tecnológico e Titã da Inovação, articulando arquétipos prometeicos e heroicos na construção de uma narrativa de salvação da humanidade através da tecnologia. A análise revela que o Salvacionismo Tecnológico Muskiano amalgama o otimismo tecnológico tradicional com o longtermismo, o transumanismo e elementos de tecnocracia autoritária, propondo a transformação da humanidade em espécie multiplanetária como solução para crises existenciais. O mitologema central identificado – *O Salvador da Espécie Multiplanetária e a Redenção pela Engenharia da Evolução Humana* – articula-se sob o Regime Diurno do Imaginário, caracterizado por estruturas heroicas e ascensionais. A pesquisa desvela o capitalismo como matriz invisível que viabiliza e lucra com essa narrativa, transformando a ambição corporativa em discurso de salvação altruísta. A partir da perspectiva da complexidade moriniana, demonstra-se como tais construções imaginárias operam na noosfera contemporânea, moldando expectativas coletivas sobre o futuro e desviando a atenção de problemas terrestres urgentes. A dissertação conclui com uma reflexão ético-crítica sobre as implicações dessa construção midiática, problematizando a *hybris* titânica e a irresponsabilidade ética de narrativas que naturalizam soluções tecnológicas radicais, ao mesmo tempo em que obscurecem questões fundamentais de justiça social, sustentabilidade e democracia, alertando para os perigos do otimismo tecnológico acrítico e da captura do imaginário coletivo por interesses corporativos disfarçados de missões salvacionistas.

Palavras-chave: Imaginário; Salvacionismo Tecnológico; Elon Musk; Mitocrítica; Complexidade; Futuros Imaginários; Capitalismo; Noosfera.

ABSTRACT

This dissertation investigates the media construction of the imaginary of technological futures centered on the figure of Elon Musk, analyzing how salvationist narratives are structured and disseminated in the contemporary context of a crisis of the future. The research is theoretically grounded in Gilbert Durand's Anthropology of the Imaginary and Edgar Morin's Theory of Complexity, employing an In-depth Mythocritical Analysis methodology applied to two documentaries: "Elon Musk: The Real Iron Man" (2018) and "Return to Space" (2022), delimiting the period from 2018 to May 2022 as the analytical microcycle. The study identifies the emergence of structuring mythologemes that configure Musk as a Technological Messiah and Titan of Innovation, articulating Promethean and heroic archetypes in the construction of a narrative of humanity's salvation through technology. The analysis reveals that Muskian Technological Salvationism amalgamates traditional technological optimism with longtermism, transhumanism, and elements of authoritarian technocracy, proposing the transformation of humanity into a multiplanetary species as a solution to existential crises. The central mythologeme identified — "The Savior of the Multiplanetary Species and Redemption Through the Engineering of Human Evolution" — is articulated under the Diurnal Regime of the Imaginary, characterized by heroic and ascensional structures. The research unveils capitalism as the invisible matrix that enables and profits from this narrative, transforming corporate ambition into a discourse of altruistic salvation. Through the Morinian complexity perspective, it demonstrates how such imaginary constructions operate in the contemporary Noosphere, shaping collective expectations about the future and diverting attention from urgent terrestrial problems. The dissertation concludes with an ethical-critical reflection on the implications of this media construction, problematizing the titanic hybris and ethical irresponsibility of narratives that naturalize radical technological solutions while obscuring fundamental questions of social justice, sustainability, and democracy, warning against the dangers of uncritical technological optimism and the capture of the collective imaginary by corporate interests disguised as salvationist missions.

Keywords: Imaginary. Technological Salvationism. Elon Musk. Mythocriticism. Complexity. Imaginary Futures. Capitalism. Noosphere.

LISTA DE GRÁFICO E FIGURAS

Gráfico 1 - Livro The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology, mostra como a tecnologia vem se acelerando exponencialmente no último século.....	22
Figura 1 - Postagem de Musk no, então, Twitter, sobre sua relação com os ambientalistas.....	49
Figura 2 - Postagem de Musk no, então, Twitter, sobre sua filosofia de futuro.....	50
Figura 3 - Frame do documentário com a frase "Essa é uma coisa difícil que estamos fazendo, é uma coisa difícil - é uma coisa nova e sabe, eu espero que vocês nos encorajem".....	56
Figura 4 - Cena com montagem de fotos de Musk.....	57
Figura 5 - Título do filme.....	58
Figura 6 - Fontes utilizadas pelos três capítulos do filme do Homem de Ferro, ou, Iron Man, no cinema.....	58
Figura 7 - Cenas do lançamento do foguete Falcon 9.....	59
Figura 8 - Sequência de frames que apresentam as empresas de Musk, usando imagens dele junto a figuras de destaque.....	60
Figura 9 - Astronauta Kate Rubins.....	61
Figura 10 - Sir Gary Cooper, professor de psicologia. Presidente da Academia Britânica de Gerenciamento (tradução livre).....	62
Figura 11 - Exemplo de uma das imagens com angulação de baixo para cima.....	62
Figura 12 - Frames com depoimento de Jeff Parsons sobre mente estratégica de Musk e o xadrez.....	63
Figura 13 - Per Wimmer e sua declaração.....	64
Figura 14 - Musk e o ex-presidente Obama, como exemplo de imagem dele ao lado de figuras de poder.....	65
Figura 15 - Musk conversa com o então governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger..	66
Figura 16 - Narrador fala da Tesla mostrando imagens da tecnologia grandiosa envolvida na empresa.....	67
Figura 17 - Ao começar este trecho apresentando a Tesla a música de aventura sobe e entra um trecho que traz uma ideia de mais aventura e potência. É uma música similar a dos filmes de ação.....	68

Figura 18 - Imagens com ângulos de baixo para cima, continuam a ser usadas, trazendo a ideia de engrandecimento de Musk.....	69
Figura 19 - Imagem de funcionários instalando painéis de energia solar da Solar City.....	70
Figura 20 - Texto da aposta de Musk no Twitter, que deu origem a empresa Solar City.....	70
Figura 21 - Fotos de Musk novamente na angulação de baixo para cima, no contexto dos foguetes para falar da SpaceX.....	71
Figura 22 - Kartik Kumar em trajes de astronauta.....	72
Figura 23 - Ex-presidente Obama observa parte do foguete Falcon.....	72
Figura 24 - Sequência de imagens mesclando viagem do homem à Lua e lançamentos atuais..	73
Figura 25 - Novamente mesclando imagens da viagem do homem à Lua.....	74
Figura 26 - Imagem de um lançamento do foguete Falcon Heavy com destaque para a bandeira americana em sua capsula superior.....	75
Figura 27 - Entrevista coletiva de Musk e equipe da Nasa.....	75
Figura 28 - Lançamento no campo da NASA.....	76
Figura 29 - Imagens dos foguetes pousando de volta nas plataformas da empresa.....	76
Figura 30 - Musk conta sua visão sobre a ida à Marte em entrevista.....	77
Figura 31 - Cenas que referenciam as pesquisas da SpaceX sobre viagens para Marte.....	77
Figura 32 - Mais imagens das pesquisas e especialistas no assunto da viagem a Marte.....	78
Figura 33 - Musk fala sobre o projeto da viagem a Marte.....	78
Figura 34 - Imagens de duas companheiras.....	79
Figura 35 - Imagens do projeto Hyperloop.....	80
Figura 36 - Sequência de imagens sobre o tema da IA.....	81
Figura 37 - Dr. Davide Valeriani.....	81
Figura 38 - Imagens referentes ao tema do BCI.....	82
Figura 39 - Sequência de imagens sobre o tema da IA.....	83

Figura 40 - Prefeito de Chicago sobre a Boring Company.....	84
Figura 41 - Musk como visionário.....	85
Figura 42 - Cenas iniciais do documentário.....	89
Figura 43 - Musk com seu olhar supostamente ao longe na sala de controle.....	89
Figura 44 - Letreiro inicial com título do filme.....	90
Figura 45 - História será contada de forma não linear cronologicamente.....	90
Figura 46 - Imagens pontuam a grande escala do projeto.....	91
Figura 47 - Musk como engenheiro chefe da SpaceX.....	91
Figura 48 - Imagens mostram escala do projeto.....	92
Figura 49 - Musk conversa com a equipe da NASA.....	92
Figura 50 - Imagem da grandeza da escala do projeto.....	93
Figura 51 - Cenas com Doug Hurley e Bob Behnken falando de seu treinamento.....	93
Figura 52 - Coletiva de imprensa com a NASA.....	94
Figura 53 - No hangar da NASA.....	94
Figura 54 - Explosão do foguete <i>Challenger</i> em 1986.....	95
Figura 55 - Teste de aborto não tripulado.....	96
Figura 56 - Musk presente na sala de comando.....	96
Figura 57 - Cena da coletiva de imprensa posterior ao teste.....	97
Figura 58 - Cena do final da coletiva de imprensa.....	98
Figura 59 - Último lançamento tripulado que havia sido feito pela NASA em 2011.....	90
Figura 60 - Imagem da galáxia, vista pelo deck do ônibus espacial na última viagem.....	99
Figura 61 - Cena da implosão da estação de lançamento no Cabo Canaveral na Flórida.....	100
Figura 62 - Presidente Barak Obama sobre o novo programa da NASA.....	101
Figura 63 - Eugene Cernan, ex-astronauta e ex-comandante da missão Apollo 17, fala ao Senado.....	101

Figura 64 - Cena do programa 60 Minutes.....	102
Figura 65 - Hans Koenigsmann, VP de Construção de Confiança de Voo na SpaceX.....	102
Figura 66 - Imagens de reportagens da época inicial da Space X.....	103
Figura 67 - Musk no presente comenta o tamanho do desafio.....	103
Figura 68 - Imagens da explosão do lançamento da primeira versão do foguete Falcon (não tripulado).....	104
Figura 69 - O segundo lançamento, um ano depois, que também falhou. E o terceiro, um ano depois do segundo, que também falhou.....	104
Figura 70 - Cenas que trazem esses pontos desafiadores dos “fracassos” iniciais da SpaceX..	105
Figura 71 - Cenas da época mostram a decisão de Musk de seguir.....	105
Figura 72 - Cenas do lançamento bem-sucedido.....	106
Figura 73 - Cenas do programa 60 minutes.....	107
Figura 74 - Sequência de imagens retratam o sucesso de Musk e da SpaceX.....	108
Figura 75 - Sequência de imagens que mostram os concorrentes da SpaceX no setor privado da corrida espacial.....	109
Figura 76 - Excentricidades de Musk.....	110
Figura 77 - Cenas que falam do comprometimento de Musk com sua visão.....	111
Figura 78 - Cena da entrevista de 2013 com Musk, na Conferência TED.....	111
Figura 79 - Sequência de imagens mostrando as falhas da SpaceX.....	112
Figura 80 - Sequências de imagem do sucesso da primeira aterrissagem do propulsor de volta à Terra.....	113
Figura 81 - Imagem mostra o comparativo de custos entre lançamentos por quilograma de espaçonave.....	114
Figura 82 - Cena dos propulsores pousando de volta à Terra.....	114
Figura 83 - Cena que faz o retorno à história do novo lançamento tripulado.....	115
Figura 84 - Musk expressando a preocupação com a segurança dos astronautas.....	115

Figura 85 - É chegado o dia do lançamento.....	116
Figura 86 - Cenas de Musk na sala de comando.....	116
Figura 87 - Imagens do lançamento adiado e da preocupação de Musk.....	117
Figura 88 - Musk mostra o pedaço de Palo Santo que trouxe para dar sorte à equipe.....	117
Figura 89 - Cenas do lançamento bem-sucedido.....	118
Figura 90 - Coletiva do lançamento.....	118
Figura 91 - Visão de Futuro de Musk.....	119
Figura 92 - Musk e Hans na cabine de comando.....	119
Figura 93 - Conferência após o retorno.....	120
Figura 94 - Segundo lançamento tripulado.....	120
Figura 95 - Musk na cabine de comando.....	121
Figura 96 - Cenas finais de Musk assistindo ao segundo lançamento.....	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I - O FUTURO	28
1.1 História dos futuros imaginários	28
1.1.1 O nascimento da noção de futuro: sociedades agrícolas	28
1.1.2 A noção de futuro da antiguidade e do medieval.....	29
1.1.3 A noção de futuro do renascimento e da modernidade.....	30
1.1.4 A noção de futuro da modernização e da indústria (no princípio do século XX)....	30
1.1.5 A noção de futuro no presente (pós II Guerra)	31
1.1.6 A noção de fim do futuro (atualidade).....	32
1.2 Disputas: As grandes escolas dos futuros imaginários contemporâneos.....	33
1.2.1 Visões orientadas à preservação ou retrocesso	35
1.2.1.1 <i>Tradicionalistas e reacionários radicais</i>	35
1.2.1.2 <i>Neoluditas (ou antitecnológicos seletivos)</i>	36
1.2.1.3 <i>Conservadores estáticos</i>	37
1.2.1.4 <i>Crítica e limitações das visões orientadas à preservação ou retrocesso</i>	38
1.2.2 Visões orientadas à sobrevivência e adaptação	39
1.2.2.1 <i>Sobrevivencialistas tradicionais</i>	39
1.2.2.2 <i>Bilionários apocalípticos</i>	40
1.2.3 Visões autoritaristas	41
1.2.3.1 <i>Negacionistas</i>	42
1.2.3.2 <i>Ecofascistas</i>	42
1.2.3.3 <i>Tecnocratas autoritários</i>	43
1.2.3.4 <i>Críticas e limitações das visões autoritaristas</i>	44
1.2.4 Visões orientadas à transformação e construção	44
1.2.4.1 <i>Paradigma regenerativo e ecológico</i>	45
1.2.4.2 <i>Paradigma salvacionista tecnológico</i>	47
1.2.4.3 <i>Críticas e limitações das visões orientadas à transformação e construção</i>	51
CAPÍTULO II - SALVACIONISMO TECNOLÓGICO MUSKIANO.....	53

2.1 Quem é Elon Musk.....	54
2.2 Documentário “Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro” (2018)	55
2.2.1 Análise das imagens e estratégias visuais na construção do imaginário	56
2.2.2 As Estratégias de construção narrativa e simbólica em "Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro"	85
2.3 Documentário De Volta ao Espaço (2022).....	87
2.3.1 Análise das imagens e estratégias narrativas na construção do imaginário.....	88
2.3.2 As estratégias de construção narrativa e simbólica em De Volta ao Espaço	122
2.3.2.1 <i>Categorias emergentes: primeiros indícios de metáforas obsessivas</i>	124
2.3.3 A persona do herói salvador: a edificação do messias tecnológico	124
2.3.4 O rebelde empreendedor e disruptor: a orquestração da quebra de paradigmas ...	125
2.3.5 A jornada do herói: dinâmica narrativa da resiliência e engajamento	127
2.3.6 O gênio humano e excêntrico: a construção de uma persona acessível e estratégica	128
2.3.7 A mobilização do capital simbólico e financeiro: a instrumentalização da persona	129
2.3.8 A tecnologia como redenção e futuro imaginário: a edificação de um dogma.....	132
2.3.9 Síntese sobre as categorias	134
CAPÍTULO III – O IMAGINÁRIO E A COMPLEXIDADE: LENTES TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DO SALVACIONISMO TECNOLÓGICO MUSKIANO.....	135
3.1 O imaginário na perspectiva de Gilbert Durand: fundamentos antropológicos e estruturas.....	136
3.1.1 Definição e amplitude do imaginário duraniano	136
3.1.2 Arquétipos e símbolos: a essência da linguagem do imaginário	137
3.1.3 O trajeto antropológico e a gênese dos regimes do imaginário (Diurno e Noturno)	139
3.2 As estruturas narrativas do imaginário coletivo: mito e mitologema.....	141
3.2.1 O mito como narrativa fundamental e sua função social.....	141
3.2.2 O mitologema como unidade de análise do imaginário	143
3.2.3 O herói moderno como deus secular: continuidade e transformação (o paradoxo do sagrado na modernidade).....	145
3.3 Mitos e arquétipos fundamentais para a análise do salvacionismo tecnológico ...	146

3.4 A complexidade do imaginário: uma metaperspectiva a partir de Edgar Morin	148
3.4.1 Princípios fundamentais da Teoria da Complexidade de Morin.....	148
3.4.2 A noosfera: a esfera do pensamento coletivo em Morin.....	150
3.4.3 O imaginário duraniano sob a lente da complexidade moriniana	152
3.5 Metodologia da análise do imaginário: desvelando as estruturas simbólicas.....	154
3.5.1 Mitocrítica e Mitoanálise: ferramentas para decifrar o imaginário	155
3.5.2 A perspectiva da complexidade na interpretação analítica	157
3.6 Considerações éticas e limitações	158
3.7 Síntese do capítulo III.....	160
CAPÍTULO IV – MITOS E MITOLOGEMAS EM EMERGÊNCIA NO	
SALVACIONISMO TECNOLÓGICO MUSKIANO	162
4.1 O capitalismo como matriz invisível: a religião que nutre o salvacionismo	
tecnológico.....	162
4.2 As imagens simbólicas e seus ecos míticos: da empiria ao arquetípico	164
4.2.1 O Messias Tecnológico: Herói, Salvador e o Fogo Prometeico.....	165
4.2.2 O titã da inovação: gênio, rebelde e o desafio aos limites.....	167
4.2.3 A jornada do herói: resiliência, capital simbólico e a construção da lenda	170
4.2.4 A tecnologia como objeto do imaginário: entre utopia e distopia	173
4.3 O mitologema central do salvacionismo tecnológico muskiano	175
4.3.1 Síntese e interconexão dos mitologemas	175
4.3.2 O mitologema chave: o salvador da espécie multiplanetária e a redenção através da	
engenharia da evolução humana.....	176
4.3.3 Implicações para o imaginário do futuro	179
4.4 Síntese do Capítulo IV.....	181
CONCLUSÃO.....	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS	192

INTRODUÇÃO

O deslocamento das preocupações humanas do agora para o futuro surge com o advento da agricultura, quando a humanidade abandona o modo de vida de coletores-caçadores. Trata-se de uma era em que se sobrevivia do produto da caça ou da coleta de vegetação disponível, um tempo em que se vivia com o foco centrado no presente e suas necessidades imediatas. Com a produção agrícola, passa a existir algo que motivava a necessidade de se preocupar com o porvir e suas consequências para a subsistência do grupo. Além disso, ao adquirir controle sobre as tecnologias da agricultura, o ser humano pôde, finalmente, passar a ter alguma ingerência sobre seu futuro (Harari, 2018, p. 108). Neste sentido, a humanidade começou a olhar para frente, a pensar nesse futuro, a programar o hoje com base no amanhã.

Acelerando a narrativa humana, chegando às portas do renascimento, vemos uma outra grande transformação acontecer na ideia de futuro, já que o iluminismo impregnou a humanidade com a lógica do progresso (Barbrook, 2009, p. 38). Até este momento, apesar de nossa preocupação constante com fatos futuros, este olhar estava focado no gerenciamento daquilo que já existia, na manutenção do *status quo*, ou seja, a humanidade não acreditava na ideia do progresso em si. Antes do renascimento, as pessoas “pensavam que a Era de Ouro estava no passado e que o mundo estava estagnado, se não ruindo” (Harari, 2018, p. 274).

Claramente isto mudou. Nos últimos 500 anos a ideia de progresso chegou, se instaurou e fez moradia no imaginário da humanidade. A confiança no futuro foi o que motivou os grandes viabilizadores financeiros, nomeadamente os patrocinadores de todo crescimento vivenciado neste tempo (Harari, 2018, p. 322). A ideia de progresso e os futuros imaginários que ela gera andam de mãos dadas. Segundo Harari (2018, p. 307), “a ciência moderna e os impérios modernos foram motivados pela incessante sensação de que talvez algo importante os esperasse além do horizonte, algo que era melhor explorar e dominar”.

Chegando no século XX, percebe-se que esse imaginário de futuro se conectou então, de forma indelével, aos avanços tecnológicos que surgiram com velocidade exponencial neste período. Segundo Barbrook (2009, p. 36-37), vê-se a importância de uma nova tecnologia justamente pelo seu potencial de realização futuro, “a realidade é a versão beta de um sonho de ficção científica: o futuro imaginário” (Barbrook, 2009, p. 37).

Hoje, porém, neste início de século XXI, a ideia de futuro parece se encontrar ameaçada para as novas gerações. Os teóricos pós-modernistas, a partir dos anos de 1970, já traziam a ideia de que a evolução da história teria terminado em função de uma impossibilidade de

inovação cultural e progresso político. Dessa forma, o futuro seria um ciclo interminável de retorno ao presente tecnológico (Barbrook, 2009, p. 38). Mas o futuro para o século XXI assume características ainda mais negativas. Imagens catastróficas e apocalípticas assombram sempre à espreita, minando a abertura de possibilidades, limitando o imaginário futuro, muitas vezes, a partir de imagens distópicas de futuros pós-apocalípticos. Um grande sintoma disso é a descrença das novas gerações em qualquer possibilidade de um futuro melhor. Segundo Lawrence Grossberg, em entrevista concedida a Vítor Belanciano (2008):

O futuro ia ser dourado e os jovens tinham que ser moldados para que lhes fosse permitido representar essa ideia de futuro. Mas isso mudou, porque a noção de futuro também mudou. Hoje não há uma guerra contra os jovens, mas há uma guerra contra o futuro. Há uma presença acentuada de discursos apocalípticos e, os jovens, que representam o futuro, sofrem as consequências. Qualquer coisa que sempre demos como adquirido, como ter uma carreira ou uma pensão de velhice, é posto em causa. O problema é que se não acreditamos no futuro, não podemos ser responsáveis pelo que vai acontecer. (Belanciano, 2008).

James Lovelock, um dos criadores da hipótese de Gaia, que vê o planeta como um organismo vivo em busca de autorregulação, diz que “tentar salvar o planeta é bobagem, porque não podemos fazer isso. Se for salva, a Terra vai se salvar sozinha, que é o que sempre fez. A coisa mais sensível a se fazer é aproveitar a vida enquanto podemos” (BBC News, 2010). Para o filósofo italiano Franco Berardi, “o futuro torna-se uma ameaça quando o imaginário coletivo se torna incapaz de ver alternativas às tendências que levam à devastação, ao aumento da pobreza e à violência” (Berardi, 2011). É o fim do futuro.

Parece haver, por outro lado, o que poderíamos inicialmente tentar dividir em quatro tipos de visões e posturas de esperança de futuro que ainda resistem, estruturadas conforme a relação que estabelecem com a capacidade humana na direção da mudança e na relação com o tempo.

A primeira visão seria orientada à preservação ou retrocesso. Este é o grupo daqueles que concebem o futuro como um espaço de ameaça ao que se estima válido no presente ou passado, cuja estratégia é resistir, mantendo o *status quo* ou buscando recuperar configurações anteriores da sociedade, da tecnologia ou da natureza. Sua premissa fundamental é a desconfiança em relação à mudança acelerada e a valorização de formas de vida, conhecimentos e estruturas sociais consideradas mais autênticas ou moralmente superiores.

A segunda visão seria orientada à sobrevivência e adaptação. Este é o grupo que aceita a inevitabilidade da transformação, frequentemente catastrófica, e prioriza a resiliência, a

autossuficiência e a perpetuação da vida. Para eles, a esperança não reside em transformação sistêmica, mas em preparação ativa para resistir e subsistir em um mundo pós-colapso. A salvação não é coletiva ou estrutural; é individual ou comunitária, pragmática e orientada pela resistência.

A terceira visão seria autoritarista. Este é o grupo que busca impor uma ordem específica sobre o futuro através de mecanismos de controle centralizado, concentração de poder e supressão de alternativas. Diferentemente de visões que buscam transformação emancipatória ou preservação comunitária, propõem estruturas de governança onde o Estado, corporações ou elites técnicas exercem dominação sobre populações, frequentemente mediadas por tecnologia digital. O futuro imaginado é um onde a liberdade individual é subordinada a uma ordem hierárquica justificada por segurança, eficiência ou sobrevivência.

A quarta visão seria orientada à transformação e construção. Este é o grupo que assume a agência humana na modelagem ativa do futuro, apostando que mudança sistêmica é possível e necessária. Contudo, divergem radicalmente sobre qual tipo de transformação é desejável: uma aposta na transformação ecológica e regenerativa do modo de produção e relação com a natureza, e outra na transformação tecnológica e salvacionista através de inovação e progresso técnico. Ambas rejeitam o *status quo*, mas imaginam futuros fundamentalmente distintos.

Essas quatro visões representam, assim, as principais posturas contemporâneas de resistência diante da crise de imaginário de futuro que caracteriza nosso tempo. Cada uma delas articula suas próprias premissas, estratégias e esperanças, estruturando-se em torno de comunidades, movimentos e narrativas que circulam em contextos culturais, políticos e tecnológicos específicos.

O presente trabalho busca analisar a emergência e a gestação do imaginário presente especificamente na visão salvacionista tecnológica de futuro, tomando como estudo de caso um de seus maiores expoentes no ambiente midiático¹ contemporâneo: o empreendedor bilionário Elon Musk. Nosso propósito é entender de que maneira a mídia constrói e propaga um imaginário sobre o futuro por meio dos conteúdos a respeito de Musk, identificando quais mitos

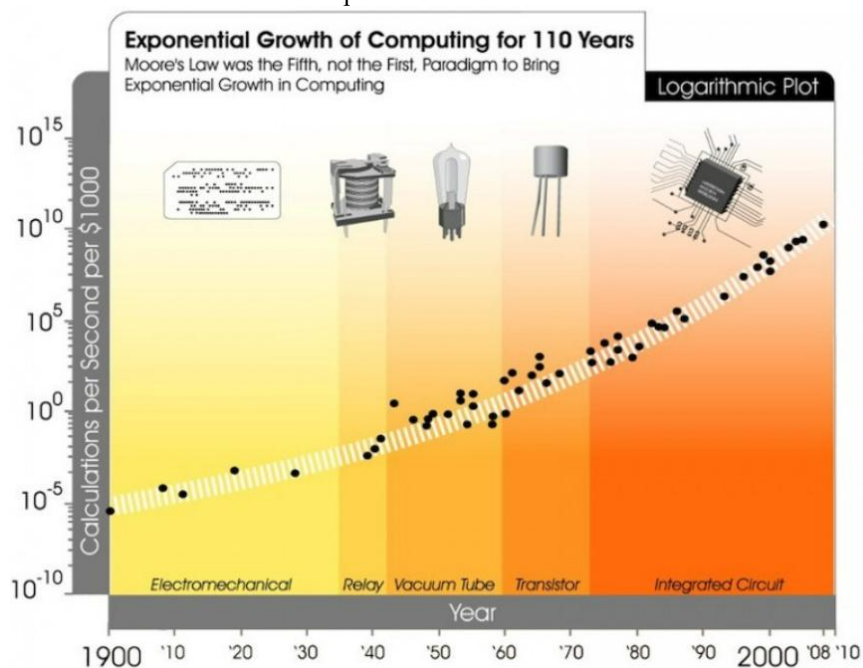
¹ Entendemos por ambiente midiático o espaço sociocultural em que circulam, se produzem e se consolidam narrativas, imagens e representações através de diversos veículos e tecnologias de comunicação. Não se trata de uma força abstrata ou monolítica, mas de um complexo ecossistema onde confluem: (1) instituições produtoras de conteúdo (estúdios, produtoras, redes de distribuição); (2) profissionais e criadores (cineastas, roteiristas, jornalistas); (3) tecnologias de transmissão e circulação; e (4) públicos receptores e coprodutores de sentido. O ambiente midiático é, portanto, um espaço de negociação de sentidos, onde poder, capital, imaginário e cultura interagem continuamente. Nesta pesquisa, o foco está especificamente nas produções audiovisuais documentárias como manifestações particulares deste ambiente mais amplo.

e mitologemas alimentam essa construção. Questionamos: Que futuro imaginado seria esse? Que imaginário de base o sustenta? Que mitos o alimentam em sua fase de emergência?

O ecossistema de startups e o universo do empreendedorismo inovador revelam uma premissa recorrente: a crença inabalável de que a inovação por si só é inerentemente benéfica. Nesse contexto, a busca por lucros exponenciais e crescimento infinito é frequentemente justificada como um bem para a humanidade, pois, conforme apontado por Harari (2018, p. 322), "os ricos são, portanto, as pessoas mais úteis e benévolas da sociedade, porque impulsionam o crescimento em benefício de todos". Esta pesquisa parte da observação de que, além da dimensão econômica dessa narrativa, há um substrato simbólico e mítico que merece investigação rigorosa. Os estudos em Comunicação e Psicologia indicam que essas crenças não se sustentam apenas em argumentos racionais, mas em construções imaginárias e arquetípicas que precisam ser decodificadas. Musk e seu objetivo declarado de “maximizar o tempo de vida provável da humanidade ou da consciência” (TED, 2022) personificam de forma exemplar essas aspirações, oferecendo um caso de estudo privilegiado para investigar como as produções midiáticas audiovisuais constroem e legitimam um imaginário de salvacionismo tecnológico.

Fato é que são exatamente essas empresas que têm moldado o futuro, tendo o impacto dessas transformações se ampliado exponencialmente no último século.

Gráfico 1 - Livro *The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology*, mostra como a tecnologia vem se acelerando exponencialmente no último século



Fonte: Kurzweil (2005)

Entender essas premissas, esse “imaginário a priori” que guia as criações tecnológicas e seus impactos sociais, é algo de extrema importância para compreender as forças invisíveis que guiam a sociedade contemporânea, especialmente em um contexto histórico marcado por ansiedade crescente diante da crise ecológica e climática.

O historiador Lewis Mumford, em sua crítica à “megamáquina” tecnológica, argumentou que a crença irracional de que a tecnologia resolverá todos os nossos problemas é tão antiga quanto a própria tecnologia moderna (Kuhns, 1971). Esta crença, que Mumford chamou de mito da máquina, funciona como uma estrutura ideológica invisível que justifica a expansão contínua do poder tecnológico sobre a vida humana e natural.

Assim, o salvacionismo tecnológico não é novidade do século XXI; trata-se da manifestação contemporânea de uma ideologia profundamente enraizada na modernidade ocidental que, como demonstramos nesta pesquisa, encontra em figuras como Musk uma encarnação potente.

Além disso, é importante lembrar que a técnica moderna não é meramente ferramenta neutra, mas um sistema autojustificável que se expande de acordo com sua própria lógica, independentemente de consequências humanas, como afirmava o filósofo e sociólogo Jacques Ellul (Kuhns, 1971). Isto significa que “é viável tecnicamente?” torna-se a pergunta decisória, e não mais as perguntas: “é ético?” ou “é necessário?”

O que chamamos de salvacionismo tecnológico muskiano é, precisamente, a manifestação cultural dessa lógica técnica: a ideia de que Musk deve colonizar Marte porque é tecnicamente possível, que deve criar Neuralink porque a fusão cérebro-computador é tecnicamente viável, que deve expandir a inteligência artificial porque é tecnicamente factível. As narrativas midiáticas amplificam e legitimam essa lógica de autojustificação técnica, transformando-a em narrativa heroica de salvação.

Crucialmente, este salvacionismo não emerge por acaso, é uma resposta ideológica produzida dentro dos limites do capitalismo contemporâneo. Uma sociedade capitalista em crise não pode questionar a própria acumulação; deve, em vez disso, oferecer narrativas que sugiram que a tecnologia (controlada por bilionários visionários) resolverá os problemas criados pelo próprio capitalismo.

Neste sentido, em uma sociedade midiática como a contemporânea, as produções audiovisuais e narrativas sobre tecnologia não são meros relatos factuais, elas constituem o espaço onde esse imaginário salvacionista se mostra, se dissemina e se retroalimenta ciberneticamente com mais força, oferecendo às novas gerações uma ilusão de esperança em face de um futuro crescentemente percebido como ameaçador. Os documentários aqui analisados funcionam como instrumentos dessa ideologia, transformando o que é uma crise sistêmica em oportunidade heroica de inovação.

Somado a isso, antes de procedermos com a análise teórica, é importante estabelecer que o estudo do imaginário em torno de Musk não é um exercício acadêmico abstrato, mas um mapeamento de um fenômeno público de relevância mensurável.

Indicadores de Impacto Público (2018-2022):

Até maio de 2022, período que delimita esta pesquisa, Musk apresentava os seguintes indicadores de alcance e influência:

- 95,1 milhões de seguidores na plataforma X (antigo Twitter), posicionando-o como uma das figuras públicas mais amplificadas globalmente.
- Posição de homem mais rico do mundo, conforme reconhecido pela revista Forbes em 2022 (Dolan; Kerry A.; Peterson-Withorn; Chase, 2022), concentrando poder econômico e capacidade de influência sobre narrativas.
- Controle acionário majoritário em um conglomerado de empresas de ponta:
- Tesla: Líder global em veículos elétricos e soluções de energia renovável.

- SpaceX: Única empresa privada com capacidade de lançar astronautas em órbita; reconfigurou a economia espacial (custos reduzidos a "um décimo do que era antes", conforme documentário analisado).
- Neuralink, Starlink, The Boring Company: Iniciativas em interfaces cérebro-computador, internet global via satélite, e transporte subterrâneo.
- Impacto na produção audiovisual contemporânea: Musk foi objeto direto de, pelo menos, 5 documentários lançados entre 2018 e 2022 (apenas em plataformas de distribuição massiva), além de centenas de reportagens, podcasts e conteúdo de redes sociais.

Tudo isso reverbera na sociedade. Emprestemos o termo “mapeamento por reverberação”² da astrofísica, que se refere à medição de como a radiação emitida por um objeto cósmico reverbera ou ecoa através de um sistema complexo, permitindo inferir propriedades estruturais invisíveis. Aplicado ao fenômeno Musk, o termo nos permite nomear um processo similar: como a narrativa sobre Musk ressoa através da sociedade, atravessando camadas complexas distintas (mídia, capital financeiro, consciência pública, investimento estatal), revelando estruturas invisíveis subjacentes (capitalismo, ansiedade coletiva, busca por significado).

Os documentários analisados nesta pesquisa não são causadores dessa reverberação; eles são amplificadores de um fenômeno que já difunde. Eles participam de um ciclo que ficará explícito ao longo do trabalho: 1. Musk articula visões grandiosas → 2. Mídia as amplifica → 3. Público as internaliza → 4. Capital financeiro responde → 5. Musk obtém recursos → 6. Ciclo reinicia.

Este estudo busca desvelar, através da análise mitocrítica, o substrato simbólico que torna essa reverberação possível e tão potente: os mitos, arquétipos e narrativas de salvação que estruturam a imagem de Musk e garantem a continuidade desse ciclo.

O recorte de tempo desta pesquisa propõe a data limite como maio de 2022, já que após esta data, a compra da plataforma social Twitter (posteriormente renomeada como X) por Musk, e seus desdobramentos subsequentes, como sua eventual ascensão à Casa Branca nos EUA no

² O termo "reverberation mapping" (mapeamento por reverberação, em português) foi introduzido pela astrônoma norte-americana Bradley M. Peterson e seus colaboradores no final dos anos 1980. A técnica de mapeamento por reverberação é amplamente utilizada em astronomia para medir as massas de buracos negros supermassivos e mapear a região que os orbita.

início de 2025, contaminaram a discussão sobre a visão de futuro com discussões de caráter presente, político e econômico, que fogem do escopo deste estudo.

Ao realizar um levantamento do estado da arte entre os anos de 2010 e 2022, foi identificado que Musk foi tema de alguns trabalhos, em sua maior parte documentais e descritivos. Os livros publicados em português são essencialmente documental-biográficos, como *Elon Musk, Os Negócios do Empreendedor que Está Mudando o Mundo* (Infante, 2021), *Elon Musk: A Biografia de um Gênio Moderno e Titã dos Negócios* (Whitman, 2020), e *Elon Musk: Como o CEO bilionário da SpaceX e da Tesla está moldando nosso futuro* (Vance, 2015). Os documentários seguem a mesma linha: *Elon Musk: The Real Life Iron Man* (2018), *Inspiration 4: Viagem Estelar* (2021), *Magnatas do Espaço: Musk, Bezos e Branson* (2021), *De volta ao espaço* (2022), e *Elon Musk's crash course* (2022). Foram encontrados apenas dois artigos em português diretamente sobre Musk, e outros vários sobre os temas que orbitam seu universo, como inteligência artificial, ciborgues, pós-humanismo, viagens espaciais, entre outros, e que o referenciam em algum momento.

Realizou-se também uma pesquisa web-bibliográfica para complementar o Estado da Arte. Nas seguintes fontes de dados digitais: Banco de Periódicos da Capes, Banco de Teses da Capes, Google Acadêmico, Banco de Teses da USP, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e na Academia.edu, pesquisou-se ainda os temas “futuros distópicos”, “pós-humanismo” e “imaginário tecnológico”, todos em português, entre os anos de 2010 e 2022. Para o tema “futuros distópicos”, foram encontrados 18 resultados, sendo 5 deles relevantes para a presente pesquisa. Para o tema “pós-humanismo”, foram encontrados 290 resultados, sendo 30 deles relevantes. Para o tema “imaginário tecnológico” foram encontrados 62 resultados, sendo 9 deles relevantes.

Como a produção existente percorre majoritariamente um caráter descritivo, biográfico, documental e quantitativo, verifica-se a importância de se desenhar um trabalho qualitativo sobre o tema, buscando entender este “imaginário a priori” que permeia o universo tecnológico e desenha esse imaginário de futuro.

Dessa forma, a partir deste levantamento, define-se que o corpus geral da pesquisa abrangerá dois documentários feitos a seu respeito ou sobre suas empresas entre os anos de 2018 e 2022: *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018) e *De volta ao espaço* (2022). Embora o recorte temporal de 2018 a maio de 2022 seja mais curto do que o tradicionalmente empregado em uma Mitoanálise de Gilbert Durand (que, para compreender a mitologia que

anima toda uma época, sugere um período de, pelo menos, uma geração, cerca de 36 anos), ele é considerado estratégico para esta pesquisa. Para o fenômeno específico de Musk, caracterizado por uma ascensão e consolidação no ambiente midiático (manifesta em documentários, cobertura de imprensa e circulação em redes sociais) particularmente acelerada e intensa nesse período, este "microciclo" é significativo o suficiente para observar a manifestação inicial e a gestação de padrões simbólicos e arquetípicos. Dessa forma, este estudo se propõe a realizar uma Análise Mitocrítica Aprofundada desse corpus, fazendo inferências iniciais no sentido da Mitoanálise e possibilitando um retrato da emergência desses conteúdos imaginários no cenário contemporâneo.

A metodologia utilizada, portanto, é a pesquisa documental com análise do imaginário, através do levantamento de metáforas obsessivas presentes nas comunicações em torno de Musk, reconhecendo-se que percorrer o caminho das metáforas obsessivas constitui um critério importante para os estudos do imaginário. O impacto junto à opinião pública, manifestado via audiência e adesão, também é um indicador relevante para entender o que está emergindo como conteúdo arquetípico e o seu poder de ressonância.

De forma mais pontual, o objetivo primário é levantar um quadro de como as produções midiáticas (especificamente documentários) apresentam o futuro imaginário do salvacionismo tecnológico a partir do caso Musk.

Os objetivos secundários são mapear as categorias de imagens simbólicas que se manifestam no corpus acerca do tema e, finalmente, analisar essas imagens simbólicas em busca de um mitologema que revele com quais conteúdos imaginários se projeta, contemporaneamente, o futuro.

A hipótese é a de que existe todo um substrato mitológico na construção narrativa de Musk nas produções midiáticas audiovisuais, representando todo um conteúdo imaginário próprio sobre o futuro em fase de emergência.

Para dar base à análise teórica, buscamos a interface com o pensamento de autores/pesquisadores oriundos de três grandes áreas de pesquisa: Ciências do Imaginário, Complexidade, Estudos de Mídia e Cultura, Pós-Modernidade e Tecnologia. A teoria da Complexidade de Edgar Morin, em especial, fornecerá uma metaperspectiva³ fundamental para compreender a natureza multifacetada e interconectada do Imaginário.

³ Usamos a palavra perspectiva no sentido de que se trata de uma perspectiva sobre uma perspectiva. A teoria da complexidade de Edgar Morin traz um arcabouço da complexidade que serve para localizar e integrar as outras perspectivas apresentadas no trabalho em uma espécie de supervisão que costura o todo.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o Capítulo I discute a história da ideia de futuros imaginários e as grandes escolas de pensamento contemporâneo; o Capítulo II investiga o salvacionismo tecnológico muskiano através da análise dos documentários, desvelando as categorias simbólicas emergentes; o Capítulo III aprofunda as lentes teóricas sobre o Imaginário, a Complexidade e as ferramentas da Mitocrítica e Mitoanálise; e, finalmente, o Capítulo IV apresenta a interpretação dos achados à luz desses referenciais, buscando o mitologema central e suas implicações para o imaginário do futuro.

Com este trabalho, pretendemos lançar luz sobre o substrato mitológico na construção da presença de Musk nas narrativas audiovisuais (especialmente os dois documentários analisados), fornecendo um retrato da emergência do conteúdo imaginário próprio sobre o futuro que ele representa e catalisa.

CAPÍTULO I - O FUTURO

1.1 História dos futuros imaginários

O percurso da humanidade, desde seus primórdios, tem sido intrinsecamente moldado pela sua relação com o tempo, e, de forma particular, com a projeção de seu porvir. O presente capítulo se propõe a traçar uma arqueologia do conceito de “futuro” e dos “futuros imaginários”, explorando como essa dimensão temporal evoluiu na consciência humana, passando de uma preocupação imediata e cíclica para uma construção progressiva e, por vezes, utópica, culminando nas complexas e por vezes distópicas visões que caracterizam o século XXI.

Partimos da análise das transformações sociais e cognitivas que, em diferentes épocas históricas, redefiniram a maneira como o homem concebe o que está por vir. Investigamos como as revoluções agrícola, científica e industrial catalisaram essa mudança, e como a modernidade cimentou a crença no progresso como motor central da história. Em seguida, debatemos as manifestações dessa visão no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando a tecnologia assumiu um papel central na promessa de um amanhã glorioso. Finalmente, este capítulo confronta as crises contemporâneas que desafiam a própria noção de futuro, explorando categorias de pensamento que parecem emergir em resposta a essa incerteza, com um olhar particular para o chamamos de salvacionismo tecnológico, campo no qual se insere o objeto central desta dissertação: a figura de Musk e o imaginário construído em torno de suas iniciativas. Ao compreender a tessitura histórica e cultural dessa projeção do futuro, abrimos caminho para uma análise mais aprofundada do "salvacionismo tecnológico muskiano" nos capítulos subsequentes.

1.1.1 O nascimento da noção de futuro: sociedades agrícolas

A transição de um modo de vida nômade, centrado na caça e coleta, para a sedentarização imposta pela agricultura, marcou um ponto de inflexão fundamental na relação humana com o futuro. Antes, a sobrevivência dependia da disponibilidade imediata de recursos, com pouca margem para planejamento a longo prazo. A Revolução Agrícola, contudo, introduziu uma nova dinâmica que exigia uma projeção temporal inédita.

Como aponta Harari, “desde o advento da agricultura as preocupações com o futuro se tornaram atores importantes no teatro da mente humana” (Harari, 2018, p. 107). O plantio e a

colheita, a estocagem de alimentos e a previsão de estações passaram a demandar uma visão prospectiva. Não era mais apenas sobre o que se tinha no momento, mas sobre o que se precisaria ter e como garantir que isso fosse produzido em ciclos futuros. Os camponeses, diferentemente dos caçadores-coletores, estavam agora intrinsecamente ligados a um ciclo de produção que os obrigava a pensar adiante.

Harari reforça essa ideia ao afirmar que: “Os camponeses se preocupavam com o futuro não só porque tinham mais motivos para se preocupar, mas também porque podiam fazer algo a respeito” (Harari, 2018, p. 108). Essa capacidade de intervir ativamente no processo produtivo conferiu à humanidade uma sensação de agência sobre seu destino, solidificando a preocupação com o futuro e a possibilidade de direcionar sua criação como um elemento central da existência humana.

1.1.2 A noção de futuro da antiguidade e do medieval

Apesar do surgimento da capacidade de planejar o futuro com a agricultura, as sociedades da Antiguidade e do período Medieval não cultivavam a ideia de progresso contínuo no sentido moderno. A visão predominante era de um tempo cíclico ou de um declínio gradual, com uma idealização do passado como uma "Era de Ouro".

Segundo Harari, “Até a Revolução Científica, a maioria das culturas humanas não acreditava em progresso. Elas pensavam que a Era de Ouro estava no passado e que o mundo estava estagnado, se não ruindo” (Harari, 2018, p. 274). Essa perspectiva refletia uma realidade de mudanças sociais mais lentas e uma menor capacidade de intervenção humana sobre as forças naturais. A inovação, quando ocorria, era vista como uma melhoria pontual, e não como parte de uma trajetória ascendente e ilimitada.

Adicionalmente, a esperança por um futuro melhor muitas vezes estava atrelada a intervenções divinas ou a figuras messiânicas, e não à engenhosidade humana. “Muitos credos sustentavam que algum dia um messias apareceria e colocaria fim a todas as guerras, à fome e até mesmo à própria morte. Mas a noção de que a humanidade pudesse fazer isso adquirindo novos conhecimentos e inventando novas ferramentas era menos do que risível, era arrogante” (Harari, 2018, p. 274). Isso demonstra uma limitação do imaginário coletivo quanto ao poder transformador inerente à própria ação humana. O futuro era, em grande parte, predeterminado ou dependente de forças sobrenaturais, e não um campo aberto para a criação e o aprimoramento contínuo.

1.1.3 A noção de futuro do renascimento e da modernidade

O Renascimento e, posteriormente, a Idade Moderna, marcaram uma profunda ruptura com as concepções medievais do futuro. A redescoberta do conhecimento clássico, as grandes navegações e a emergência da ciência moderna impulsionaram uma nova mentalidade que via o futuro não como um retorno ao passado dourado, mas como um horizonte a ser explorado, conquistado e moldado pela ação humana. A ideia de progresso, antes quase inexistente, começou a ganhar força.

Harari destaca a singularidade das explorações europeias: “Essas expedições europeias de exploração e conquista são tão familiares para nós que tendemos a não perceber o quanto foram extraordinárias. Nada parecido havia acontecido antes. Campanhas de conquista de longa distância não são uma atividade natural” (Harari, 2018, p. 299). Essa nova audácia reflete uma mudança de paradigma, onde a ignorância sobre o desconhecido se transformava em um convite à descoberta e ao domínio.

A motivação por trás dessas empreitadas não era apenas econômica ou religiosa, mas também a busca por conhecimento e a crença na capacidade humana de expandir seus limites. “O que tornou os europeus excepcionais foi sua ambição insaciável e inigualável por explorar e conquistar” (Harari, 2018, p. 300). Essa ambição transbordava para o campo científico.

A sinergia entre o ímpeto imperialista e o avanço científico é crucial para entender a consolidação do imaginário de progresso. Como sublinha Harari: “A ciência moderna e os impérios modernos foram motivados pela incessante sensação de que talvez algo importante os esperasse além do horizonte, algo que era melhor explorar e dominar. Mas a relação entre ciência e império era muito mais profunda. Não só a motivação como também as práticas dos que erguiam impérios se confundiam com as dos cientistas. Para os europeus modernos, construir um império era um projeto científico, e criar uma disciplina científica era um projeto imperial” (Harari, 2018, p. 307). Essa fusão entre exploração, conquista e busca por conhecimento consolidou a ideia de que o futuro era algo a ser ativamente construído e aperfeiçoado pela engenhosidade humana.

1.1.4 A noção de futuro da modernização e da indústria (no princípio do século XX)

No início do século XX, a crença no progresso e na capacidade humana de moldar o futuro atingiu um novo patamar com a plena ascensão da Revolução Industrial e a modernização

econômica. A lógica do crescimento exponencial, antes teórica, começou a se materializar em uma escala sem precedentes, impulsionada pela confiança em um futuro de prosperidade ilimitada.

A essência desse novo modelo econômico, que parecia desafiar as limitações históricas da escassez, reside na confiança intrínseca no porvir. Harari descreve essa dinâmica de forma eloquente: “Parece um esquema Ponzi gigante, não? Mas, se isso é uma fraude, então toda a economia moderna é uma fraude. A verdade é que não se trata de uma fraude, e sim de um tributo às capacidades incríveis da imaginação humana. O que permite que os bancos, e toda a economia, sobrevivam e floresçam é nossa confiança no futuro. Essa confiança é a única garantia para a maior parte do dinheiro do mundo” (Harari, 2018, p. 317).

Essa confiança no futuro não era apenas uma questão econômica, mas um pilar ideológico que sustentava a expansão industrial e o consumo em massa. O progresso material tornava-se visível, e a promessa de uma vida melhor para as massas era o motor que justificava os investimentos e as transformações sociais. A modernização, impulsionada por essa fé no crescimento contínuo, moldava o imaginário de um futuro cada vez mais abundante e tecnologicamente avançado.

1.1.5 A noção de futuro no presente (pós II Guerra)

Após a devastação da Segunda Guerra Mundial, o futuro, embora ainda imbuído da promessa de progresso tecnológico, adquiriu uma nova complexidade, intrinsecamente ligada à polarização da Guerra Fria. O período assistiu a uma aceleração vertiginosa dos avanços científicos e tecnológicos, que passaram a ser vistos não apenas como facilitadores da vida, mas como garantias de supremacia geopolítica e veículos para utopias concorrentes.

A "Feira Mundial de Nova Iorque de 1964" é um exemplo icônico dessa era, como bem detalha Barbrook (2009). A exposição era um palco para a celebração da superioridade tecnológica estadunidense, onde foguetes espaciais, reatores nucleares e computadores mainframe não eram apenas inovações, mas símbolos de um futuro prometido. Barbrook explica que: “O que realmente impressionou o Richard de sete anos, assim como milhões de outros visitantes, foram as sublimes exposições de novas tecnologias. [...] Diante de seus próprios olhos, a ficção científica se viu transformada em fato científico” (Barbrook, 2009, p. 74).

A corrida espacial, impulsionada pela rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética, elevou a ciência e a engenharia a um status quase messiânico. A IBM, por exemplo, não apenas vendia computadores, mas prometia a realização da inteligência artificial. Barbrook descreve a exibição da IBM: “No seu pavilhão Progressolândia, uma intensa e barulhenta explosão de luz e sons era criada a cada seis segundos ao espremer plasma com um ímã gigantesco” (Barbrook, 2009, p. 45). Essa demonstração, embora espetacular, disfarçava a origem militar de muitas dessas tecnologias.

A visão de McLuhan da "aldeia global", impulsionada pela televisão, satélites e computadores, prefigurava um mundo unificado pela tecnologia. Barbrook enfatiza que “Ao mesmo tempo em que os primeiros visitantes da Feira Mundial de 1964 admiravam a Uniesfera, Marshall McLuhan, um professor canadense, publicava um livro que fornecia a explicação teórica desse sonho de harmonia audiovisual: Os meios de comunicação como extensões do homem” (Barbrook, 2009, p. 108). A tecnologia era percebida como a força motriz da história, capaz de transcender barreiras geográficas e culturais, prometendo paz e prosperidade. O futuro era, assim, uma extensão lógica e desejável do presente tecnológico, um "século estadunidense" a ser replicado globalmente.

No entanto, essa era também carregava em si a semente das futuras desilusões. A promessa de inteligência artificial plena e energia "barata demais para ser medida", embora central na retórica da época, mostrou-se mais complexa de ser alcançada. Barbrook ironiza: “A hiper-realidade colidiu com a realidade, e perdeu” (Barbrook, 2009, p. 91). A computação, por exemplo, apesar de sua popularidade, não se tornou a inteligência sensível dos robôs, mas uma ferramenta burocrática e de controle. A concepção da “máquina humana”, associada ao pensamento de John von Neumann, revela menos uma promessa de libertação e mais uma lógica de otimização e controle própria do sistema fordista. A busca por esses "futuros imaginários" revelou-se, portanto, uma dança complexa entre a promessa tecnológica e as realidades sociais, econômicas e geopolíticas.

1.1.6 A noção de fim do futuro (atualidade)

No limiar do século XXI, a euforia tecnológica do pós-guerra cedeu lugar a uma crescente incerteza e, para muitos, a uma percepção de "fim do futuro". As promessas utópicas da era industrial, que vislumbravam um progresso linear e ininterrupto, confrontam-se hoje com

crises sistêmicas, climáticas, sociais e existenciais, que minam a confiança em um amanhã inerentemente melhor.

A visão pós-modernista, que começou a se delinear nos anos 1970, já questionava a lógica do progresso, sugerindo um "retorno do tempo circular" onde a inovação cultural e o progresso político estagnariam. Como argumenta Barbrook: “Para os pós-modernistas mais pessimistas, esse renascimento do tempo cíclico comprovou que não poderia haver nenhum futuro melhor. A evolução histórica havia terminado. A inovação cultural era impossível. O progresso político parara. O futuro não é nada mais do que “o eterno retorno” ao presente (Barbrook, 2009, p. 38). Essa desilusão se aprofunda diante de desafios globais. As catástrofes ambientais iminentes e a percepção de uma degradação planetária sem retorno geram um imaginário de futuros distópicos. James Lovelock, criador da hipótese de Gaia, exemplifica essa perspectiva ao afirmar que: “tentar salvar o planeta é bobagem, porque não podemos fazer isso. Se for salva, a Terra vai se salvar sozinha, que é o que sempre fez. A coisa mais sensível a se fazer é aproveitar a vida enquanto podemos” (BBC News, 2010). Esse desengajamento radical, embora cínico, reflete uma desesperança profunda na capacidade humana de reverter o curso atual.

Franco Berardi complementa essa visão, argumentando que “o futuro se torna uma ameaça quando o imaginário coletivo se torna incapaz de ver alternativas às tendências que levam à devastação, ao aumento da pobreza e à violência” (Berardi, 2011). A ausência de narrativas alternativas e o predomínio de cenários sombrios resultam em uma paralisia, onde o futuro não é mais um horizonte de possibilidades, mas uma fonte de ansiedade e desespero. Para as novas gerações, a promessa de um amanhã melhor, que antes impulsionava o progresso, parece ter-se desfeito. O que resta é uma "guerra contra o futuro", como observa Lawrence Grossberg, pois "se não acreditamos no futuro, não podemos ser responsáveis pelo que vai acontecer” (Belanciano, 2008). Este cenário de descrença e estagnação marca o "fim do futuro" tal como o concebíamos.

1.2 Disputas: As grandes escolas dos futuros imaginários contemporâneos

Os futuros imaginários contemporâneos não constituem um campo homogêneo de representações, ao contrário, expressam-se através de uma pluralidade de visões, frequentemente antagônicas, que revelam não apenas distintas compreensões do que virá, mas sobretudo diferenças profundas acerca do como se deve agir diante do futuro. Essas visões

refletem posicionamentos fundamentais sobre a relação entre humanidade, tecnologia, natureza e sociedade.

Para compreender essa multiplicidade propomos uma taxonomia estruturada em torno de quatro grandes visões dos futuros imaginários contemporâneos. Esta categorização emerge de uma análise crítica da literatura sobre futuros e imaginários sociais, assim como da observação de movimentos culturais, políticos e tecnológicos que marcam o início do século XXI.

As quatro visões organizam-se conforme a relação que estabelecem com a capacidade humana na direção da mudança e na relação com o tempo. A primeira, orientada à preservação ou retrocesso, concebe o futuro como um espaço de ameaça ao que se estima válido no presente ou no passado; sua estratégia é resistir, manter ou recuperar. A segunda, orientada à sobrevivência e adaptação, aceita a inevitabilidade da transformação, frequentemente catastrófica, e prioriza a resiliência, a autossuficiência e a perpetuação da vida. A terceira, autoritarista, busca impor uma ordem específica sobre o futuro através de mecanismos de controle, supressão de alternativas e negação de realidades incômodas. A quarta, orientada à transformação e construção, assume a agência humana na modelagem ativa do futuro, subdividindo-se em dois paradigmas distintos: o paradigma regenerativo/ecológico, que privilegia a harmonia com a natureza e a sustentabilidade, e o paradigma salvacionista/tecnológico, que deposita confiança primordial na inovação e na engenhosidade humana.

Essa estrutura taxonômica oferece algumas vantagens analíticas. Primeiramente, reconhece que os imaginários de futuro não são meramente individuais ou especulativos: eles estruturam-se em torno de escolas de pensamento, isto é, agrupamentos coerentes de premissas, narrativas e práticas que circulam em contextos culturais, políticos e tecnológicos específicos.

Essa noção de escolas alinha-se com a compreensão dos imaginários como estruturas simbólicas compartilhadas que orientam a ação social (Durand, 2012; Morin, 2005). Os imaginários não são nebulosos ou puramente mentais; eles cristalizam-se em narrativas, imagens, práticas e instituições que circulam e ganham força através de comunidades. As escolas de futuros imaginários contemporâneos representam precisamente isso: comunidades, agrupamentos ou o que comumente hoje chamamos de "bolhas", que compartilham essas premissas, símbolos e esperanças específicos sobre o que o futuro pode ou deve ser, legitimando certas ações e deslegitimando outras.

Por fim, essa taxonomia responde a uma urgência contemporânea. Em um momento de transição histórica, marcado por crises climáticas, transformações tecnológicas vertiginosas, reconfiguração geopolítica e questionamentos profundos sobre a viabilidade dos modelos civilizacionais vigentes, os imaginários de futuro deixam de ser meras especulações acadêmicas ou literárias. Tornam-se forças políticas concretas que orientam decisões sobre investimentos, regulação, educação e mobilização social. Compreender as diferentes escolas de futuros imaginários é, portanto, compreender as batalhas ideológicas e epistemológicas que definem nosso presente e constroem, ou possibilitam, nossos caminhos futuros. É nesse campo de disputas que o salvacionismo tecnológico se posiciona, como uma das respostas possíveis diante dos desafios futuros.

1.2.1 Visões orientadas à preservação ou retrocesso

As visões orientadas à preservação ou retrocesso compartilham uma premissa fundamental: o futuro representa ameaça ao que se estima valioso no presente ou passado. Sua estratégia é a resistência, seja mantendo o *status quo*, seja buscando recuperar configurações anteriores da sociedade, da tecnologia ou da natureza. Essas visões caracterizam-se pela desconfiança em relação à mudança acelerada e pela valorização de formas de vida, conhecimentos e estruturas sociais consideradas mais autênticas, naturais ou moralmente superiores. Em função da sua relação com o que buscam preservar/retroceder e como, dividimos os grupos que se enquadram nessa visão em três possíveis escolas: Tradicionalistas e Reacionários Radicais, Neoluditas (ou antitecnológicos seletivos) e Conservadores Estáticos.

1.2.1.1 Tradicionalistas e reacionários radicais

Tradicionalistas e reacionários radicais concebem o passado, ou uma versão idealizada dele, como ponto de referência normativo. Para eles, a modernidade representou uma ruptura não apenas tecnológica, mas existencial: destruiu hierarquias naturais, desintegrou comunidades coesas, corroeu valores transcendentais e substituiu sabedorias milenares por racionalismo vazio. Como argumenta o escritor e filósofo conservador Roger Scruton (2017), “o termo ‘reacionário’ (do francês *réactionnaire*) surgiu por volta da época da Revolução, para designar aqueles que desejavam desfazer todo o projeto e restaurar alguma parte, talvez a maior parte, daquilo que havia sido destruído”. Sua visão de futuro é fundamentalmente restauradora.

Não se trata simplesmente de frear a mudança, mas de recuperar formas de organização social, espiritual e política que entendem como intrinsecamente superiores.

Esse posicionamento pode manifestar-se de formas distintas: desde conservadorismo religioso, que busca reverter secularização, até nacionalismos que idealizam períodos de suposta pureza nacional, passando por romanticismos que fetichizam a vida rural ou pré-industrial. O sociólogo Karl Mannheim (1952), em sua análise clássica do conservadorismo, identificou que o pensamento conservador se caracteriza pela "resistência ao tempo histórico e pela tentativa de eternizar o presente mediante a projeção para trás", ou seja, transformar o presente em passado idealizado. Para os reacionários radicais, o futuro não é a realização inexorável da modernidade, mas um campo de possibilidade onde o retorno é viável, desde que se mobilizem forças políticas, culturais e espirituais suficientemente potentes.

Alguns exemplos são as comunidades Amish, certos movimentos religiosos isolacionistas e movimentos culturais que buscam revitalizar práticas ancestrais. Essa visão ganhou particular visibilidade em movimentos de *volta às raízes* que emergiram com força no século XXI como reação à homogeneização cultural e ao capitalismo global.

1.2.1.2 Neoluditas (ou antitecnológicos seletivos)

Diferentemente dos reacionários radicais, neoluditas não necessariamente idealizam o passado em sua totalidade, mas questionam radicalmente a trajetória tecnológica contemporânea. Seu argumento central é que a tecnologia, particularmente a digital, a inteligência artificial e a biotecnologia, não representa progresso neutro, mas encarnação de lógicas de controle, exploração e alienação. O historiador David Noble (1993), em sua obra defensora do ludismo, argumenta que os luditas originais, frequentemente caricaturados como inimigos cegos da tecnologia, na verdade, "entendiam a tecnologia no tempo presente", analisando seus impactos materiais imediatos e agindo conscientemente para moldar sua implementação. Os neoluditas contemporâneos resgatam essa lógica: trata-se não de rejeição absoluta da tecnologia, mas de recusa à *determinação tecnológica*, a ideia de que inovações técnicas devem ser aceitas passivamente como inevitáveis.

O filósofo e cientista político Langdon Winner (1980), em sua análise sobre política tecnológica, demonstra que "artefatos têm qualidades políticas", ou seja, as tecnologias não são neutras, mas incorporam visões de mundo, relações de poder e estruturas sociais específicas. Essa perspectiva fundamenta a crítica neoludita: se tecnologias não são neutras, então sua

adoção não é puramente técnica, mas eminentemente política. Sua visão de futuro passa por uma desaceleração seletiva, abandono crítico ou até rejeição abrupta de certas tecnologias, particularmente aquelas que amplificam vigilância, alienação do trabalho ou colapso ambiental.

O neoludismo contemporâneo não se restringe a acadêmicos. O autor neoludita Kirkpatrick Sale (1995), em *Rebels Against the Future* (Rebeldes Contra o Futuro em tradução livre), resgata a história dos Luditas como lição para a contemporaneidade, argumentando que escolhas tecnológicas podem e devem ser contestadas. Sale defende que "nem todo avanço tecnológico é progresso real" e que sociedades têm capacidade de rejeitar seletivamente inovações quando seus custos sociais e ambientais se mostram insuportáveis.

Para neoluditas, um futuro viável passa por frear a aceleração tecnológica, recuperar formas de trabalho artesanal ou manufatureiro, proteger a autonomia humana frente ao comando de máquinas e algoritmos, e resgatar a capacidade das comunidades de *escolher* quais tecnologias adotar. Essa visão ganhou renovada relevância em contextos contemporâneos de preocupação com vigilância digital, desemprego tecnológico, manipulação algorítmica de comportamento e colapso ambiental.

Alguns exemplos de neoluditas são comunidades que se isolam da internet, movimentos que defendem o *desplugamento* ou a reconexão com práticas manuais, críticos ferrenhos do avanço IA ou da automação em prol da criatividade ou autonomia humana.

1.2.1.3 Conservadores estáticos

Conservadores estáticos diferem fundamentalmente de reacionários radicais por não buscarem ativamente restauração do passado, mas sim manutenção e preservação do presente. Sua premissa ontológica é que a atual configuração social, política e econômica, embora imperfeita, representa um equilíbrio conquistado através de séculos de evolução institucional e deve ser protegida contra pressões por transformação radical. O filósofo político Edmund Burke, fundador do conservadorismo moderno, articulou essa posição de forma clássica em sua crítica à Revolução Francesa, argumentando que "as instituições políticas devem crescer organicamente; não devem ser recriadas pela razão abstrata". Para Burke, mudanças abruptas e teoricamente justificadas representam ameaça ao tecido social porque destroem a "sabedoria acumulada" de instituições que evoluíram através da tentativa, do erro e da adaptação (Burke, 2003).

Michael Oakeshott (1962), filósofo político conservador britânico do século XX, refinaria essa argumentação através do conceito de "disposição conservadora". Para Oakeshott, ser conservador não é abraçar uma ideologia fixa, mas uma temperança, uma "preferência pelo familiar sobre o desconhecido, pelo experimentado sobre o não-testado" (Oakeshott, 1962). Crucialmente, Oakeshott critica o que chama de "racionalismo político", a crença de que a razão abstrata pode redesenhar a sociedade de forma funcional. Ao contrário, ele defende que política é uma "atividade de conduta" que deve ser guiada pela experiência histórica, não por projetos utópicos. Conservadores estáticos, nessa perspectiva, desconfiam profundamente de ideologias transformadoras (sejam progressistas, revolucionárias ou mesmo tecnoutópicas) porque entendem que elas ignoram as complexidades não racionalizáveis da vida social.

A visão de futuro dos conservadores estáticos é essencialmente defensiva: preservar instituições estabelecidas, Estado de direito, separação de poderes, tradições culturais, estruturas econômicas institucionalizadas, contra pressões por transformação radical. Diferem de neoluditas por não rejeitarem tecnologia *per se*, mas por temerem a velocidade e a escala de sua adoção quando não mediadas por instituições tradicionais. Diferem de reacionários por aceitarem certa inevitabilidade da mudança, reconhecem que "alguma mudança é conservadora", como observa Russell Kirk (Kirk, 1953) em sua obra *The Conservative Mind* (A Mente Conservadora, em tradução livre), aceitando que reformas graduais podem ser necessárias para preservar a ordem essencial. Conservadores estáticos frequentemente ocupam posições de poder institucional na política, na academia, na religião e em corporações estabelecidas, e utilizam essas posições para modular, frear ou redirecionar reformas que consideram ameaças ao equilíbrio social alcançado.

Alguns exemplos de conservadores estáticos são certos partidos políticos ou movimentos que defendem políticas estritamente de manutenção de estruturas e valores sem grandes reformas, mesmo diante de pressões por inovação ou adaptação.

1.2.1.4 Crítica e limitações das visões orientadas à preservação ou retrocesso

As visões orientadas à preservação ou retrocesso podem ter um apelo nostálgico em alguns momentos, mas enfrentam desafios críticos em contextos de crise sistêmica contemporânea. Primeiramente, elas pressupõem uma reversibilidade possível de mudanças históricas, a possibilidade de recuperar estruturas, valores ou tecnologias anteriores, em um mundo onde certas transformações (climáticas, genômicas, digitais) são materialmente

irreversíveis. Em segundo lugar, essas visões contêm tensão interna: os próprios tradicionalistas e neoluditas utilizam tecnologias contemporâneas (redes sociais, internet, biotecnologia) para mobilizar contra a modernidade, revelando que a "volta" que propõem é parcial, seletiva e potencialmente incoerente. Terceiro, elas enfrentam problema de arbitrariedade histórica: qual passado recuperar? Qual momento "congelado" seria o ideal? Essa indefinição mina sua pretensão normativa. Por fim, em contextos de aquecimento climático, extinção de espécies e transformação tecnológica vertiginosa, a estratégia puramente defensiva ou regressiva pode ser percebida como sublimação de responsabilidade prospectiva, uma recusa de participar ativamente na modelagem do futuro, deixando-o aos *acasos* de forças não controladas.

1.2.2 Visões orientadas à sobrevivência e adaptação

As visões orientadas à sobrevivência e adaptação partem de uma premissa crítica: o colapso é, em alguma medida, inevitável. Ao contrário de visões que buscam evitar ou transformar radicalmente as ameaças, este grupo concentra sua energia em garantir a continuidade da existência em contextos de catástrofe. A ação não visa à prevenção sistêmica de crises climáticas, econômicas ou sociais, mas à preparação ativa para subsistência e resiliência quando essas crises se manifestarem. Para essas visões, a salvação não é coletiva ou estrutural; é individual ou comunitária, pragmática e orientada pela resistência. Em função da sua relação com as formas de sobreviver e se adaptar, dividimos os grupos que se enquadram nessa visão em duas possíveis escolas: Sobrevivencialistas Tradicionais e Bilionários Apocalípticos.

1.2.2.1 Sobrevivencialistas tradicionais

Os sobrevivencialistas tradicionais adotam uma perspectiva fundamentalmente pessimista quanto à capacidade de evitar catástrofes iminentes, sejam elas climáticas, econômicas, de colapso social ou mesmo de extinção em larga escala. Para eles, a esperança não reside em transformação sistêmica, mas em preparação ativa para resistir e subsistir em um mundo pós-colapso. Essa perspectiva é historicamente informada pelo reconhecimento da ineficácia dos esforços de controle centralizado. O historiador Scott Gabriel Knowles, em sua análise sobre a gestão de riscos nos Estados Unidos no período da Era da Defesa Civil⁴, aponta

⁴ O conceito central da Defesa Civil (Civil Defense Era - 1940s–1980s) era que a sobrevivência dependia da preparação ativa da população. Knowles descreve extensivamente a mentalidade de preparação e sobrevivência

o ceticismo em relação às autoridades, observando que “a fé da nação em profissionais de desastres autônomos ou em formuladores de políticas públicas esclarecidos nunca foi recompensada com muito sucesso no controle de riscos ou desastres na América” (Knowles, 2011). Nesse sentido, a cultura de *prepping*⁵ contemporânea emerge como resposta à percepção de vulnerabilidade estrutural do sistema.

Suas estratégias variam em espectro e sofisticação: desde o acúmulo de recursos (alimentos, água, medicamentos, combustível), desenvolvimento de habilidades de autossuficiência (cultivo, fabricação artesanal, primeiros socorros), até construção de abrigos isolados e comunidades preparadas. O futuro é visto como um cenário distópico que não pode ser evitado, mas pode ser enfrentado e, nessa concepção, a ação se concentra na resiliência individual ou de pequenos grupos face à desintegração social e ambiental.

A comunidade *preparacionista* frequentemente constrói narrativas onde a catástrofe não é somente possível, mas moralmente justificável como horizonte de planejamento racional, motivada por antecipação de crises climáticas aceleradas, instabilidade política, crises econômicas recorrentes, pandemias globais. Para sobrevivencialistas, preparar-se é não apenas lógico, é uma responsabilidade ética perante famílias e comunidades.

1.2.2.2 Bilionários apocalípticos

Uma variante peculiar e cada vez mais visível do sobrevivencialismo emerge entre ultrabilionários e magnatas tecnológicos: uma versão de alta renda que investe massivamente em bunkers de luxo, propriedades isoladas estrategicamente localizadas e infraestruturas de salvação privada. O jornalista Douglas Rushkoff, em seu livro *Survival of the Richest, Escape Fantasies of the Tech Billionaires*, documentou conversas com bilionários que investem em refúgios sofisticados e observou que "eles estavam se preparando para um futuro digital que tinha menos a ver com tornar o mundo um lugar melhor do que com transcender a condição humana como um todo" (Rushkoff, 2022). Esse posicionamento revela uma decisão

que foi promovida pelo governo federal, que é o predecessor histórico e ideológico direto do *prepping* moderno. O objetivo dessa Era foi o de preparar a nação e os cidadãos para "sobreviver, reconstruir e prevalecer diante de um ataque nuclear".

⁵ A cultura prepper ou preparacionista é uma mentalidade de prontidão enraizada em preparativos de estilo militar para a sobrevivência. Trata-se de um movimento de indivíduos que se preparam proativamente para emergências e desastres, como desastres naturais, colapsos econômicos ou pandemias.

fundamental: enquanto sobrevivencialistas tradicionais frequentemente valorizam comunidade e preparação coletiva, bilionários apocalípticos apelam à salvação privada através de capital.

Figuras como Peter Thiel (cofundador do Paypal com Musk, investidor inicial do Facebook/Meta e fundador da Palantir Technologies), Mark Zuckerberg (fundador da Meta) e outros magnatas tecnológicos adquirem propriedades remotas na Nova Zelândia, constroem bunkers de luxo equipados com sistemas de purificação de água, produção de energia autossuficiente, estoques de alimentos e segurança militar privada. Rushkoff afirma, assim, que “o futuro se tornou menos uma coisa que criamos através das nossas escolhas ou esperanças presentes para a humanidade, do que um cenário predestinado no qual apostamos com nosso *venture capita*, mas chegamos nele passivamente” (Rushkoff, 2022).

O acesso a esses refúgios não é questão de conhecimento ou habilidade, é questão de poder de compra absoluto. Essa visão expõe uma contradição crítica na lógica do sobrevivencialismo quando amplificada por desigualdade extrema: a premissa compartilhada com sobrevivencialistas tradicionais (colapso é iminente, preparação é racional) é realizada não através de comunidade resiliente, mas através de enclave privado para elite. Bilionários apocalípticos não apenas preparam-se para colapso, ao fazê-lo de forma privada, implicitamente renunciam a qualquer responsabilidade pela salvação coletiva, transformando catástrofe em oportunidade de mercado onde riqueza se torna a moeda de sobrevivência.

1.2.3 *Visões autoritaristas*

As visões autoritaristas concebem o futuro através da lógica do controle centralizado, concentração de poder e supressão de alternativas. Diferentemente de visões que buscam transformação emancipatória ou preservação comunitária, autoritaristas propõem estruturas de governança onde o Estado, corporações ou elites técnicas exercem dominação sobre populações através de sofisticados sistemas de monitoramento e coerção, frequentemente mediados por tecnologia digital. Essa visão não rejeita a modernidade; ao contrário, a abraça como ferramenta de ordenamento e controle. O futuro imaginado é aquele em que liberdade individual é subordinada a uma ordem hierárquica justificada por segurança, eficiência ou sobrevivência. Em função da sua relação com a forma de instaurar autoridade, dividimos os grupos que se enquadram nessa visão em três possíveis escolas: Negacionistas, Ecofascistas e Tecnoautocratas.

1.2.3.1 Negacionistas

Negacionistas, tanto climáticos quanto tecnológicos, compartilham estratégia comum: negar a realidade de ameaças identificadas por consenso científico para preservar estruturas de poder econômico e político existentes. Para negacionistas climáticos, as mudanças climáticas são exageradas ou naturais; para negacionistas tecnológicos, os riscos de vigilância digital são superestimados. Ambos utilizam estratégias retóricas similares: semear dúvida sobre ciência, mobilizar especialistas marginais, e propor que "mais tempo" é necessário antes de ação política concreta.

O negacionismo funciona como instrumento de preservação de poder: representa a recusa em confrontar ameaças que exigem transformação sistêmica profunda. Em contextos de crise climática, tecnológica e política, estruturas de poder estabelecidas frequentemente recorrem à negação organizada como estratégia defensiva. Os negacionistas imaginam um futuro em que as estruturas atuais persistem inalteradas porque as crises não são "reais" ou, se reais, podem ser resolvidas por meio do mercado e da inovação incremental, sem necessidade de transformação política radical. Isso permite que elites econômicas e políticas mantenham poder sem confrontar imperativos de mudança sistêmica.

Negacionismo representa, portanto, uma visão autoritária, não porque propõe controle explícito e visível, mas porque preserva ou acentua formas de controle já existentes através de manipulação informacional. Ao semear dúvida sobre realidades científicas, negacionistas impedem que populações possam contestar estruturas de poder, a contestação demanda primeiro reconhecimento compartilhado da ameaça. Negando a ameaça, negacionistas eliminam a base para mobilização política coletiva, consolidando poder nas mãos daqueles já posicionados.

1.2.3.2 Ecofascistas

Ecofascistas, diferentemente de negacionistas, reconhecem plenamente a realidade das crises ambientais e climáticas, mas propõem respostas radicalmente autoritárias: restrição extrema de direitos humanos, controle populacional coercitivo, militarização ambiental e frequentemente nacionalismo ou supremacismo étnico. A lógica é que crises ecológicas de magnitude civilizacional requerem governança severa, liberdades individuais devem ser suspensas em nome da salvação ambiental ou da pureza ecológica.

Ecofascismo emerge quando preocupações legítimas com colapso ambiental são instrumentalizadas para justificar dominação política e exclusão. O mecanismo típico é narrativo: grupos percebem sua dignidade como afrontada (através de narrativas de humilhação nacional, degradação ambiental causada por outros, frequentemente imigrantes, povos do Sul Global, ou minorias internas). Ecofascistas oferecem restituição simbólica não através de transformação sistêmica, mas através de retorno à ordem hierárquica supostamente natural, onde posições são definidas biologicamente (raça, etnia, nacionalidade) em vez de politicamente.

Visões ecofascistas modernas frequentemente se estruturam em torno de patronagem e lealdade de grupo, mobilizando seguidores através de identidade compartilhada (nacional, racial, étnica) em vez de apenas aparato estatal coercitivo. O futuro imaginado é um onde salvação ambiental é inseparável de purificação populacional, um cenário onde restrição extrema de direitos é justificada por emergência ecológica existencial. A visão é simultaneamente ambientalista (reconhece crise real) e autoritária (propõe resposta que perpetua e amplifica lógicas de opressão).

1.2.3.3 Tecocratas autoritários

Uma terceira variante de autoritarismo contemporâneo emerge de elites técnicas e tecnológicas que imaginam futuros em que algoritmos, inteligência artificial e sistemas que utilizam imensas bases de dados substituem política democrática. Para tecnocratas autoritários, a solução para complexidade social crescente é transferência de poder decisório para sistemas técnicos geridos por especialistas, removendo ineficiência de deliberação democrática e contestação política pluralista.

A premissa é que problemas complexos (mudança climática, pandemia, crises econômicas) exigem respostas rápidas e racionais que a democracia não pode oferecer. Tecocratas argumentam que delegação a especialistas é mais eficiente do que submeter decisões à votação ou à participação pública. Contudo, essa visão carrega vulnerabilidades estruturais: o sucesso teórico propagandeado por qualquer sistema autoritário, inclusive tecnocrático, dependeria de ter suprimento contínuo de líderes ou sistemas que perseguissem de fato o bem comum compartilhado, e não o interesse privado, o viés programado ou o autoenriquecimento. Algoritmos, como líderes autoritários, carecem intrinsecamente de mecanismos para garantir essa orientação ao bem comum.

Além disso, Estados ou sistemas autoritários enfrentam fragilidade estrutural: carecem de mecanismos institucionalizados de sucessão, mecanismos robustos de controle de corrupção, e processos de responsabilização real. Sem contestação democrática, sem rotação genuína de poder, tendem a cristalizar em estruturas onde interesse privado captura especialistas e sistemas técnicos. Quando falham, não há responsabilização possível: a falha é atribuída a erro técnico ou a inimigos internos, e não à decisão humana passível de contestação. Isso cria ciclos de repressão crescente em tentativa de manter o controle.

1.2.3.4 Críticas e limitações das visões autoritaristas

As visões autoritaristas enfrentam desafios críticos que as tornam insustentáveis como respostas prospectivas genuínas a longo prazo. Primeiramente, elas pressupõem permanência de poder através de coerção pura, contudo, historicamente, sistemas apoiados unicamente em coerção carecem de legitimidade genuína e estão perpetuamente vulneráveis a colapso ou ruptura súbita. Além disso, essas visões contêm contradição fundamental: propõem ordem total enquanto dependem de tecnologias (internet, inteligência artificial, vigilância, comunicação digital) que são inerentemente instáveis, vulneráveis a ataques, descentralizáveis e resistentes a controle centralizado absoluto.

Finalmente, ao negar necessidade de participação política genuína e contestação, autoritaristas renunciam ao mecanismo que produz ajustamento institucional contínuo, a deliberação democrática e pressão por mudança. Isso resulta em fragilidade sistêmica disfarçada de ordem: sistemas parecem estáveis até o ponto de ruptura súbita, frequentemente precipitada por crises que nenhuma elite técnica antecipou ou que nenhuma estrutura de poder consegue gerenciar sem participação coletiva. Por fim, visões autoritaristas ignoram que identidades, lealdades e significados são construídos socialmente e permanecem abertos a redefinição.

1.2.4 Visões orientadas à transformação e construção

As visões orientadas à transformação e construção compartilham uma premissa fundamental: o futuro não é determinado, mas aberto à ação transformativa deliberada. Ao contrário de visões que aceitam colapso como inevitável, negam ameaças, ou buscam preservação, estas visões apostam que mudança sistêmica é possível, e necessária. Contudo, divergem radicalmente sobre qual tipo de transformação é desejável e viável. Duas lógicas ou

premissas concorrentes orientam essas visões: uma aposta na transformação ecológica e regenerativa do modo de produção e relação com natureza; outra aposta na transformação tecnológica e salvacionista através de inovação e progresso técnico. Ambas rejeitam o *status quo*, mas imaginam futuros fundamentalmente distintos. Em função dessas diferentes lógicas e das formas internas de buscar transformação, dividimos os grupos que se enquadram nessa visão em duas premissas e suas escolas internas. Temos o Paradigma Regenerativo/Ecológico com três escolas distintas, em função da forma de abordar a solução ao desafio: Regenerativos/Ambientalistas Tradicionais, Solarpunks e Decrescentistas. E temos o paradigma Salvacionista/Tecnológico com quatro escolas distintas, em função da forma de abordar a solução ao desafio: Salvacionistas Tecnológicos Tradicionais, Longoprazistas (Longotermistas), Transumanistas e finalmente, Pós-Humanistas.

1.2.4.1 Paradigma regenerativo e ecológico

O paradigma regenerativo e ecológico parte da convicção de que a crise contemporânea é fundamentalmente uma crise de separação entre humanidade e natureza, entre economia e ecologia, entre presente e futuro. A solução não é mais tecnologia, mas reintegração: redesenhar economia, agricultura, cidades e relações sociais para regenerar ecossistemas em vez de degradá-los. Esse paradigma imagina futuros em que a abundância material é possível, mas baseada em ciclos naturais e limites planetários, não em crescimento infinito. Em função da forma de abordar a solução ao desafio, analisemos as três escolas internas:

➤ **Regenerativos e Ambientalistas Tradicionais**

Regenerativos e ambientalistas tradicionais propõem transformação através de retorno a práticas ecologicamente sensatas, agricultura regenerativa, design circular, energias renováveis, proteção de ecossistemas e afins. Sua visão é que a modernidade industrial cometeu um erro fundamental: tratou natureza como recurso infinito a ser explorado. A correção passa por reconhecer limites planetários e redesenhar toda economia para operar dentro desses limites.

A estratégia é reformista com ambição sistêmica: mudança gradual através de políticas ambientais, inovação verde, transição energética, proteção de florestas e oceanos. Acreditam

que capitalismo pode fazer *greenwashing*⁶ de forma significativa, portanto, desejam que mercados sejam estruturados para internalizar custos ecológicos, que empresas sejam realmente incentivadas a regenerar, que governos possam legislar transição. O futuro imaginado é aquele em que a tecnologia serve à ecologia, painéis solares, carros elétricos, agricultura de precisão, mas totalmente subordinada ao objetivo primário de regeneração.

Ambientalistas tradicionais frequentemente ocupam posições em ONGs, governos, academia e setor privado responsável. Sua narrativa é de esperança cuidadosa, um pensamento de que “ainda temos tempo, se agirmos rápido e inteligentemente”. Diferem de decrescentistas por não rejeitarem crescimento, apenas “crescimento verde”; diferem de solarpunks por manter fé em instituições existentes para implementar mudança.

➤ **Solarpunks**

Solarpunks imaginam futuros em que a transição ecológica é acompanhada de transformação social radical, não apenas mudança técnica, mas mudança de valores, estruturas de poder e organização social. O termo solarpunk combina solar (energia renovável, futuro ecologicamente viável) com punk (atitude contracultural, recusa de submissão ao *status quo*).

Solarpunks rejeitam tanto o pessimismo de certos movimentos ambientais quanto o otimismo tecnológico cego de salvacionistas. Sua visão é que um futuro ecologicamente viável é impossível sem simultaneamente transformar relações de poder, desigualdade e exploração. Propõem futuros em que energias renováveis alimentam cidades descentralizadas, onde o trabalho é criativo e significativo, ao invés de alienado, e em que comunidades locais têm poder de decisão sobre seu futuro. Frequentemente, incorporam elementos de anarquismo, feminismo, justiça racial, entendendo que crise ecológica é inseparável de crise de justiça.

A estratégia é dual: criação de alternativas concretas (comunidades de transição, moeda local, agricultura urbana comunitária) combinada com contestação de estruturas de poder que impedem transformação. Solarpunks enfatizam que solução técnica sem mudança política é impossível. O futuro é imaginado como simultaneamente ecológico e libertário: abundância

⁶ *Greenwashing* é um neologismo que junta os termos em inglês Green (Verde) e Wash (Banhar) e poderia ser traduzida como Banhar de Verde. Trata-se de uma estratégia de marketing enganosa em que empresas promovem seus produtos ou serviços como ecológicos/verdes ou sustentáveis, sem, de fato, adotarem práticas ambientais genuínas. Isso pode ocorrer por meio de alegações falsas, termos vagos, ou ao dar destaque a ações ambientais pequenas para desviar a atenção de danos ambientais maiores. O objetivo é criar uma imagem de preocupação ambiental para atrair consumidores conscientes.

material através de energia renovável e design inteligente, mas distribuída e decidida democraticamente, não concentrada em mãos corporativas.

➤ **Decrescentistas**

Decrescentistas (*degrowth*) rejeitam tanto o crescimento verde de ambientalistas tradicionais quanto a esperança solarpunk de que recursos renováveis possam sustentar prosperidade material para todos. Seu argumento central é que crescimento econômico infinito é materialmente impossível em planeta finito, que a própria métrica de Produto Interno Bruto (PIB) é fundamentalmente equivocada, medindo destruição como progresso.

Decrescentistas propõem transição para uma espécie de economia de estado estacionário ou contração deliberada, especialmente no Norte Global. Não se trata de austeridade imposta (como em recessões), mas de uma escolha política consciente de trabalhar menos, produzir menos, consumir menos; enquanto simultaneamente melhora a qualidade de vida através de redistribuição e satisfação de necessidades genuínas. O futuro imaginado é aquele em que *mais* deixou de ser sinônimo de *melhor*; em que medidas de sucesso passam a ser bem-estar, igualdade, saúde e tempo dedicado às relações comunitárias, e não o acúmulo de mercadorias.

A estratégia é transformação radical de estruturas econômicas: redução de jornada de trabalho, renda básica, propriedade comunitária de terra e recursos, priorização de uso e valor de troca sobre especulação. Decrescentistas criticam tanto ambientalistas tradicionais (por não questionarem o crescimento) quanto solarpunks (por ainda imaginarem abundância material crescente). Seu futuro é ecologicamente viável por operar dentro de limites, socialmente justo por promover redistribuição radical e politicamente viável apenas se acompanhado de transformação de poder.

1.2.4.2 Paradigma salvacionista tecnológico

O paradigma Salvacionista Tecnológico parte de uma convicção oposta à perspectiva regenerativa: a de que a tecnologia, particularmente a biotecnologia, a nanotecnologia, a inteligência artificial e a engenharia climática, constitui o instrumento primário de salvação. Esse paradigma não nega crises, mas argumenta que a solução não é o retorno a formas naturais de viver, mas ao avanço tecnológico acelerado. A crise, nesse sentido, é concebida como

oportunidade para inovação, permitindo não apenas a resolução de problemas atuais, mas também a superação de limitações humanas e naturais.

➤ **Salvacionistas Tecnológicos Tradicionais**

Salvacionistas Tecnológicos Tradicionais acreditam que inovação tecnológica (em energia, agricultura, medicina, manufatura) pode resolver crises sem necessidade de mudança sistêmica radical. Seu argumento é o de que a tecnologia é neutra e pode ser direcionada para bens: energia nuclear e solar pode substituir combustíveis fósseis, cultivo de precisão pode alimentar população crescente sem degradação, engenharia genética pode criar plantas resilientes à seca e mudança climática.

A estratégia é de melhoria tecnológica acelerada, ou seja, aumento de investimento em pesquisa, remoção de restrições regulatórias sobre inovação e incentivos de mercado para tecnologias supostamente verdes. Diferem de solarpunks por manter fé em mercados e instituições existentes; diferem de longotermistas por não imaginar transformação radical da humanidade. O futuro é um lugar onde viveremos em cidades inteligentes, comeremos alimentos cultivados em laboratório, viajaremos em veículos autônomos; mas essencialmente seremos os mesmos seres humanos, em sociedades estruturadas similarmente, apenas com mais objetos tecnológicos e eficiência.

Salvacionistas tradicionais frequentemente ocupam posições em indústria tecnológica, corporações energéticas, e na academia. Sua narrativa é de otimismo controlado, uma ideia de que a tecnologia sempre nos salvou antes; portanto não haveria razão para pensar que dessa vez seria diferente. Contudo, assumem que inovação tecnológica pode ser implementada sem transformação profunda de estruturas de poder, propriedade e distribuição.

Figura 1 - Postagem de Musk no, então, Twitter, sobre sua relação com os ambientalistas



Fonte: Twitter

Nota: Tradução livre: “Percebi o que eu tenho em comum com os ambientalistas, mas também porque eles estão tão incomodamente errados: eles são conservadores do que é, enquanto deveriam ser conservacionistas do nosso potencial ao longo do tempo, nosso potencial cósmico”.

➤ Longotermistas (Longtermists)

Longotermistas, por definição, argumentam que o horizonte temporal correto para pensar futuro não é décadas, mas séculos e milênios. Nessa escala, a humanidade enfrenta riscos existenciais (asteroides, supervulcões, inteligência artificial desalinhada, guerra nuclear) que podem extinguir humanidade ou travar seu potencial. A prioridade moral é garantir que humanidade persista e floresça em longo prazo.

Essa perspectiva leva a conclusões contraculturais: problemas imediatos (pobreza, desigualdade, crises climáticas) são importantes, mas secundários em relação ao risco existencial. Longotermistas propõem investimento massivo em pesquisa sobre riscos existenciais, desenvolvimento de tecnologias defensivas, diversificação de habitats humanos (colonização espacial) e construção de potenciais civilizações de backup que pudessem reconstruir o conhecimento caso a civilização principal entre em colapso.

O futuro imaginado é aquele em que a humanidade não apenas sobrevive, mas se expande para múltiplos mundos, desenvolve inteligências artificiais amigáveis que ampliam nossa capacidade de compreensão e, eventualmente, pode transitar para formas pós-biológicas de existência. Longotermistas frequentemente combinam Salvacionismo Tecnológico com visão cósmica com a ideia de que nossa responsabilidade é não apenas salvar humanidade atual, mas garantir que o potencial futuro de civilização poderá se realizar.

Figura 2 - Postagem de Musk no, então, Twitter, sobre sua filosofia de futuro



Fonte: Twitter

Nota: Tradução nossa: “Uma nova filosofia do futuro é necessária. Acredito que deveria ser a curiosidade sobre o Universo, expandir a humanidade para que se torne uma espécie multiplanetária, depois interestelar, para ver o que há lá fora”.

➤ **Transumanistas**

Transumanistas propõem transformação deliberada da humanidade através de tecnologia, possibilidades como melhoramento biológico, extensão radical de vida, amplificação de capacidades cognitivas e físicas. Seu argumento é que a evolução biológica deixou a humanidade com limitações arbitrárias, nomeadamente sofrimento, doença, morte, capacidade cognitiva limitada. A tecnologia permitiria transcender essas limitações.

A estratégia é o investimento em biotecnologia, engenharia genética, interfaces cérebro-computador, criônica (que é preservação de corpos para revivificação futura), *uploads* de mente para substrato digital e afins. Transumanistas rejeitam a ideia de que a natureza humana é sagrada ou imutável. Argumentam que modificá-la é não apenas tecnicamente possível, mas moralmente obrigatório. O pensamento questiona por que deixaríamos pessoas sofrer de envelhecimento ou doença se podemos eliminar essas limitações?

O futuro imaginado é lugar onde a humanidade se divide em múltiplas variantes pós-humanas: alguns ampliados biologicamente, alguns em corpos sintéticos, alguns em realidades virtuais, cada um perseguindo sua visão de evolução. Neste sentido, o transumanismo carrega duas sementes: ele se posiciona como libertário (cada indivíduo deveria poder modificar seu

próprio corpo) mas também é potencialmente autoritário (riscos de divisão entre ter ou não acesso às tecnologias, ou seja, abertura a novas formas de desigualdade).

➤ Pós-Humanistas

Pós-humanistas diferem de transumanistas: não buscam melhorar humanidade, mas reconhecer que a humanidade já não é (ou nunca foi) o centro ou a medida de tudo. Seu futuro imagina uma transformação em que a distinção entre humano e máquina, entre natural e artificial, se dissolve; não porque humanos se tornam máquinas, mas porque a própria categoria “humano” revela-se como construção instável.

O pós-humanismo incorpora elementos de estudos ambientais (reconhecimento da agência de seres não humanos), de inteligência artificial (consideração ética de possíveis mentes artificiais), de feminismo pós-colonial (crítica de como o "humanismo" sempre foi construído para excluir certos seres). O futuro é imaginado como uma assembleia heterogênea de entidades: humanas, máquinas inteligentes, ecossistemas e híbridos, todos negociando coexistência sem hierarquia *a priori*.

A estratégia é uma investigação especulativa e ética: quais são os pressupostos do humanismo? Como reconhecer a agência em formas não humanas? Como construir uma ética que não presume humanos como fim último? Pós-humanistas frequentemente trabalham em uma intersecção de filosofia, artes e ficção científica, gerando visões de futuro que desestabilizam suposições convencionais sobre aquilo que progresso ou salvação significam.

1.2.4.3 Críticas e limitações das visões orientadas à transformação e construção

As visões orientadas à transformação e construção enfrentam desafios críticos que comprometem sua viabilidade prospectiva. Primeiramente, ambos os paradigmas, regenerativo e salvacionista, compartilham de um otimismo voluntarista: pressupõem que mudança sistêmica é possível através de ação deliberada (política, tecnológica, comunitária). Contudo, estruturas de poder estabelecidas têm interesse material em manter o *status quo*, e raramente cedem poder sem resistência coercitiva. Regenerativistas e Salvacionistas frequentemente subestimam a inércia institucional e a capacidade de elites em cooptar e neutralizar ameaças transformativas.

Além disso, há uma desconexão temporal crítica: visões de transformação que imaginem futuros em que a mudança ocorre em escala de décadas (regenerativismo) ou séculos

(salvacionismo), enquanto crises (climática, ecológica, política) aceleram em escala de anos. A velocidade de colapso pode ultrapassar a velocidade de transformação proposta, tornando ambos paradigmas anacrônicos no momento em que eventualmente ganhem tração política.

Somado a isso, os dois paradigmas opõem-se de forma potencialmente irreconciliável: regenerativismo desconfia de tecnologia como solução (particularmente biotecnologia e inteligência artificial), enquanto salvacionismo vê o regenerativismo como insuficiente e romantizado. Essa polarização política pode impedir sínteses pragmáticas que combinassem o melhor de ambos; transição energética rápida (salvacionismo) dentro de limites planetários (regenerativismo).

Por fim, ambos têm grande desafio em uma questão fundamental: quem toma decisões sobre qual futuro construir? Visões de transformação frequentemente são articuladas por intelectuais, ativistas, cientistas, mas a implementação passa por negociação com populações afetadas, estados, corporações, com interesses conflitantes. Sem mecanismos de deliberação genuína e poder compartilhado, mesmo visões de transformação progressistas podem replicar padrões de imposição e exclusão.

CAPÍTULO II - SALVACIONISMO TECNOLÓGICO MUSKIANO

O presente capítulo aprofunda a discussão sobre as diversas visões de futuro apresentadas na Introdução e no Capítulo I, concentrando-se especificamente no fenômeno específico do Salvacionismo Tecnológico Muskiano. Nele, “a realidade contemporânea é a versão beta de um sonho da ficção científica: o futuro imaginário” (Barbrook, 2009, p. 37). Este imaginário contemporâneo específico postula que os desafios existenciais da humanidade podem ser superados de diversas formas, pela inventividade e pelas soluções tecnológicas, com a figura de Musk emergindo como um de seus principais expoentes. A crença subjacente é a de que a inovação tecnológica, por si só, possui um valor intrínseco positivo e salvífico, impulsionando o progresso e o bem-estar da humanidade, conversando com todas as visões de futuro que acreditam nisso de alguma forma.

Musk em sua visão específica de Salvacionismo Tecnológico mistura questões do Salvacionismo Tecnológico Tradicional, do Longotermismo e do Transumanismo em uma visão que conversa fortemente com esses três grupos, mas que também toca no universo das visões dos Tecócratas Autoritários (com suas visões eugenistas de controle) e dos Bilionários Apocalípticos (seus pares). Essa junção específica faz com que ele consiga acessar a adesão de diferentes grupos às suas ideias em uma construção complexa e multifacetada.

Para desvelar a construção midiática desse imaginário, este capítulo empreende uma análise do corpus de pesquisa, composto por dois documentários cruciais para a compreensão da representação de Musk e suas iniciativas, com o objetivo de identificar os padrões visuais e narrativos recorrentes que contribuem para essa edificação: *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018) e *De Volta ao Espaço* (2022). É imperativo ressaltar novamente que a análise aqui desenvolvida considera o recorte temporal que antecede a aquisição da plataforma X (antigo Twitter) por Musk, focando-se na imagem consolidada do empreendedor até maio de 2022. Esta delimitação temporal é estratégica, conforme já mencionado, para evitar a contaminação da análise por discussões de caráter econômico, político e social que surgiram após essa compra e posterior eleição de Donald Trump (2024), permitindo um foco mais puro na construção do imaginário de futuro.

A estrutura deste capítulo se desdobra em seções sequenciais. Inicialmente, o item 2.1 contextualiza brevemente quem é Musk, fornecendo os subsídios necessários para a

compreensão de sua projeção pública e seu papel como catalisador desse imaginário. Posteriormente, as seções 2.2 e 2.3 são dedicadas à análise pormenorizada de cada um dos documentários, respectivamente. Para cada obra, apresentamos uma introdução sobre sua produção e contexto, seguida por uma análise detalhada das imagens e estratégias narrativas empregadas na construção da imagem de Musk e dos futuros que ele encarna. O item 2.4, por sua vez, sintetiza as categorias de imagens simbólicas emergentes desta análise, que são posteriormente exploradas como metáforas obsessivas e mitologemas nos capítulos subsequentes.

Por meio dessa abordagem, busca-se compreender de que maneira as produções midiáticas sobre Musk não apenas relatam avanços tecnológicos, mas ativamente constroem e disseminam um tipo específico de futuro imaginado, repleto de promessas de salvação e progresso impulsionados pela tecnologia.

2.1 Quem é Elon Musk

A figura de Musk emerge como um dos mais proeminentes e frequentemente debatidos empreendedores e inovadores da contemporaneidade, consolidando-se como o maior expoente do salvacionismo tecnológico que este estudo se propõe a analisar.

Nascido na África do Sul, sua trajetória desde os primeiros empreendimentos no Vale do Silício, como a cofundação da Zip2 e, posteriormente, do PayPal, pavimentou o caminho para investimentos em iniciativas que, segundo ele, são cruciais para o futuro da humanidade. Em uma entrevista (TED, 2022), ele disse claramente: “Eu amo a humanidade e eu acho que deveríamos lutar por um bom futuro para a humanidade e acho que deveríamos ser otimistas sobre o futuro e lutar para fazer esse futuro otimista acontecer”.

Em 2022, Musk foi amplamente reconhecido como o homem mais rico do mundo pela revista Forbes (Dolan; Kerry A.; Peterson-Withorn; Chase, 2022), o que, somado à sua massiva presença e influência em plataformas como o X (antigo Twitter), contando com 95.1 milhões de seguidores naquele ano, amplifica a reverberação de suas falas e ações em escala global. Até aquele ano, ele presidia e atuava como acionista majoritário em um conglomerado de empresas que abrangem setores de ponta, como:

- Tesla: Focada em veículos elétricos e soluções de energia sustentável.
- SpaceX: Dedicada à exploração espacial, com o objetivo de tornar a humanidade uma espécie multiplanetária.

- Neuralink: Buscando desenvolver interfaces cérebro-computador para aprimorar as capacidades humanas.
- Starlink: Provedora de acesso à internet via satélite.
- The Boring Company: Desenvolvendo soluções de transporte subterrâneo para mitigar o tráfego urbano.
- Além de ser cofundador da iniciativa OpenAI e presidente da Musk Foundation.

O documentário *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* o descreve, já na introdução, na voz do narrador, como "um dos mais intrigantes empreendedores fazendo negócio hoje", alguém que "está batendo de frente com os gigantes da indústria aeroespacial e automotiva" e "está ganhando". Sua ideologia pessoal, tal como expressa por ele próprio no filme, está dividida entre "tentar ajudar em assuntos ligados a Terra como energia renovável e avançar a tecnologia espacial para que possamos estabelecer uma cidade autossustentável em Marte". Essa visão é reforçada no documentário *De volta ao Espaço - A Jornada Espacial de Elon Musk*, no qual ele próprio afirma: "A Terra é o berço da humanidade, mas não podemos ficar no berço para sempre. É hora de avançar, caminhar pelas estrelas e expandir a consciência humana".

A narrativa midiática em torno de Musk frequentemente o retrata como um visionário audacioso, um "engenheiro que coloca a mão na massa", com uma ética de trabalho "heroica" e uma mente estratégica (Documentário: *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro*). Embora a análise completa de sua persona seja aprofundada nas seções que analisam os documentários, é fundamental reconhecer que, para além de suas conquistas empresariais, Musk personifica a crença de que os problemas mais críticos da humanidade serão resolvidos pela inovação e pela engenhosidade tecnológica, posicionando-o como um símbolo contemporâneo da fé no progresso através da tecnologia.

2.2 Documentário “Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro” (2018)

O documentário *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro*, lançado em 2018 com direção de Sonia Anderson, emerge como uma peça central que reflete a construção da figura midiática de Musk. Produzido em um momento em que a ascensão de suas empresas, Tesla e SpaceX, ganhava destaque global, o filme se propõe a explorar a trajetória e as inovações do empreendedor, posicionando-o como uma figura revolucionária e transformadora do presente e do futuro. Sua relevância para esta pesquisa reside na maneira como a obra articula um

imaginário específico sobre o “salvacionismo tecnológico”, personificado em Musk, e como as estratégias narrativas e visuais são empregadas para edificar essa persona. O documentário não se limita a um relato biográfico; ele atua como um veículo para moldar a percepção pública acerca de Musk, alinhando-o a arquétipos heroicos e visionários.

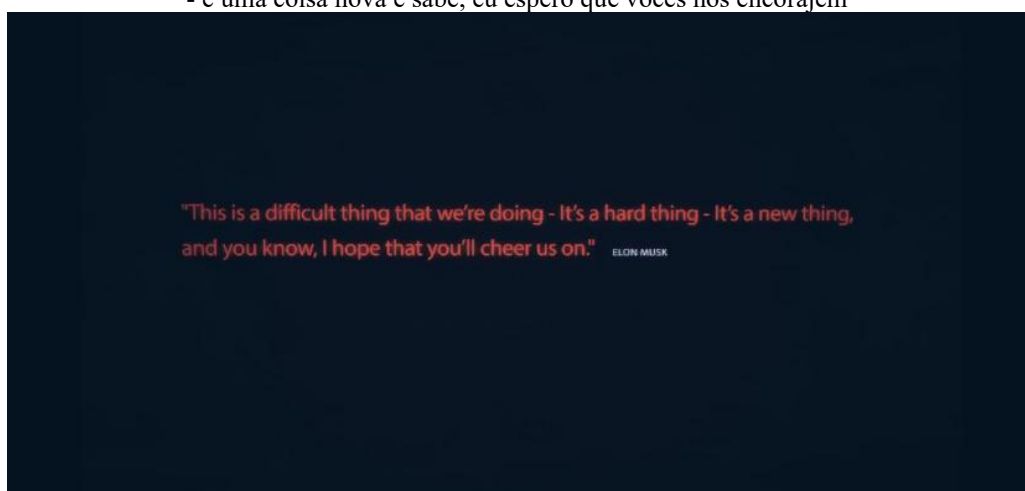
A obra se insere no contexto de uma crescente curiosidade sobre a personalidade e os feitos de Musk, em um período que antecede eventos como a polêmica aquisição do, então, Twitter. Ao focar em suas empreitadas aeroespaciais e automotivas, o documentário estabelece as bases de uma narrativa de progresso e inovação inabalável, elementos cruciais para a análise dos futuros imaginários.

2.2.1 Análise das imagens e estratégias visuais na construção do imaginário

Desde sua abertura, o documentário emprega uma linguagem cinematográfica que busca elevar Musk a um patamar de grandeza e singularidade, utilizando recorrentemente certas estratégias visuais e narrativas que, ao se repetirem, atuam como elementos simbólicos-chave.

Na abertura, a voz do próprio Musk em *off* é acompanhada por um texto em vermelho sobre fundo preto, criando uma atmosfera solene e convidativa. A frase de Musk, "Essa é uma coisa difícil que estamos fazendo, é uma coisa difícil - é uma coisa nova e sabe, eu espero que vocês nos encorajem", já prenuncia o tom de desafio e empreendimento grandioso (Figura 3).

Figura 3 - Frame do documentário com a frase "Essa é uma coisa difícil que estamos fazendo, é uma coisa difícil - é uma coisa nova e sabe, eu espero que vocês nos encorajem"



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Em seguida, uma vinheta de abertura mescla fotos de Musk, ao lado de figuras como Donald Trump, sob um filtro vermelho e música de ação crescente (Figura 4), culminando no título do filme com fonte e cor que remetem ao universo do Homem de Ferro (Figuras 5 e 6).

Esta associação inicial com o super-herói Tony Stark⁷ é uma metáfora visual poderosa, sugerindo que Musk é um visionário dos negócios que utiliza a tecnologia para salvar a humanidade, ecoando a ideia de que "a importância de uma nova tecnologia não está no que ela pode fazer aqui e agora, mas no que os modelos mais avançados poderiam ser capazes de fazer algum dia. O presente é compreendido como o futuro embrionário e o futuro ilumina o potencial do presente" (Barbrook, 2009, p. 36).

Figura 4 - Cena com montagem de fotos de Musk



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

⁷ Tony Stark é o alter ego do super-herói Homem de Ferro, um personagem da Marvel Comics e do Universo Cinematográfico Marvel. Ele é um gênio, bilionário, playboy e filantropo que, após ser sequestrado, constrói uma armadura tecnológica para escapar e se torna um herói.

Figura 5 - Título do filme



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Figura 6 - Fontes utilizadas pelos três capítulos do filme do Homem de Ferro, ou, Iron Man, no cinema



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

A narrativa avança para o lançamento do foguete Falcon 9 em 2012 (Figura 7), no Cabo Canaveral (onde fica o Centro Espacial Kennedy e são feitos os lançamentos espaciais do governo estadunidense), com a voz otimista de Musk destacando ser "um outro passo para

frente em direção às estrelas". Este evento é apresentado como um marco, solidificando a imagem de Musk como um pioneiro da era espacial.

Figura 7 - Cenas do lançamento do foguete Falcon 9



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

- *Construção da autoridade*

Na seção seguinte, que parece focar em ressaltar a autoridade de Musk, o narrador o descreve não como um empresário comum, mas como "um dos mais intrigantes empreendedores fazendo negócio hoje", e que "está batendo de frente com os gigantes da indústria aeroespacial e automotiva, junto com as corporações de petróleo, com as companhias de energia e utilidades, e está ganhando". A trilha sonora para gerar suspense, similar a um filme de aventura, e as fontes tipográficas em tela, inspiradas em imagética ligada ao universo dos super-heróis, acompanham a apresentação das empresas de Musk e imagens dele com figuras importantes, reforçando a ideia de que ele opera em uma esfera de poder e impacto (Figura 8).

Figura 8 - Sequência de frames que apresentam as empresas de Musk, usando imagens dele junto a figuras de destaque



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Depoimentos de figuras como Julie Anderson (ex-vice-presidente de relações públicas do Paypal), que o descreve como "um visionário, alguém que aparece talvez uma vez por século, que está efetivamente mudando a forma pela qual funcionamos e olhamos para o mundo", e Ashley Pearson (repórter de *show business*), que o enaltece dizendo que "é uma coisa tocar uma companhia que vale um bilhão de dólares, Elon Musk tem quatro", funcionam como "prova social" de seu suposto brilho e relevância. A declaração de Musk sobre sua "divisão ideológica" entre "ajudar em assuntos ligados a Terra como energia renovável e avançar a tecnologia espacial para que possamos estabelecer uma cidade autossustentável em Marte" evidencia a amplitude de suas aspirações e seu comprometimento com um futuro multiplanetário, o cerne do "salvacionismo tecnológico" que o documentário parece ajudar a construir.

Ainda nesta sessão, que parece voltada à geração de autoridade, especialistas como Doug Millard (curador sênior do Museu de Ciência de Londres) conectam as visões de Musk à concretização de ficção científica dos anos 50⁸: "Nós estamos vendo ficção científica dos anos 50 ganharem vida. Foguetes realmente pousarem, como deveriam fazer", enquanto a astronauta

⁸ "O modelo de futuro ofertado a mim, que vivo como um adulto em Londres no final dos anos 2000, foi o mesmo futuro prometido a mim ainda criança, na Feira Mundial de Nova Iorque em 1964" (Barbrook, 2009, p.34).

da NASA Kate Rubins (Figura 9) expressa a crença de que a colonização de Marte ocorrerá ainda em sua vida, endossando a capacidade de Musk de transformar o imaginário em realidade.

Figura 9 - Astronauta Kate Rubins



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Per Wimmer (astronauta e amigo de Musk) ressalta o papel de Musk também na "revolução" dos carros elétricos, creditando a ele o mérito pela mudança massiva na indústria automotiva: “Estamos vendo uma revolução na qual todas as grandes empresas de carros estão mudando massivamente para carros elétricos e essa é uma revolução feita por um homem”.

- *Biografia*

A partir do minuto 3:50, o documentário aprofunda-se na vida de Musk, com Sir Cary Cooper, professor de psicologia (Figura 10) discorrendo sobre as motivações de empreendedores seriais, frequentemente enraizadas na infância. No caso de Musk, uma figura paterna exigente e o bullying sofrido são apresentados como forças motrizes para provar seu valor. Essa exploração biográfica busca humanizar o "herói", tornando suas conquistas mais relacionáveis e compreensíveis dentro de uma jornada pessoal.

Figura 10 - Sir Gary Cooper, Professor de Psicologia. Presidente da Academia Britânica de Gerenciamento (tradução livre)



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Sua jornada desde a África do Sul até o Vale do Silício, com as primeiras companhias (Zip2, PayPal) que o levaram a Tesla e SpaceX, é contada para solidificar a narrativa de um mérito próprio e um percurso ascensional. Imagens de Musk em angulações de baixo para cima são frequentemente utilizadas (Figura 11), sendo esta notadamente uma técnica visual que transmite poder e liderança, sublinhando sua posição de destaque.

Figura 11 - exemplo de uma das imagens com angulação de baixo para cima

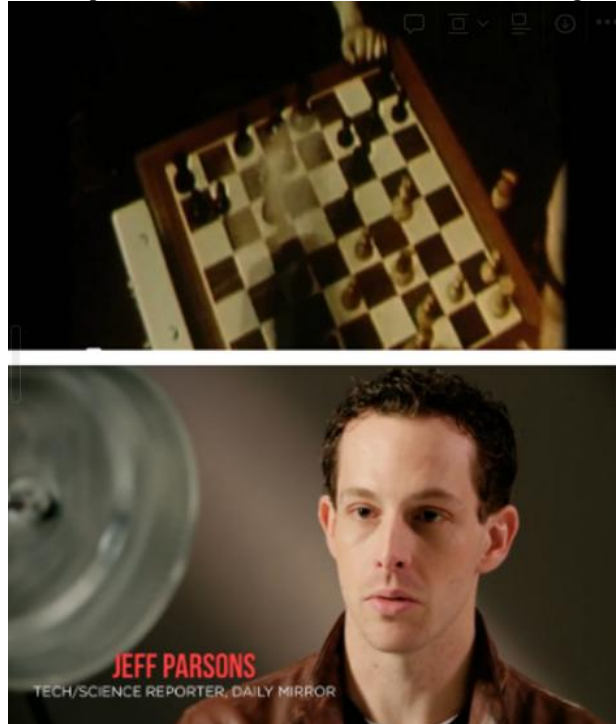


Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Jeff Parsons (repórter de tecnologia e ciência) complementa essa imagem ao destacar a "mente estratégica" de Musk, comparando-a a um jogador de xadrez (Figura 12), o que o posiciona como um planejador de longo prazo. A ênfase em sua origem humilde e sua busca

por uma bolsa e trabalho de meio período no Canadá reforça o discurso meritocrático do *self-made man*⁹.

Figura 12 - Frames com depoimento de Jeff Parsons sobre mente estratégica de Musk e o xadrez



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

- *Elementos narrativos*

Por todo filme, podemos observar que é adotada uma abordagem que mescla entrevistas com especialistas, seguindo o estilo tradicional utilizado em documentários. As entrevistas são conduzidas de forma a não revelar o entrevistador, mantendo o foco nos entrevistados que falam em ângulo diagonal à câmera. Essa técnica é amplamente empregada por renomados canais de televisão como a BBC, *National Geographic* e *History Channel*, buscando transmitir um tom sério e confiável dos documentários tradicionais, com depoimentos autênticos e validados. É relevante ressaltar que o nome dos entrevistados é apresentado repetidamente em cada uma de suas aparições no filme, buscando reforçar a autoridade e credibilidade dos discursos proferidos por eles.

Além disso, o documentário combina as entrevistas com imagens de fotografia e vídeo de Musk em diversas situações, reforçando a prova biográfica do que é dito. A trilha sonora

⁹ *Self-made man* (ou homem que se fez por conta própria) é um termo usado para descrever alguém que alcançou sucesso, riqueza ou prestígio através do próprio esforço, sem ajuda significativa de terceiros. Essa pessoa geralmente supera a pobreza ou dificuldades iniciais para construir seu sucesso por meio do trabalho árduo e talento.

escolhida, uma música de aventura com elementos de suspense, permeia todo o filme, criando uma atmosfera de ação, movimento, heroísmo e poder. Essa escolha musical contribui para cativar o espectador e realçar o caráter dinâmico e emocionante da narrativa.

Esses elementos estéticos e narrativos utilizados na composição do filme são estratégicos, pois visam envolver o público, transmitindo a grandiosidade e impacto das ideias e realizações de Musk no imaginário coletivo. A mistura de entrevistas com especialistas traz uma sensação de veracidade e embasamento científico, ao passo que as imagens e trilha sonora intensificam o apelo emocional e a perspectiva de uma jornada heroica em direção ao futuro. Dessa forma, o documentário apresenta-se como uma obra coesa, que busca apresentar uma análise criteriosa e apaixonante sobre o suposto brilhantismo de Musk e seu papel como visionário salvador da humanidade e criador de futuros através da ciência.

- *Rebeldia empreendedora*

O ano de 2002 é apresentado como um ponto de virada, quando Musk ingressa na indústria aeroespacial com o desafio de desenvolver um foguete reutilizável. Essa empreitada inovadora marca um ponto crucial em sua jornada, posicionando-o como um "visionário disruptivo¹⁰", cujo sucesso é atestado por Wimmer: "Olhe onde estamos hoje: os críticos foram silenciados" (Figura 13).

Figura 13 - Per Wimmer e sua declaração



Fonte: Documentário *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018)

¹⁰ O termo disruptivo refere-se a algo ou alguém que rompe, interrompe ou altera significativamente o curso normal de um processo, sistema ou mercado. No contexto de negócios e tecnologia, o conceito, popularizado pelo professor da *Harvard Business School* Clayton Christensen, descreve inovações que criam um novo mercado e desestabilizam concorrentes já estabelecidos.

- *Influenciador*

Outro aspecto notável ao longo do filme é a presença constante de imagens com figuras de poder (Figura 14). Essas representações visuais percorrem toda a narrativa, buscando enfatizar a influência e a autoridade de Musk no cenário em que atua (Figura 15). Por meio de uma seleção cuidadosa de imagens, a produção do documentário parece procurar reforçar a imagem de Musk como uma figura de destaque, cujas ações e ideias possuiriam grande impacto no universo midiático e no imaginário coletivo. A presença contínua dessas figuras de poder ao longo do filme desempenha um papel crucial na construção da mensagem que o documentário busca transmitir, contribuindo para reforçar a aura de protagonismo e relevância que cerca a figura de Musk.

Figura 14 - Musk e o ex-presidente Obama, como exemplo de imagem dele ao lado de figuras de poder



Fonte: Documentário *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018)

Figura 15 - Musk conversa com o então governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

- *Os desafios do herói*

Por volta dos 22 minutos de exibição, somos apresentados a uma sequência que aborda momentos significativos da vida de Musk, incluindo seu primeiro casamento, a perda do primeiro filho e o subsequente nascimento de seus primeiros cinco filhos com Justine, sua primeira esposa. Esses acontecimentos pessoais são apresentados aparentemente buscando criar uma ponte de empatia com os aspectos humanos do herói que vem sendo construído na narrativa.

Outra passagem relevante é registrada aproximadamente aos 23 minutos, na qual o documentário aborda um momento crucial de vulnerabilidade, em que Musk foi retirado da posição de CEO de sua própria empresa, o PayPal, por uma decisão do conselho. Ainda assim, ele permaneceu envolvido como membro do conselho, e quando o PayPal foi vendido, obteve considerável capital que direcionou para investir em novos empreendimentos.

Com essa fonte de recursos, Musk fundou a SpaceX, a SolarCity e a Tesla, empresas emblemáticas que o tornaram ainda mais proeminente no cenário empresarial. Sobre a Tesla, o narrador declara que: “Apenas um ano depois de fundar a SpaceX, Musk investiu na Tesla Motors com o objetivo de produzir um carro com zero de poluição” (Figura 16). A narrativa destaca também que, em 2001, ele estabeleceu a Musk Foundation, uma organização voltada para levar sistemas de energia solar para regiões do mundo afetadas por desastres, mostrando, com esse recorte, seu presumido compromisso com a filantropia ao prometer doar metade de sua fortuna para causas humanitárias.

Figura 16 - Narrador fala da Tesla mostrando imagens da tecnologia grandiosa envolvida na empresa



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Diversos entrevistados, ao longo do documentário, enfatizam que, para Musk, a motivação não estaria centrada apenas no dinheiro, mas sim em uma visão maior, sendo o dinheiro um meio para alcançar seus objetivos ambiciosos. A busca pela realização dessa visão seria o motor impulsionador de suas ações e empreendimentos.

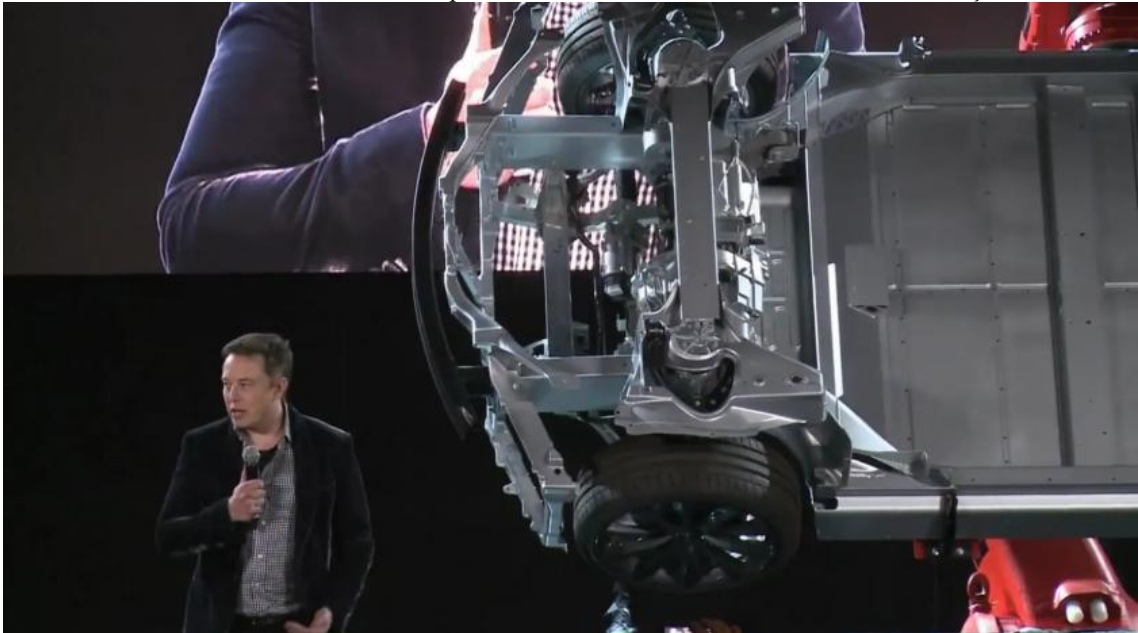
- *Tesla triunfante*

Em relação à Tesla (Figura 17), o documentário detalha o período crítico de 2008, quando a Tesla quase faliu e a SpaceX enfrentou lançamentos malsucedidos, retratando-o como "o pior da vida de Musk". Essa narrativa da superação de adversidades enquadra a trajetória de Musk em um verdadeiro conto do herói, onde ele triunfa sobre os desafios. A decisão de Musk de "deixar nossas patentes *open source*"¹¹ e oferecer a rede de supercarregadores para outros produtores de carros demonstra um suposto altruísmo em acelerar a indústria de veículos elétricos.

Na Tesla nós deixamos nossas patentes open source, estamos tentando ser o mais úteis possível para a indústria dos veículos elétricos e também dissemos que nossa rede de supercarregadores, estamos felizes em deixar outros produtores de carros usarem essa rede. Estamos realmente fazendo tudo o que podemos para acelerar o advento de carros estáveis (Elon Musk).

¹¹ Distinção crucial: "Software Livre" é um movimento político (GNU/Linux, Stallman) que rejeita privatização de conhecimento; "Open Source" (1990s) mantém código visível, mas remove o componente ético-político, permitindo corporações lucrar com código livre. Essa cooptação corporativa da linguagem libertária repete-se no discurso de Musk sobre "inovação aberta" e sustentabilidade.

Figura 17 - Ao começar este trecho apresentando a Tesla a música de aventura sobe e entra um trecho que traz uma ideia de mais aventura e potência. É uma música similar a dos filmes de ação



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Entrevistados em *off* também observam que, por vezes, grandes avanços podem surgir a partir de grandes falhas, sugerindo uma mentalidade de aprendizado constante de Musk. Wimmer diz que: “[para ele] sim é sim. Talvez é sim. E não é apenas um sim atrasado”.

A Tesla é classificada como a "maior história de sucesso do século na indústria automotiva", (lembrando que é um filme de 2018, ou seja, a segunda década de um século que ainda inicia), com imagens grandiloquentes e ângulos de baixo para cima que continuam a engrandecer Musk (Figura 18). A motivação da sustentabilidade e da luta contra as mudanças climáticas é realçada por Ashley Pearson, justificando a ascensão da Tesla sem publicidade tradicional.

Figura 18 - Imagens com ângulos de baixo para cima, continuam a ser usadas, trazendo a ideia de engrandecimento de Musk



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Wimmer, ao comparar a relação receita/valor de mercado da Honda com a da Tesla, destaca o efeito *hype*¹², a “boa vontade no mercado” e o “fã clube” de Musk como fatores que lhe permitem financiar "quaisquer outras ideias loucas na fronteira que ele tenha a seguir", revelando a dimensão do “capital simbólico”¹³ construído em torno de sua figura mesmo sem um lastro real de geração de receita sólida para fundamentar completamente esses projetos.

Se você olhar para a relação entre receita e valor de mercado da fabricante de carros Honda e o valor para renda da Tesla, a Honda estaria negociando a 0,5 vezes o valor e a Tesla estaria negociando a 7,4 vezes hoje. Então a Tesla já vale muito mais, dada a baixa receita que produz. Por quê? Porque existe muita boa vontade no mercado e isso é porque Elon tem um fã clube, uma comunidade de investimento. E esse acesso a capital, essa boa vontade, isso é marca se você entender assim, é maravilhoso para Elon, porque permite que ele faça outras coisas como a Boring Company ou suas ambições com Inteligência Artificial (IA) ou quaisquer outras ideias loucas na fronteira ele tenha a seguir (Per Wimmer).

- *Energia solar*

Trazendo, na sequência, por volta do minuto 44, a questão da energia solar, o documentário sublinha a coragem de Musk em enfrentar "alguns dos maiores desafios do mundo", com a Tesla buscando "reduzir o consumo de energia fóssil" e a SolarCity (maior rede

¹² O efeito *hype* refere-se a um estado de grande entusiasmo, empolgação e expectativa exagerada do público em torno de algo, como um produto, evento, filme ou tendência. A palavra vem do inglês "*hyperbole*" (hipérbole, exagero). No contexto do marketing, o "efeito *hype*" é uma estratégia deliberada para gerar burburinho e interesse, muitas vezes usando publicidade intensa ou criando um senso de escassez artificial para induzir a demanda.

¹³ Será melhor explorado no item 2.4.5.

de painéis de energia solar dos EUA, segundo o filme) (Figura 19) nascendo a partir de uma "aposta feita no Twitter" (Figuras 20).

Figura 19 - Imagem de funcionários instalando painéis de energia solar da Solar City



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Figura 20 - Texto da aposta de Musk no Twitter, que deu origem a empresa Solar City



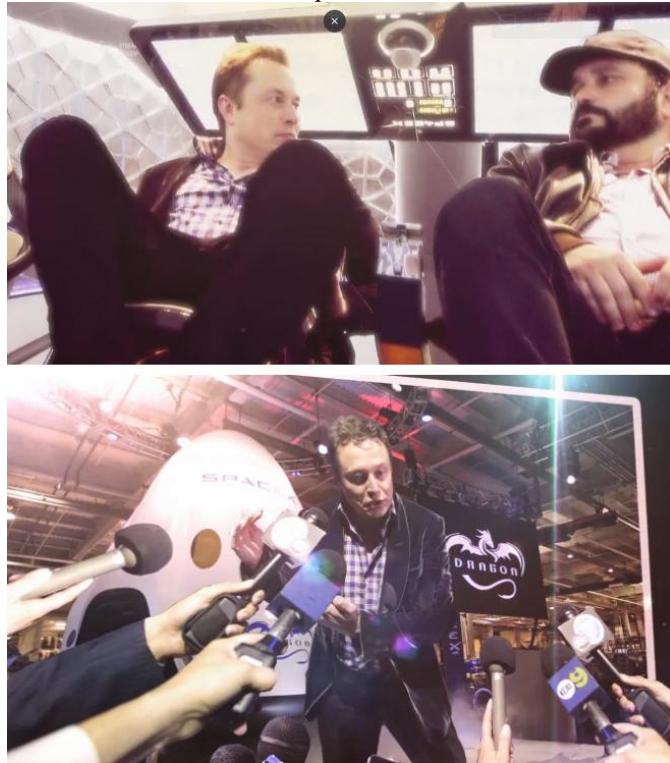
Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Essa narrativa solidifica a imagem de Musk como um herói visionário capaz de concretizar todas as suas visões e tornar possível o que antes parecia inalcançável.

- *Spacex*

Em relação à SpaceX, o documentário compara a nova fase da empresa, após o lançamento bem-sucedido de 2018, a uma "nova corrida espacial" (Figura 21), com uma trilha sonora emocional que evoca um senso de grande aventura.

Figura 21 - Fotos de Musk novamente na angulação de baixo para cima, no contexto dos foguetes para falar da SpaceX



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Kartik Kumar, descrito como "análogo de astronauta" (Figura 22), e a jornalista espacial Sarah Cruddas enaltecem a eficácia da espaçonave e a importância do lançamento do Falcon Heavy, misturando imagens históricas da missão Apollo 11 com as atuais (Figuras 23 e 24).

O lançamento do Falcon Heavy da SpaceX foi significativo por tantas razões. Cientificamente, quer dizer, é o foguete mais poderoso que vimos ser lançado desde o Saturn 5 que levou o homem à lua (Sarah Cruddas)

Figura 22 - Kartik Kumar em trajes de astronauta



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Figura 23 - Ex-presidente Obama observa parte do foguete Falcon



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Figura 24 - Sequência de imagens mesclando viagem do homem à Lua e lançamentos atuais



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

À fala da jornalista seguem-se imagens do pouso do homem na Lua, acompanhadas da célebre narração jornalística do evento: “um pequeno passo para o homem e um grande salto para a humanidade” (Figura 25).

Figura 25 - Novamente mesclando imagens da viagem do homem à Lua



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Essa justaposição cria uma continuidade histórica para as façanhas de Musk, posicionando-o como o sucessor natural dos grandes exploradores. Musk, por sua vez, expressa sua empolgação com a nova era de exploração espacial: “Estamos entrando em uma nova era de exploração espacial, o que é extremamente excitante”.

Wimmer comenta na sequência sobre a grandiosidade da realização: “foi uma grande realização para uma companhia privada, criar e lançar de forma bem-sucedida um dos maiores foguetes de toda a história. O *Falcon Heavy* pode carregar 64 toneladas. Isso é muito”. Já o jornalista Jeff Parsons destaca a magnitude da carga que o *Falcon Heavy* (Figura 26) é capaz de transportar: “é o equivalente a um jato 737, cheio de passageiros, cheio de bagagem, cheio de combustível, erguendo tudo isso e mandando para o espaço e não só mandando para o espaço, mas mandando para além da órbita baixa, para além da lua, para além de Marte”.

Figura 26 - Imagem de um lançamento do foguete Falcon Heavy com destaque para a bandeira americana em sua capsula superior



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Percebe-se que uma das maiores conquistas de Musk foi a criação de foguetes reutilizáveis, o que proporcionou uma redução significativa nos custos das missões espaciais. Essa proeza, que ele considera essencial para o sucesso de uma empresa privada, foi fundamental para conquistar um contrato com a NASA (Figura 29), uma vez que a diminuição dos custos chegou a 90%. Musk enfatiza a importância de liderar com a pessoa certa e conceder a oportunidade de executar sua visão.

Figura 27 - Entrevista coletiva de Musk e equipe da NASA



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Essa parte do documentário é rica em imagens de lançamentos de foguetes (Figura 28) e apresenta uma trilha sonora de aventura ainda mais intensa do que o usual, buscando enfatizar o caráter inovador e emocionante dessa etapa.

Figura 28 - Lançamento no campo da NASA



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Durante a sequência de imagens do foguete pousando de volta na plataforma no oceano (Figura 29), ouvimos falas de Musk e de outros especialistas enfatizando o quão incrível seria esse feito. O pouso bem-sucedido e a capacidade de reutilização dos foguetes são celebrados como marcos históricos na exploração espacial.

Figura 29 - Imagens dos foguetes pousando de volta nas plataformas da empresa



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

- *Marte*

A visão para Marte é detalhada pela própria fala de Musk em uma entrevista: "Eu quero permitir que grandes números de pessoas e carga vão a Marte. Então não é sobre eu pessoalmente fazer uma jornada para Marte. Quer dizer, isso seria legal, em um nível pessoal. Mas eu acho que é importante que nós, enquanto espécie e civilização, estejamos em um

caminho para nos tornarmos uma civilização do espaço e uma espécie multiplanetária" (Figura 30).

Figura 30 - Musk conta sua visão sobre a ida à Marte em entrevista



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

A sequência seguinte do documentário explora a ideia de criar uma colônia em Marte (Figura 31), mostrando imagens de testes e treinamentos relacionados à missão. O narrador informa que havia um interesse em realizar a primeira missão para Marte em 2022, embora isso não tenha acontecido.

Figura 31 - Cenas que referenciam as pesquisas da SpaceX sobre viagens para Marte



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Diversos especialistas são entrevistados (Figura 32), e eles expressam que é possível alcançar a missão a Marte, apontando os desafios envolvidos, mas enfatizando a crença de que

Musk possivelmente poderia tornar isso realidade. Esse consenso dos especialistas demonstra uma suposta forte fé na capacidade de execução de Musk.

Figura 32 - Mais imagens das pesquisas e especialistas no assunto da viagem a Marte



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

O filme ressalta que Musk é alguém que efetivamente executaria suas visões, sendo um empreendedor de ação. Diversas falas de diferentes pessoas destacam a capacidade de criação e execução de Musk. Ele é percebido, no fundo, como um engenheiro que coloca a mão na massa para fazer suas ideias se tornarem realidade (Figura 33).

Figura 33 - Musk fala sobre o projeto da viagem a Marte



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

- *Vida amorosa*

Neste trecho do documentário, é apresentada uma visão mais pessoal de quem é Musk como indivíduo. Histórias sobre sua relação com os funcionários e seu relacionamento com Grimes (Figura 34), sua agora ex-namorada, são abordadas. A música muda pela primeira vez, assumindo um tom mais alegre e animado, possivelmente refletindo a suposta leveza da personalidade de Musk.

Figura 34 - Imagens de duas companheiras



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

As falas de diversas fontes reforçam a imagem de Musk como uma pessoa de bom coração, com certa inocência e vulnerabilidade. Ele é descrito por Julie Anderson como alguém que “usa seu coração nas mangas, ele é muito suave por baixo da fachada”.

Essa exploração da personalidade de Musk parece buscar adicionar profundidade à narrativa do documentário, mostrando uma faceta mais humana por trás do famoso empreendedor. Suas relações interpessoais e sua honestidade são enfatizadas como características que o tornariam mais do que apenas um líder visionário, mas também uma figura com qualidades humanas que ressoam com aqueles que o cercam.

Curiosamente, uma ex-funcionária diz nesse trecho que Musk afirma que “Percepção se torna realidade”, afirmação que acaba por expor a imagem construída por ele na produção midiática como um artefato bem trabalhado de forma estratégica e consciente.

- *Hyperloop*

O documentário passa então a falar do projeto Hyperloop (Figura 35), uma inovadora proposta de sistema de transporte de alta velocidade que utiliza cápsulas pressurizadas para viajar em tubos de baixa pressão, visando revolucionar a mobilidade terrestre.

Figura 35 - Imagens do projeto Hyperloop



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

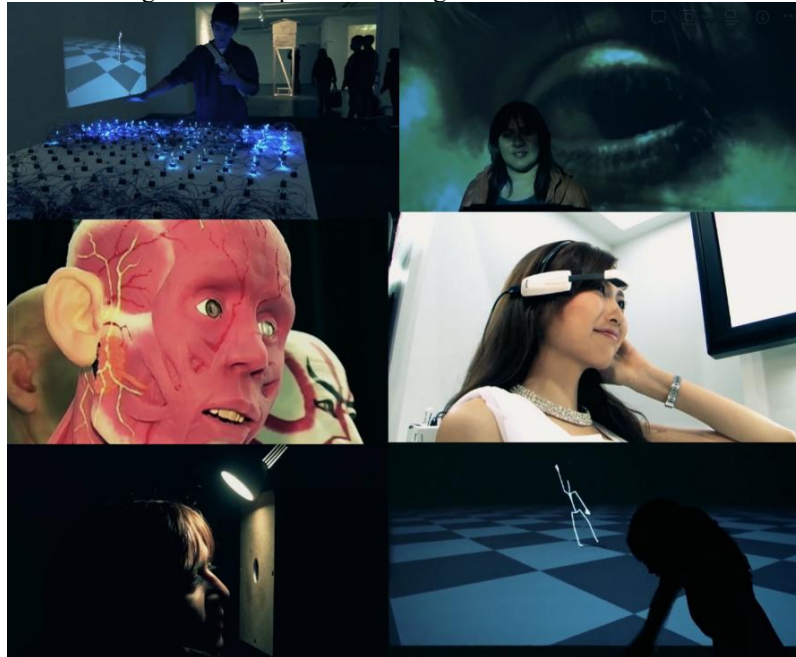
Inicialmente, o projeto poderia ter sido visto como uma ideia maluca, mas que se mostraria cada vez mais viável e real. Musk abriu o desafio para que outras empresas também participassem do desenvolvimento dessa tecnologia inovadora. As previsões iniciais apontavam para o transporte de carga até 2019 e passageiros até 2021, no entanto, até o momento essas previsões não foram totalmente concretizadas.

As perspectivas em torno do Hyperloop despertaram interesse e entusiasmo, mostrando o impacto das visões audaciosas de Musk na indústria de transporte. O projeto, embora ainda esteja em andamento, refletiria sua mentalidade empreendedora de desafiar o *status quo* e buscar soluções disruptivas para problemas complexos.

- *Inteligência Artificial (IA)*

A partir de 1h01, o documentário aborda o tema da IA (Figura 36), enfocando a visão de Musk como uma presumida voz líder sobre o potencial de um apocalipse da IA. Segundo o narrador, Musk considera a superinteligência digital como a ameaça mais séria à sobrevivência da raça humana, o que o teria levado a lançar a Neuralink, uma iniciativa para desenvolver uma IA segura e benéfica.

Figura 36 - Sequência de imagens sobre o tema da IA



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Diversos especialistas são entrevistados, todos eles destacando os riscos associados à IA, em particular, o perigo do surgimento da singularidade, momento em que a IA pode adquirir autoconsciência e tomar decisões que ameacem a humanidade. O Dr. Davide Valeriani (Figura 37), pesquisador de interfaces cérebro-computador, ressalta a intenção de Musk de utilizar a IA como uma ferramenta para aprimorar as capacidades humanas, em vez de substituí-las. Jonathan O'Callaghan, repórter científico da BBC Earth, acrescenta: "Eu acho que ele está dizendo, se você não pode vencê-los, torne-se um super-homem e vença-os".

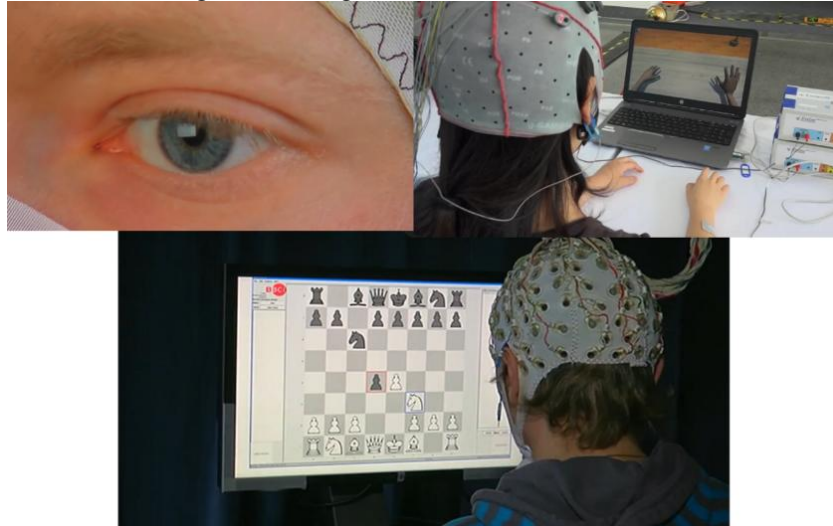
Figura 37 - Dr. Davide Valeriani



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

Uma das abordagens propostas é a utilização da "interface cérebro-computador" (BCI - *Brain Computer Interface* - Figura 38) para restaurar capacidades perdidas ou criar novas capacidades nos seres humanos.

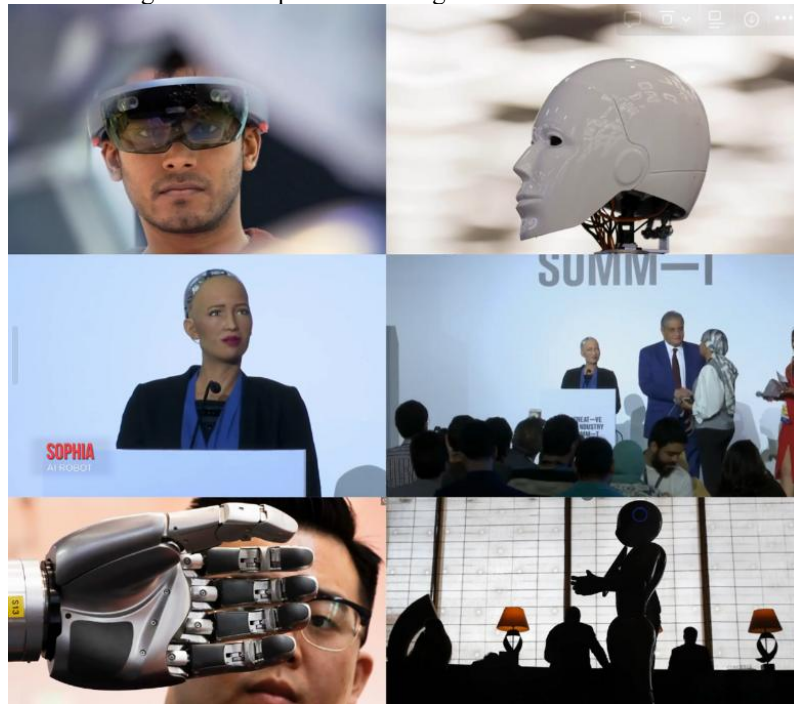
Figura 38 - Imagens referentes ao tema do BCI



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

No entanto, o documentário também destaca o desacordo de Musk com Mark Zuckerberg (CEO da empresa Meta, dona do Facebook, Instagram e WhatsApp), que possui uma visão otimista em relação à IA. Os especialistas debatem sobre os riscos envolvidos e as diferentes perspectivas sobre esse avanço tecnológico (Figura 39).

Figura 39 - Sequência de imagens sobre o tema da IA



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

- *Teoria da simulação*

O filme, na sequência, prossegue com uma discussão sobre a teoria da simulação, que propõe que nossa realidade seja uma simulação computacional, similar a um programa de computador, controlada por entidades mais avançadas tecnologicamente, uma ideia que Musk tem apoiado publicamente. A jornalista Ashley Pearson menciona que Musk já fez afirmações tão bizarras no passado que acabaram se tornando verdades, o que a leva a considerar a possibilidade de que essa teoria possa ser verdadeira. No entanto, ela também pondera que ainda não há certeza absoluta sobre o assunto.

Outros especialistas também são consultados e concordam que é impossível refutar essa teoria da simulação. O debate em torno desse conceito instigante continua a despertar interesse e especulações.

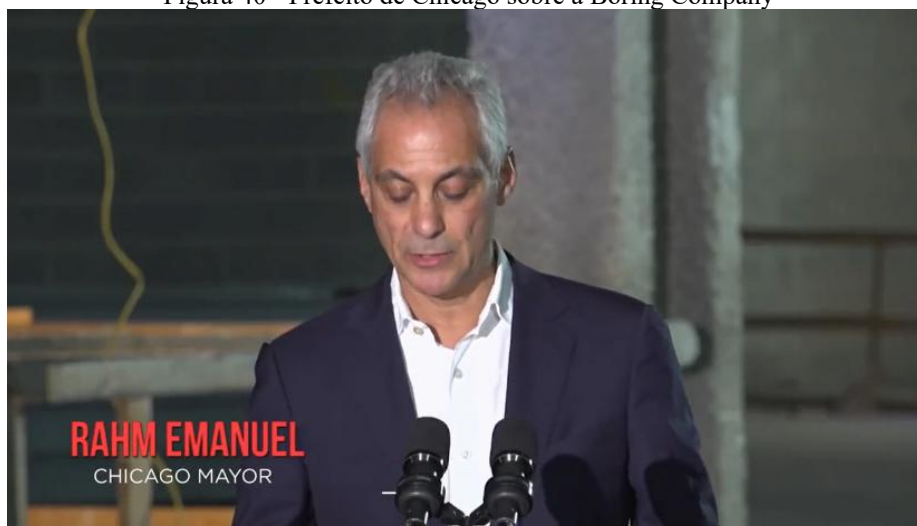
Eu apenas penso que é interessante que Musk possa por algo como isso em público e mostrar que algo que outros possam considerar um pensamento um pouco ridículo ou que possam ter medo de serem ridicularizados, por ele realmente está pensando seriamente a respeito. E eu acho que o que Musk está sempre tentando fazer é promover uma discussão (Jeff Parsons).

- *Boring company*

A narrativa começa a concluir-se com uma abordagem sobre a Boring Company, uma empresa que busca desenvolver túneis subterrâneos para o transporte, apresentando-a como uma solução para o problema do tráfego urbano. O prefeito de Chicago Rahm Emanuel (Figura 40), elogia Musk, afirmando: "Elon Musk é uma das grandes mentes engenheiras de nossa época, um dos grandes líderes de negócio e empreendedor de nossa época e um dos grandes visionários de nossa época".

Essa declaração enfatiza o reconhecimento e a admiração por Musk como uma figura proeminente em diversas áreas, destacando seu papel na busca por soluções inovadoras para questões urbanas. A Boring Company, com sua visão de túneis subterrâneos para transporte, representa uma das muitas iniciativas de Musk na busca por revolucionar e melhorar a vida nas cidades.

Figura 40 - Prefeito de Chicago sobre a Boring Company



Fonte: Documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro (2018)

- *Fechamento*

Ao se aproximar do final, o documentário vai encerrando com uma trilha sonora vibrante e eletrônica, evocando uma sensação triunfal, típica das músicas de encerramento de filmes de super-heróis. Quatro especialistas fecham o conteúdo expressando suas visões sobre Musk e seu legado. Ashley Pearson destaca: "Elon será lembrado como um dos caras que não tinha medo de dizer 'o que mais?'" , ressaltando sua teórica capacidade de enfrentar desafios audaciosos. Julie Anderson compartilha sua perspectiva, afirmando: "Eu acho que sua maior conquista é inspirar a humanidade a pensar maior, a sonhar maior", reconhecendo o suposto impacto inspirador que Musk teve em diversas áreas. Sarah Cruddas enfatiza a presumida

importância das narrativas positivas em um mundo repleto de problemas: "Em um mundo onde existem tantos problemas, não é bom ter uma história positiva ocasionalmente?" Por fim, Jeff Parsons reflete sobre o futuro, ponderando: "Nós estamos apenas sentados e assistindo o que vai sair a seguir", expressando a expectativa em relação às próximas inovações e empreendimentos de Musk (Figura 41).

Figura 41 - Musk como visionário



Fonte: Documentário *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018)

O documentário conclui deixando a audiência com a sensação de que a trajetória de Musk seria apenas o começo de uma jornada repleta de possibilidades e impactos transformadores no mundo da tecnologia, ciência e imaginação humana.

2.2.2 As Estratégias de construção narrativa e simbólica em Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro

A análise imagética e textual do documentário "Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro" revela uma arquitetura narrativa cuidadosamente elaborada para mitificar a figura de Musk, posicionando-o como o principal expoente do salvacionismo tecnológico contemporâneo. As estratégias empregadas convergem para construir um imaginário de futuro em que a tecnologia, guiada por um indivíduo excepcional, oferece a redenção para os grandes problemas da humanidade.

Uma das estratégias mais evidentes é a associação com arquétipos heroicos, notadamente a do Homem de Ferro. Essa vinculação não é acidental; ela insere Musk em um panteão de figuras que utilizam a inteligência e os recursos tecnológicos para combater ameaças e construir um futuro melhor. Essa projeção, catalisada pela narrativa midiática, encontra

ressonância no imaginário coletivo, que tende a buscar figuras capazes de restaurar a esperança em um futuro por vezes distópico (Berardi, 2011). As angulações de baixo para cima e a trilha sonora de aventura reforçam essa visualidade heroica, transformando cada empreitada de Musk em um capítulo de uma saga épica.

O documentário também se vale extensivamente do uso de testemunhos de autoridade e da prova social. As vozes de executivos, jornalistas especializados e até astronautas, repetidamente apresentadas com seus nomes e credenciais, legitimam a narrativa sobre a genialidade e o impacto de Musk. Ao endossar suas visões e conquistas, esses depoimentos criam um consenso em torno da figura do empreendedor, solidificando sua credibilidade e carisma. Como afirma Harari (2018, p. 322), a crença de que "os ricos são, portanto, as pessoas mais úteis e benévolas da sociedade, porque impulsionam o crescimento em benefício de todos" é um pilar desse imaginário, e o documentário a reforça ao destacar a filantropia e a motivação "além do dinheiro" de Musk.

A narrativa da superação de desafios é outra estratégia crucial. Ao detalhar os momentos de quase falência da Tesla e os lançamentos malsucedidos da SpaceX, o filme humaniza Musk, mas, mais importante, o enquadra na jornada do herói, pois as provações são superadas pela resiliência e determinação. Essa abordagem transforma falhas em degraus para o sucesso, cultivando a imagem de um líder que aprende e persiste, validando a ideia de que "grandes avanços podem surgir a partir de grandes falhas", como citado no filme.

Finalmente, a ênfase na inovação tecnológica como solução redentora permeia todo o documentário. Seja nos veículos elétricos da Tesla, nos foguetes reutilizáveis da SpaceX, nas soluções de energia solar da SolarCity, na Neuralink para IA segura, ou no Hyperloop e na Boring Company para o transporte, Musk é apresentado como o motor de um progresso tecnológico incessante. Essa fé na tecnologia para "maximizar o tempo de vida provável da humanidade ou da consciência" (TED, 2022) posiciona Musk como um agente de salvação. A fé cega na premissa de que a inovação por si só é algo inerentemente bom parece ser o substrato ideológico que o documentário explora, ao mostrar as "ideias malucas" de Musk se tornando "viáveis e reais" e gerando um "efeito hype" que, mesmo sem lastro imediato em receita, se traduz em "boa vontade no mercado" e acesso a capital para "quaisquer outras ideias loucas na fronteira que ele tenha a seguir", citando, novamente, o próprio documentário.

Em suma, *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* é um artefato midiático que constrói meticulosamente a imagem de Musk como um herói tecnológico moderno, capaz de

moldar o futuro e solucionar os problemas da humanidade através de sua genialidade e visão, reforçando o imaginário do salvacionismo tecnológico.

2.3 Documentário De Volta ao Espaço (2022)

O documentário *De Volta ao Espaço* (De Volta ao Espaço, 2022), lançado em 2022, oferece uma perspectiva aprofundada sobre a trajetória da empresa SpaceX e a missão de revitalizar a exploração espacial tripulada dos Estados Unidos.

De Volta ao Espaço foi distribuído primariamente pela Netflix, plataforma que, em 2022, contava com mais de 220 milhões de assinantes globalmente. Embora dados exatos de visualizações específicas para este documentário não sejam oficialmente publicados pela Netflix (que mantém suas métricas como propriedade comercial), o fato de que a plataforma selecionou o título para distribuição global indica seu impacto comercial e cultural antecipado.

O documentário foi dirigido por Jimmy Chin e Elizabeth Chai Vasarhelyi, cineastas vencedores do prêmio Oscar por *Free Solo* (2019), conferindo-lhe credibilidade cinematográfica de alto nível. Esta escolha de realizadores de renome internacional significa que o projeto recebeu financiamento e curadoria significativos, reforçando que a construção midiática de Musk e SpaceX não é um empreendimento marginal, mas integrado aos circuitos *mainstream* de produção audiovisual.

O lançamento de *De Volta ao Espaço* ocorreu em um momento estratégico: após o sucesso da missão Demo-2 (maio de 2020), que marcou o retorno dos astronautas norte-americanos ao espaço tripulado a partir de solo americano. Este evento não foi apenas técnico; foi simbólico: significava o retorno de soberania espacial aos EUA, após quase uma década de dependência de lançadores russos.

A escolha de documentar e distribuir essa narrativa globalmente, apenas 2 anos depois do evento real, indica a urgência capitalista de consolidar a imagem de Musk como herói tecnológico no imaginário público, quando a narrativa ainda é “quente” emocionalmente. A obra destaca a complexa e histórica colaboração entre a iniciativa privada, representada pela SpaceX, e a agência governamental NASA.

A relevância de *De Volta ao Espaço* para esta pesquisa reside em sua capacidade de solidificar a imagem de Musk como um catalisador do "salvacionismo tecnológico". Embora o documentário dedique um espaço considerável à equipe da SpaceX e aos astronautas, a figura de Musk permanece central, sendo consistentemente retratado como o visionário por trás da

audaciosa empreitada. Ao documentar os desafios, as tensões e os triunfos da SpaceX, o filme contribui para a construção de um imaginário de futuro em que a exploração espacial é apresentada não apenas como uma aventura, mas como uma necessidade existencial e um caminho para a sobrevivência e o progresso da humanidade, impulsionada pela inovação e pela audácia de indivíduos como Musk.

2.3.1 Análise das imagens e estratégias narrativas na construção do imaginário

O documentário *De Volta ao Espaço* adota uma abordagem que mescla o drama humano e a grandiosidade da engenharia espacial, utilizando estratégias visuais e narrativas que solidificam a imagem de Musk e da SpaceX como agentes de um futuro promissor, o que remete à ideia de uma "jornada do herói" (Campbell, 1990) na qual Musk e sua equipe são os protagonistas.

- *Abertura*

A abertura é marcada por uma atmosfera de suspense e expectativa. O documentário se inicia com a equipe da SpaceX chegando à base de lançamento para um voo espacial que representa o retorno ao espaço após nove anos de fechamento do programa espacial tripulado da NASA (Figura 42).

Figura 42 - Cenas iniciais do documentário



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

As cenas iniciais focam no "ensaio" final, denominado Demo-2, para testes e aprovação da NASA. A figura de Musk é logo introduzida com um "olhar distante" pela janela da sala de controle (Figura 43), enquanto sua voz em off declara a visão central da narrativa: "A Terra é o berço da humanidade, mas não podemos ficar no berço para sempre. É hora de avançar, caminhar pelas estrelas e expandir a consciência humana". Esta afirmação estabelece imediatamente o tom da narrativa, posicionando a exploração espacial não apenas como uma façanha tecnológica, mas como uma imperativa necessidade existencial para a humanidade.

Figura 43 - Musk com seu olhar supostamente ao longe na sala de controle



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

As vozes dos técnicos com as mensagens de lançamento vão entrecortando a cena toda até aqui. Entra uma contagem regressiva, tradicional nos lançamentos de foguetes, e aparecem os letreiros iniciais do filme no fundo do vazio do espaço sideral (Figura 44). A trilha sonora até aqui foi uma música de suspense suave de fundo.

Figura 44 - Letreiro inicial com título do filme



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

A narrativa, então, retrocede, revelando que a história será contada de maneira não linear (Figura 45).

Figura 45 - História será contada de forma não linear cronologicamente



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

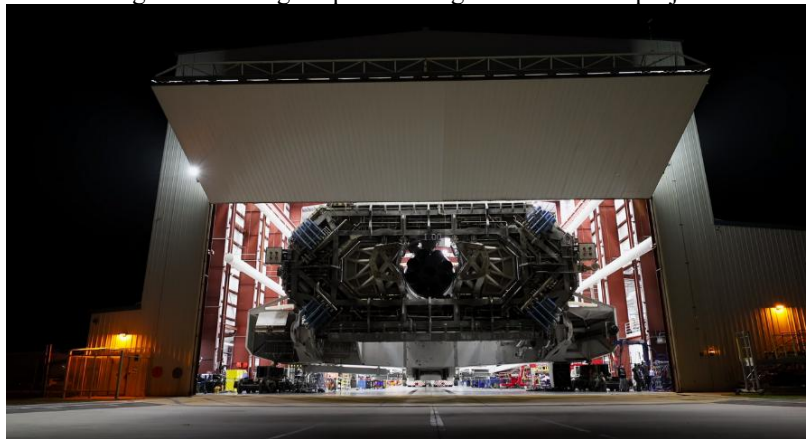
- *A construção da persona de Elon Musk*

O início da narrativa se abre com a voz de Musk em off: “existe essa pequena chama de consciência na Terra. Ela não existe há muito tempo e pode facilmente se extinguir. Pode ser um meteoro, a mudança climática extrema. Quem sabe? Uma 3ª Guerra mundial. Precisamos

preservar a luz da consciência para o futuro, nos tornando uma espécie multiplanetária, expandindo a vida além da Terra”.

As imagens nesse início parecem pontuar a grandeza do projeto, ao mostrar a escala técnica. Nesta imagem inicial (Figura 46), a voz de Musk em off diz: “Antes de começar a SpaceX eu estava esperando a NASA mandar pessoas pra Marte”.

Figura 46 - Imagens pontuam a grande escala do projeto



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Musk entra em cena falando diretamente e segue dizendo: “Todo ano, olhava o site da NASA e pensava: É difícil. Parecia não haver uma data para enviarem pessoa a Marte”. Ele é apresentado como engenheiro chefe da SpaceX (Figura 47).

Figura 47 - Musk como engenheiro chefe da SpaceX



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

As imagens seguem mostrando a grandeza da escala do projeto (Figura 48), com muitas angulações de baixo para cima, pontuadas com falas do próprio Musk, que explica sua visão para o projeto: “O avanço absolutamente fundamental para a humanidade se tornar uma espécie multiplanetária é um sistema de foguetes totalmente reutilizável”.

Figura 48 - Imagens mostram escala do projeto



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

A cena de Musk conversando com a equipe da NASA, possivelmente encenada para o documentário (Figura 49), busca reforçar sua liderança e papel técnico. O administrador da NASA comenta a importância da missão para recolocar os americanos em relevância na corrida espacial, com a visão de Marte como objetivo futuro, e imagens que continuam a enfatizar a grandiosidade do projeto (Figura 50). Uma história paralela é a dos astronautas Doug Hurley e Bob Behnken, humanizando a missão com cenas de seu treinamento (Figura 51).

Figura 49 - Musk conversa com a equipe da NASA



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Figura 50 - Imagem da grandeza da escala do projeto



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Figura 51 - Cenas com Doug Hurley e Bob Behnken falando de seu treinamento



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

A coletiva de imprensa, com Musk e o administrador da NASA no centro, e os jornalistas focando suas perguntas em Musk (Figura 52), reitera sua posição central na empreitada.

Figura 52 - Coletiva de imprensa com a NASA



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Enquanto isso, o administrador da NASA aparecia em um hangar, acompanhado de engenheiros trajando capacetes (Figura 53), em uma cena que se desdobrava com a voz do administrador em off, elogiando os esforços e dedicação de toda a equipe envolvida no projeto. Em meio a essa atmosfera de expectativa, ambos estavam posicionados diante do imponente foguete Falcon 9, símbolo máximo da ambição espacial da SpaceX. A grandiosidade do projeto se tornava evidente diante dos olhares atentos dos presentes, que aguardavam ansiosamente os próximos passos na busca por explorar novos horizontes no espaço.

Figura 53 - No hangar da NASA



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

- *O retorno ao passado e o vazio deixado pela NASA*

Na sequência, as imagens apresentadas trazem à lembrança a trágica explosão do ônibus espacial Challenger em 1986, uma catástrofe que ecoou pelos anos subsequentes e que ainda permanece como um lembrete da importância e do perigo inerente àquilo que estão buscando realizar.

Uma cena emblemática é mostrada, onde a explosão do ônibus espacial Challenger (Figura 54) é relembrada, evocando uma comoção de respeito e cautela entre os presentes. O

documentário não deixa de explorar os riscos e desafios inerentes ao voo espacial, colocando em perspectiva a magnitude do empreendimento em questão.

Figura 54 - Explosão do foguete *Challenger* em 1986



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Em um momento de reflexão, a voz de um astronauta surge em off, ressaltando a natureza implacável do voo espacial. Ele faz uma analogia impressionante, comparando-o a "dirigir uma bomba controlada no espaço e acelerar a 28 mil quilômetros por hora". Essa explanação sucinta traz à tona a consciência sobre os riscos envolvidos na jornada ao espaço, evidenciando a necessidade de cautela e preparo diante de um ambiente tão hostil.

A imagem apresentada ressalta ainda a inclusão de um sistema de aborto no projeto (Figura 55), uma medida de segurança projetada para evitar a ocorrência de tragédias como aquela do Challenger. Essa iniciativa demonstra o compromisso da equipe em mitigar os riscos associados à exploração espacial e garantir a segurança dos astronautas em todas as etapas do processo.

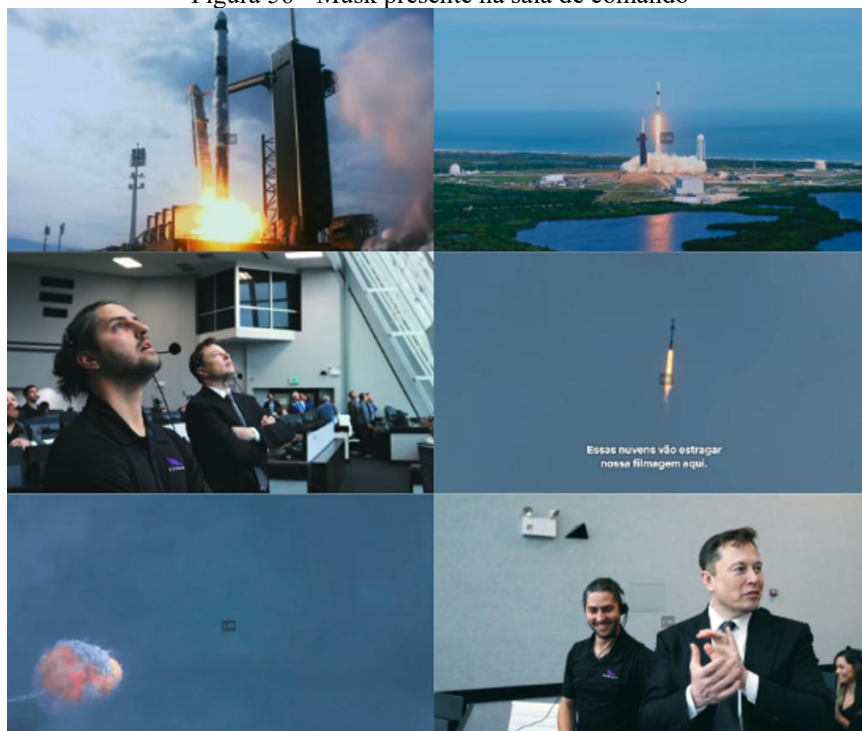
Figura 55 - Teste de aborto não tripulado



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Com a excitação no ar, Musk faz uma entrada marcante na sala de comando, onde se reúne com sua equipe para acompanhar o lançamento teste da função de aborto do foguete (Figura 58). Sua presença inspiradora e liderança evidente transmitem a importância do momento e a seriedade do empreendimento em questão.

Figura 56 - Musk presente na sala de comando



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Após o teste bem-sucedido, a cena se desloca para a coletiva de imprensa realizada posteriormente, na qual Musk é novamente o protagonista (Figura 57). Ele se apresenta confiante e entusiasmado ao falar sobre o projeto, compartilhando sua visão audaciosa e acreditando no potencial transformador da exploração espacial.

Figura 57 - Cena da coletiva de imprensa posterior ao teste



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Ao final da conferência, quando estão saindo, uma jornalista pede que Musk faça uma dancinha (em referência a algo que ele havia feito em um evento recente). Ele brinca com os jornalistas, dizendo que não é seu “fantoche dançarino”, mas que quando a tripulação lançar, certamente faria a dança. A cena mostra uma interação calorosa e bem-humorada com a imprensa, que está receptiva a ele (Figura 58).

Figura 58 - Cena do final da coletiva de imprensa



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O documentário nos leva de volta ao último lançamento tripulado da NASA, ocorrido em 2011 (Figura 59), que é descrito como a "última missão" do ônibus espacial.

Figura 59 - Último lançamento tripulado que havia sido feito pela NASA em 2011



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Esse momento é humanizado pela fala do astronauta Doug Hurley, um dos protagonistas da missão Demo-2, que pilotou essa última viagem e recorda a imagem da galáxia vista do deck do ônibus espacial, evocando uma sensação de perda e nostalgia (Figura 60).

Figura 60 - Imagem da galáxia, vista pelo deck do ônibus espacial na última viagem



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Essa contextualização é crucial para o enquadramento da SpaceX. A cena da implosão da estação de lançamento em Cabo Canaveral, Flórida, e a notícia, em off, de uma jornalista sobre a desmontagem da base (Figura 61), são elementos narrativos poderosos. Elas servem para sublinhar o "fim das viagens espaciais tripuladas" pela NASA, preparando o terreno para que Musk e a SpaceX sejam posicionados como os "grandes salvadores da possibilidade humana de voltar ao espaço". Mesmo que o documentário mencione que voos russos ainda

aconteciam e que havia outras empresas concorrendo, a construção narrativa parece dar a impressão de que Musk foi o principal catalisador para reabrir as portas da exploração espacial.

Figura 61 - Cena da implosão da estação de lançamento no Cabo Canaveral na Flórida



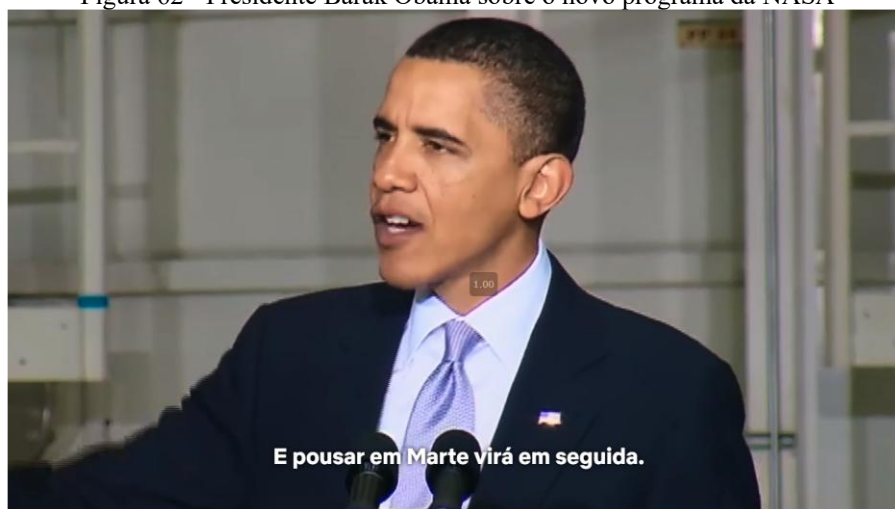
Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

- Desafios políticos e a emoção de Musk

O documentário passa, então, a mostrar os obstáculos políticos enfrentados. O discurso do então presidente Barack Obama sobre o novo programa da NASA, que visava a parcerias com a indústria e missões tripuladas a Marte até 2025 (Figura 62), é apresentado em contraste com as audiências do Senado.

Faremos parceria com a indústria, investiremos em pesquisa e tecnologia de ponta, e, até 2025, esperamos ter espaçonaves projetadas para viagens longas que nos permitam termos missões tripuladas além da Lua, rumo ao espaço sideral. E pousar em Marte virá em seguida. Espero estar por perto pra ver (Barack Obama).

Figura 62 - Presidente Barak Obama sobre o novo programa da NASA



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Já nas audiências, figuras históricas como Neil Armstrong e Eugene Cernan (comandantes das missões Apollo 11 e 17, respectivamente) se posicionavam contra a parceria com o setor privado (Figura 63). Mostrar essa oposição dos "heróis" da era espacial tradicional parece buscar destacar a ousadia e a natureza disruptiva da visão de Musk.

Figura 63 - Eugene Cernan, ex-astronauta e ex-comandante da missão Apollo 17, fala ao Senado



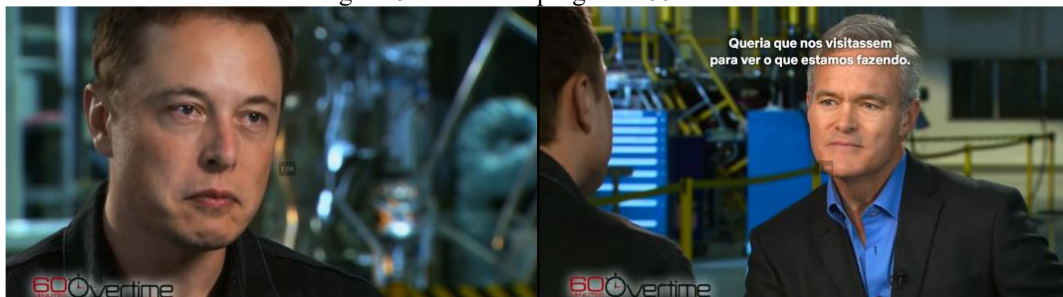
Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Um momento particularmente emotivo e estrategicamente posicionado no documentário é a gravação de um episódio do programa jornalístico "60 Minutes"¹⁴. Musk, visivelmente emocionado e com "olhos marejados", expressa sua tristeza ao ver aqueles que eram seus ídolos se posicionando contra o programa que ele defendia (Figura 64). Essa cena parece ser um artifício narrativo bastante intencional para criar uma conexão profunda com a audiência,

¹⁴ 60 Minutos é um premiado programa jornalístico da televisão norte-americana, apresentado na rede CBS News desde 1968.

humanizando Musk e revelando sua vulnerabilidade e o "ideal e missão" por trás de seu trabalho. A expressão do jornalista, que também se emociona, reforça a autenticidade e o impacto da cena.

Figura 64 - Cena do programa 60 Minutos



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

- *As falhas iniciais e a resiliência da SpaceX*

A narrativa então nos leva de volta aos primórdios da SpaceX, apresentando Hans Koenigsmann, um novo personagem que reforça a filosofia da empresa: o erro como parte do processo (Figura 65).

Figura 65 - Hans Koenigsmann, VP de Construção de Confiança de Voo na SpaceX



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O documentário resgata reportagens da época que descreviam Musk como um "milionário da tecnologia" e não como um engenheiro, que buscava fazer "o que nem a NASA consegue" (Figura 66), que é um dos pontos importantes que o documentário busca posicionar.

Figura 66 - Imagens de reportagens da época inicial da Space X



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

A cena volta para os tempos atuais do documentário e Musk, em sua própria voz, explica que construir um foguete é uma quantidade monumental de trabalho e que ele tinha dinheiro apenas para "três voos" (Figura 67).

Figura 67 - Musk no presente comenta o tamanho do desafio



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

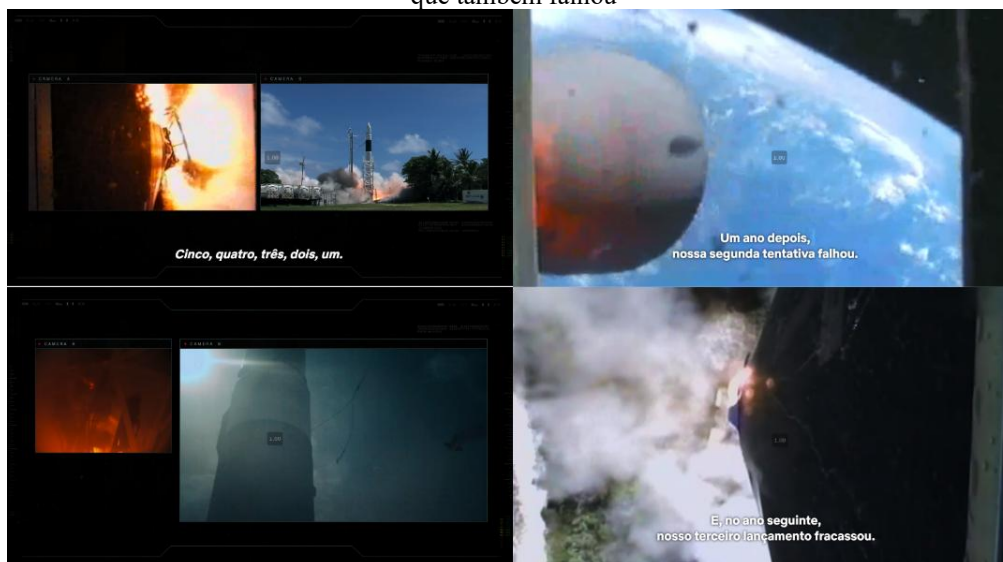
O documentário ilustra vividamente os fracassos iniciais da SpaceX, mostrando a explosão do lançamento da primeira versão do foguete Falcon, seguida pelos lançamentos do segundo e terceiro foguetes, que também falharam (Figuras 68 e 69).

Figura 68 - Imagens da explosão do lançamento da primeira versão do foguete Falcon (não tripulado)



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

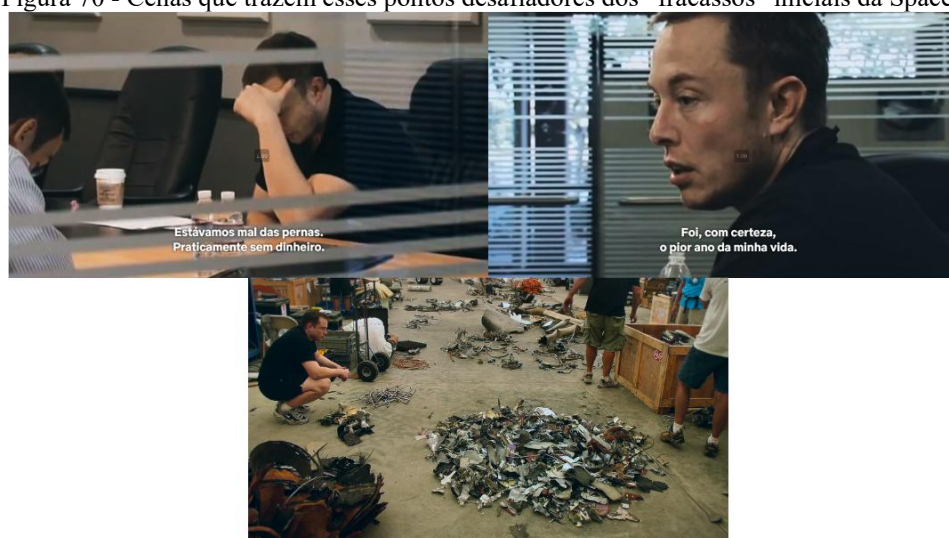
Figura 69 - O segundo lançamento, um ano depois, que também falhou. E o terceiro, um ano depois do segundo, que também falhou



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Essas sequências de falhas se mostram cruciais para a construção da jornada do herói. Musk descreve esse período como muito perigoso para a empresa, o pior ano de sua vida e o mais próximo de um colapso nervoso (Figura 70).

Figura 70 - Cenas que trazem esses pontos desafiadores dos “fracassos” iniciais da SpaceX



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

No entanto, em vez de desistir, a fala seguinte de Hans revela que Musk convocou a equipe, não para fechar a empresa, mas para "consertar tudo e lançar um novo foguete o mais rápido que conseguissem", colocando todo seu dinheiro pessoal na companhia (Figura 71).

Figura 71 - Cenas da época mostram a decisão de Musk de seguir

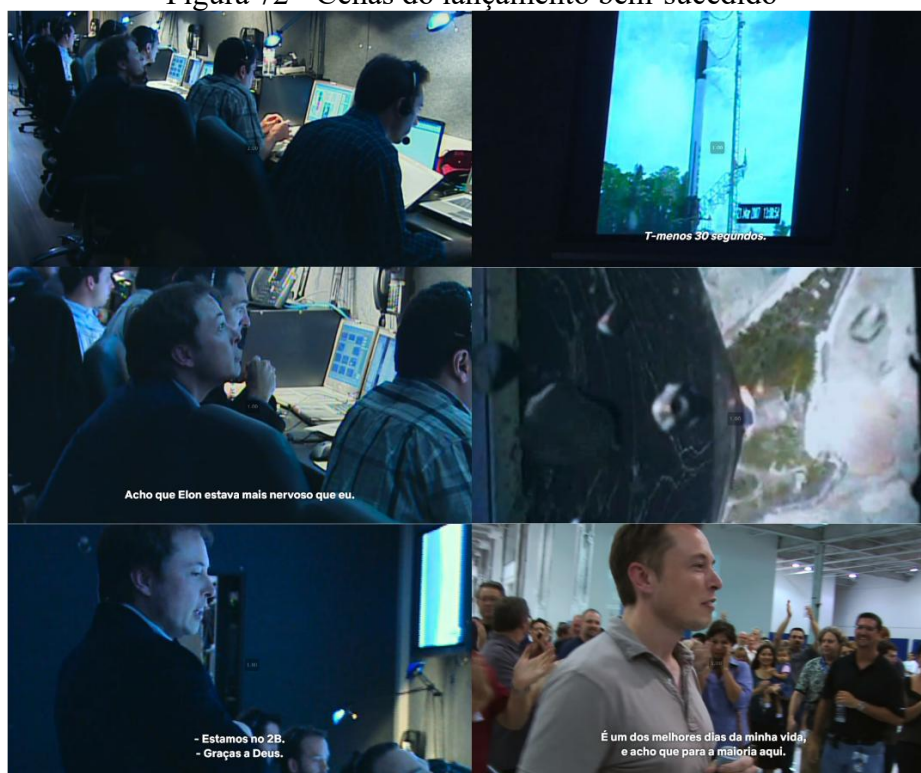


Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

- *O triunfo e a consolidação da imagem*

O ponto de virada é o quarto lançamento, finalmente bem-sucedido (Figura 72). As cenas mostram o "nervosismo e envolvimento emocional de Musk com a equipe", buscando reforçar seu caráter humano e a ideia de missão. Musk celebra o momento como: “é um dos melhores dias da minha vida, e acho que para a maioria aqui. Mostramos que podemos, e é o primeiro passo de muitos até Marte. Acho que o futuro da SpaceX é brilhante.”

Figura 72 - Cenas do lançamento bem-sucedido



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O narrador, em um momento de personificação máxima da SpaceX na imagem pública de Musk, declara que apenas quatro organizações colocaram uma cápsula em órbita e a trouxeram de volta com sucesso: "os EUA, a Rússia, a China e Elon Musk"¹⁵, e personifica apenas a figura de Musk. Eles não dizem, por exemplo, que nos EUA havia sido John F. Kennedy o presidente responsável, ou mesmo se referem a qualquer outro nome pessoal, mas posicionam o nome de Musk ao lado de três das maiores potências políticas mundiais, o posicionam par a par com essas gigantes instituições.

Após o lançamento bem-sucedido do Falcon, a NASA fechou um contrato de 1,5 bilhões com a SpaceX. Novamente, é mostrado um trecho da entrevista de Musk com o programa *60 minutes* (Figura 73), na qual ele mostra seu lado mais pessoal, carinhoso, vulnerável, parecendo buscar uma conexão humana com a audiência.

¹⁵ Essa fala deixa de fora a Agência Espacial Europeia (ESA) que também cumpriu o mesmo feito.

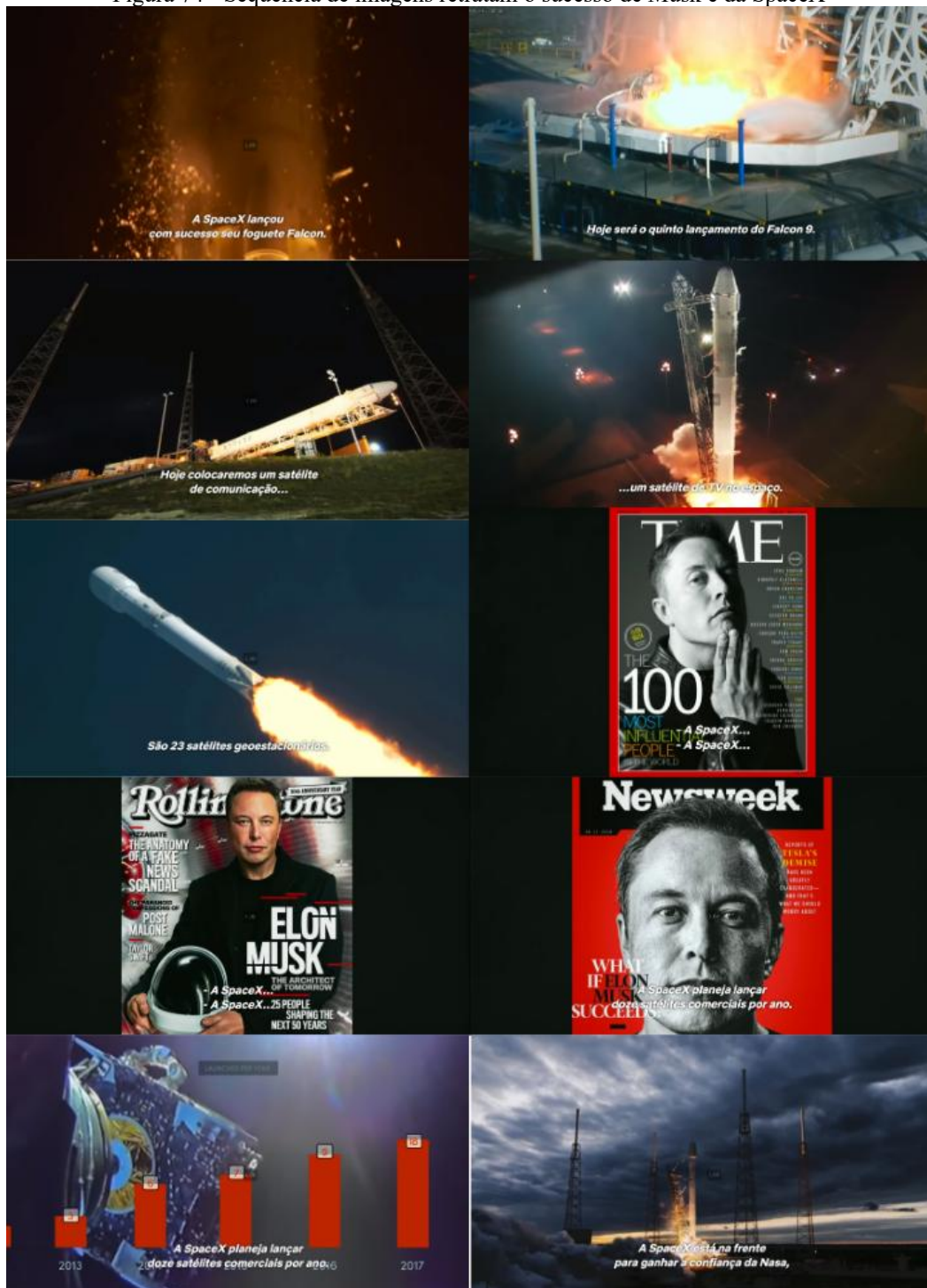
Figura 73 - Cenas do programa 60 minutos



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

A sequência seguinte, que retrata notícias de jornais e capas de revistas (Figura 74), corrobora a ascensão da SpaceX e de Musk no cenário espacial.

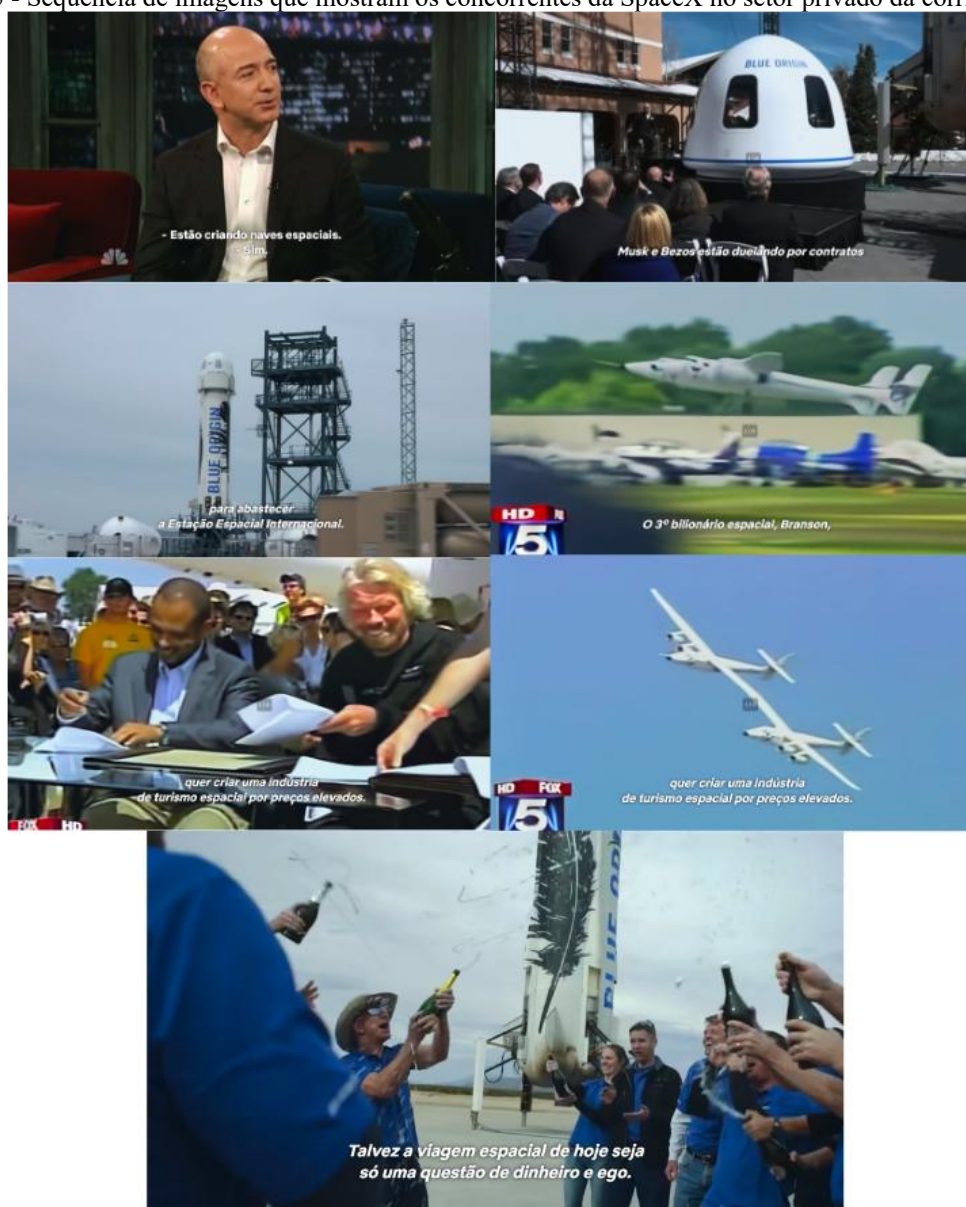
Figura 74 - Sequência de imagens retratam o sucesso de Musk e da SpaceX



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O documentário, no entanto, também reconhece que a SpaceX não está sozinha na corrida espacial, mostrando Jeff Bezos (*Blue Origin*) e Richard Branson (*Virgin Galactic*) (Figura 75), e levantando a questão de que as viagens espaciais modernas podem ser movidas por "dinheiro e egos", em contraste com o peso histórico do passado.

Figura 75 - Sequência de imagens que mostram os concorrentes da SpaceX no setor privado da corrida espacial



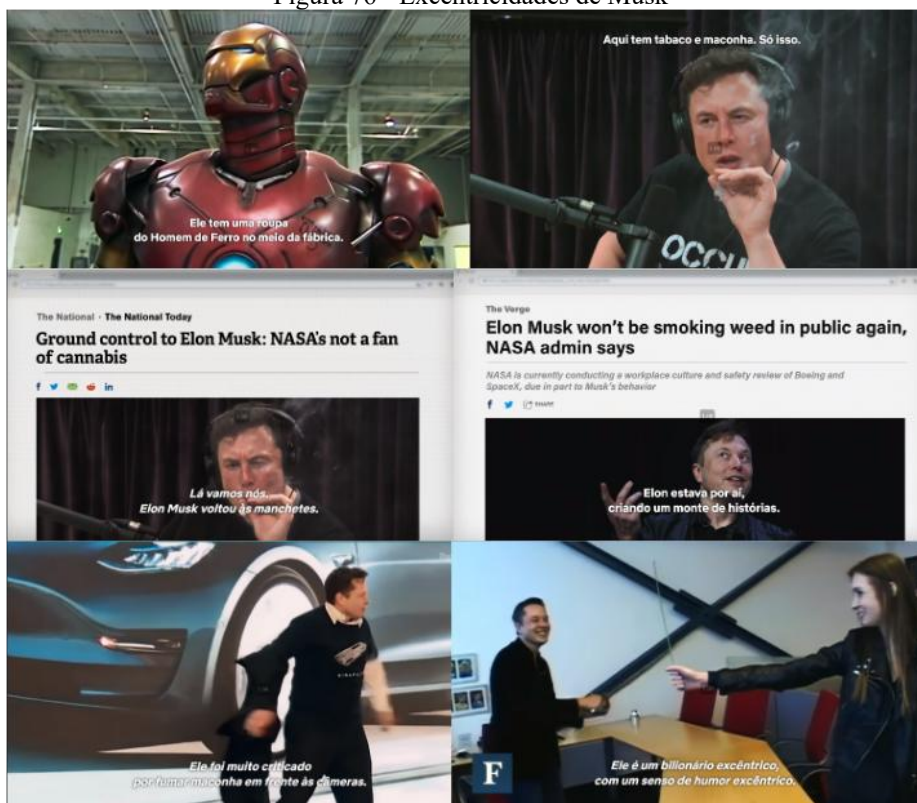
Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Parecendo não rebater a ideia de egos como algo negativo, a sequência do documentário segue explorando a persona excêntrica de Musk. Nela, sua personalidade é explorada com exemplos como a venda promocional de lançadores de chamas de sua empresa Boring Company e sua aparição no podcast de Joe Rogan¹⁶, na qual fumou um cigarro de tabaco e maconha em público. Uma pessoa da equipe conta que ele tem uma roupa em tamanho natural do Homem de Ferro¹⁷ no meio da fábrica da SpaceX (Figura 76).

¹⁶ Controverso podcast estadunidense, líder de audiência em sua categoria. Pode ser acessado em <https://open.spotify.com/show/4rOoJ6Egrf8K2IrywzwOMk>. Acesso em: 27 jul.2025.

¹⁷ Super-herói da Marvel Comics referenciado no título do documentário anterior analisado, corroborando a identificação de Musk com o personagem.

Figura 76 - Excentricidades de Musk



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Contudo, essa "excentricidade" é rapidamente ressignificada por um astronauta, que argumenta que não se trata de sua fortuna ou "palhaçadas", mas de sua "visão muito maior para a sociedade e para o planeta" (Figura 77), atrelando-a à sua famosa "ética de trabalho". Na sequência, um recorte de sua entrevista de 2013 na Conferência TED¹⁸, onde ele fala dos desafios do foguete reutilizável (Figura 78) e reforça sua visão de baratear os voos espaciais.

¹⁸ A Conferência TED é um evento anual que reúne pensadores e líderes de diversas áreas para compartilhar "ideias que valem a pena espalhar". É realizada na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação TED. O nome TED é um acrônimo para Tecnologia, Entretenimento e Design, mas a conferência aborda um leque muito mais amplo de temas, incluindo ciência, artes, negócios e questões globais. Disponível em: <https://www.ted.com/about/our-organization/how-ted-works>. Acess em: 27 jul.2025.

Figura 77 - Cenas que falam do comprometimento de Musk com sua visão



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Figura 78 - Cena da entrevista de 2013 com Musk, na Conferência TED

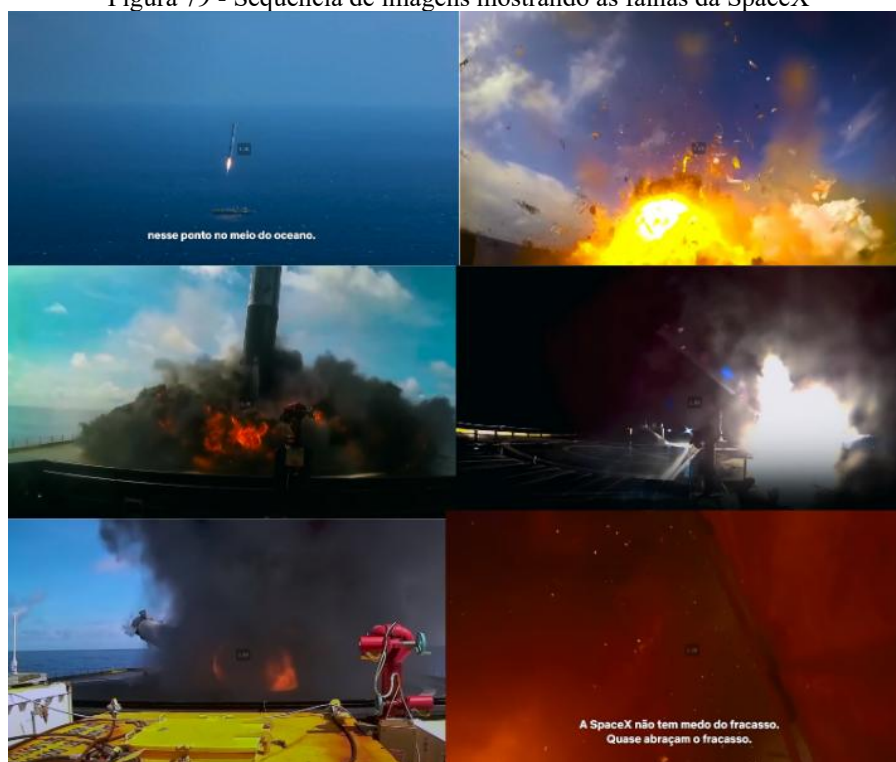


Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

- *A cultura da falha e a inovação*

Um aspecto fundamental da SpaceX, abordado na sequência, e que parece se construir em cima dessa personalidade ousada de seu fundador, é sua abordagem em relação às falhas. Um funcionário em off afirma que "A SpaceX não tem medo de falhas, eles quase abraçam as falhas". Essa mentalidade, diferente dos parceiros tradicionais da NASA que testam tudo antes de colocar para funcionar, aparenta justificar a ideia de que a SpaceX se constrói em torno dos erros (Figura 79).

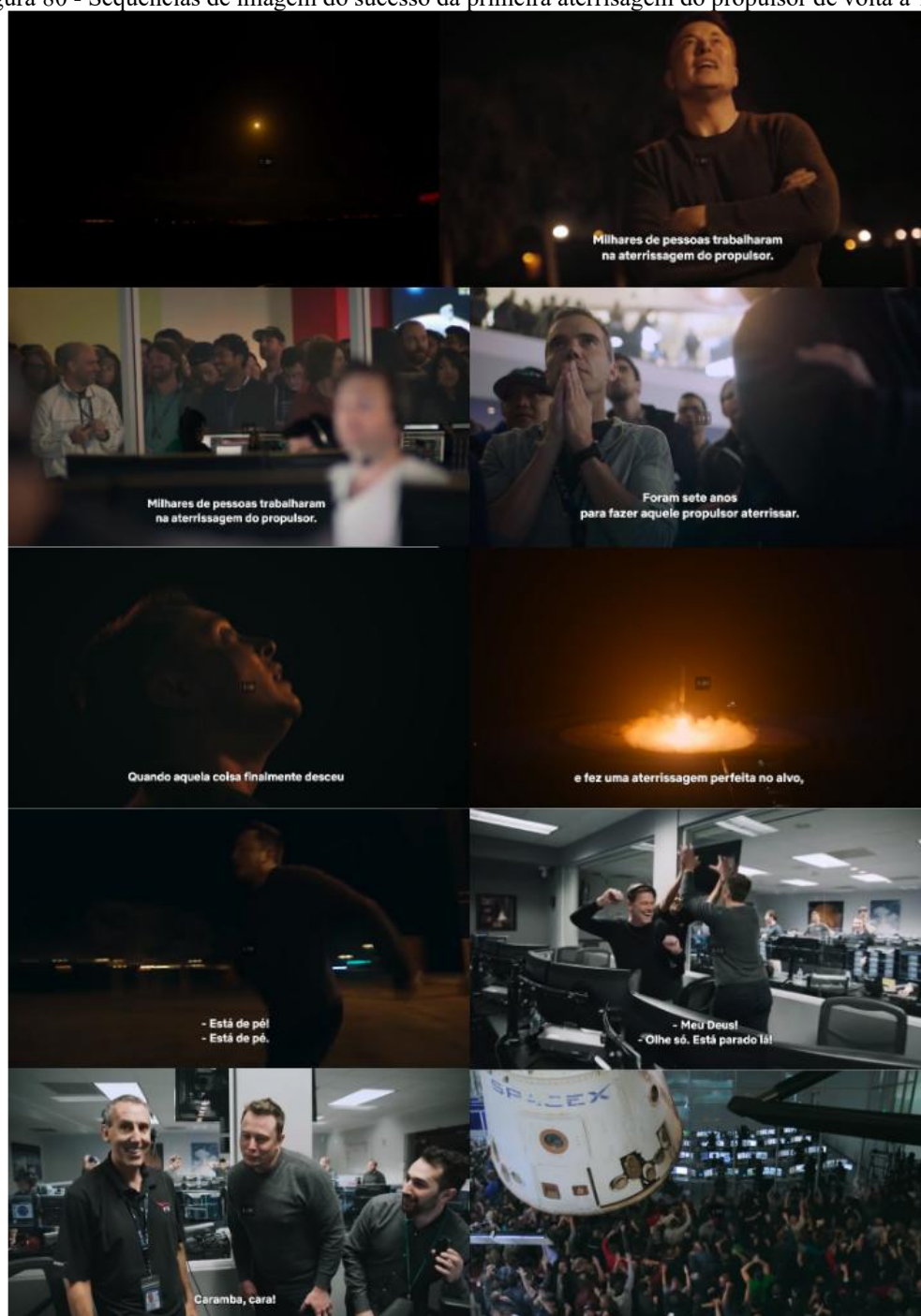
Figura 79 - Sequência de imagens mostrando as falhas da SpaceX



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O documentário culmina com a sequência da primeira aterrissagem perfeita do propulsor de volta à Terra (Figura 80). A música clássica de fundo e as cenas focando nas reações de Musk, sua alegria genuína, a surpresa, a felicidade e todo o suspense e alegria de todos envolvidos, assemelham o momento a um patamar quase mágico e solene, buscando solidificar a imagem da SpaceX como inovadora e bem-sucedida.

Figura 80 - Sequências de imagem do sucesso da primeira aterrissagem do propulsor de volta à Terra



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Uma funcionária da NASA corrobora que Musk e a SpaceX "mudaram a indústria aeroespacial completamente, [isso] revolucionou a forma como eles trabalham, como tudo é reutilizável, isso traz o custo para um décimo do que era antes" (Figuras 81 e 82).

Figura 81 - Imagem mostra o comparativo de custos entre lançamentos por quilograma de espaçonave



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Figura 82 - Cena dos propulsores pousando de volta à Terra



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

- *O clímax da missão tripulada e a emoção do líder*

Após focar predominantemente em Musk e na criação da SpaceX por 42 minutos, o documentário retorna ao lançamento da primeira missão tripulada após nove anos (Figura 83).

Figura 83 - Cena que faz o retorno à história do novo lançamento tripulado



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

A narrativa, então, dedica um tempo à humanização dos astronautas, focando em suas histórias pessoais e preparo para a missão. Contudo, Musk rapidamente reassume o protagonismo ao falar sobre os riscos, afirmando que a "única prioridade" é garantir o retorno seguro dos astronautas Bob e Doug (Figura 84).

Figura 84 - Musk expressando a preocupação com a segurança dos astronautas



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O documentário começa a fechar em seu tema central, com a cena que mostra a chegada do dia do lançamento (Figura 85).

Figura 85 - É chegado o dia do lançamento



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

A preocupação de Musk é reforçada pelas cenas que o mostram conversando com a equipe técnica no dia do lançamento, inclusive com uma das imagens de divulgação do documentário, retratando sua preocupação na sala de comando (Figura 86).

Figura 86 - Cenas de Musk na sala de comando



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O cancelamento da decolagem devido a uma tempestade e a subsequente decepção geral são mostrados, com ênfase no impacto centralizado na figura de Musk (Figura 87).

Figura 87 - Imagens do lançamento adiado e da preocupação de Musk



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

No dia do novo lançamento, Musk é novamente humanizado ao chegar com um pedaço de Palo Santo para "dar sorte" (Figura 88).

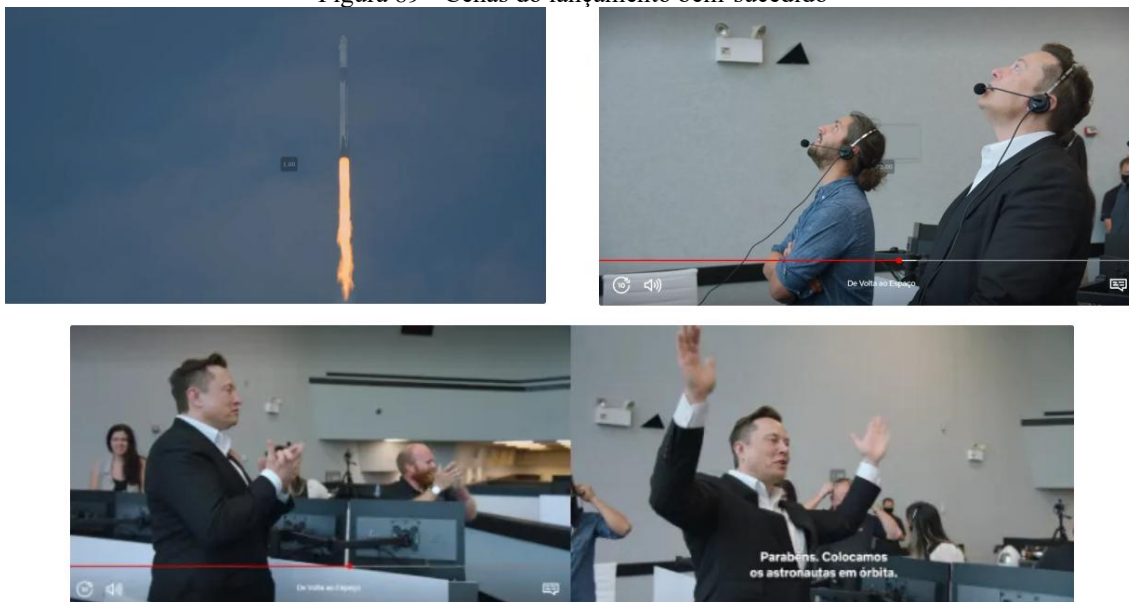
Figura 88 - Musk mostra o pedaço de Palo Santo que trouxe para dar sorte à equipe



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Após o lançamento bem-sucedido (Figura 89), Musk é novamente o centro das atenções na coletiva. Sua emoção ao responder sobre a segurança dos astronautas, "engasgando-se" para falar, é bastante frisada, possivelmente buscando mostrar sua "vulnerabilidade e humanidade" (Figura 90).

Figura 89 - Cenas do lançamento bem-sucedido



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Figura 90 - Coletiva do lançamento



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Na sequência da celebração, entra uma cena de entrevista com Musk, falando de sua visão de futuro: “Essas pessoas inteligentes e talentosas acreditam no objetivo. Uma base na lua e uma cidade em Marte podem acontecer” (Figura 91).

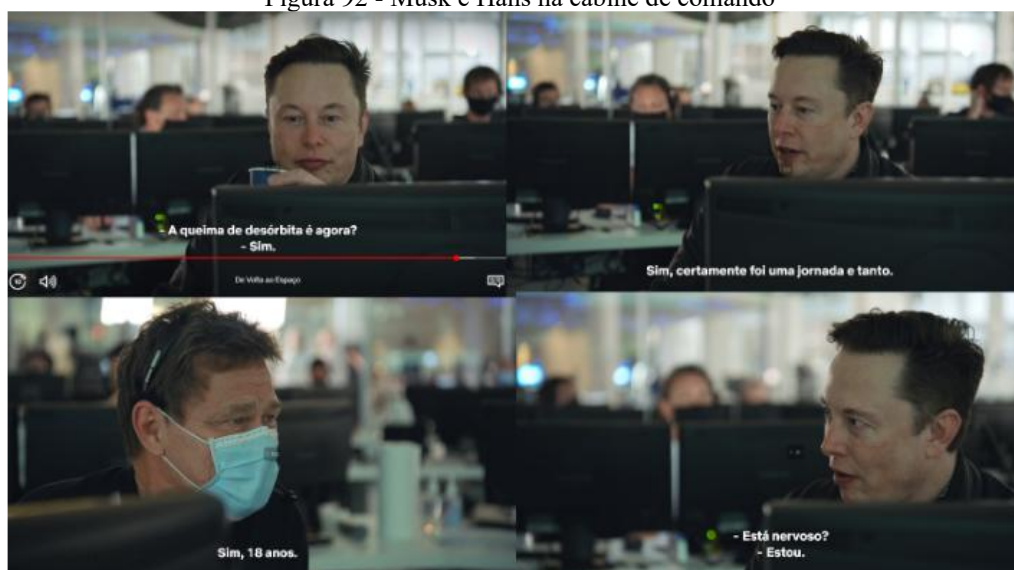
Figura 91 - Visão de Futuro de Musk



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O documentário segue para a cena da volta dos astronautas, e Musk está na cabine de comando com Hans para acompanhar o momento. Eles celebram a jornada de 18 anos até aquele ponto e, novamente, a vulnerabilidade e a humanidade de Musk são evidenciadas por sua preocupação com os astronautas (Figura 92).

Figura 92 - Musk e Hans na cabine de comando



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Na conferência após um retorno bem-sucedido, Musk começa falando do alívio de ter Bob e Doug de volta e finaliza dizendo: “Isso é uma conquista da humanidade, e acho que o mundo inteiro pode olhar para isso como uma nova era. Teremos uma base na Lua e vamos mandar gente pra Marte e tornar a vida multiplanetária. Acho que esse dia é o prenúncio de uma nova era da exploração espacial” (Figura 93).

Figura 93 - Conferência após o retorno



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O documentário conclui com um segundo lançamento, um ano depois, com quatro astronautas que ficariam seis meses na estação espacial (Figura 94). O filme mostra Musk novamente na cabine de comando (Figura 95), reafirmando sua visão:

Devemos pensar mais no futuro que queremos. Qual é o final feliz? Para mim, é garantir que nos tornemos uma civilização espacial. É importante entender que isso não é inevitável. As pessoas se enganam quando pensam que a tecnologia melhora automaticamente. Não melhora automaticamente. Se olhar para grandes civilizações como o Egito antigo, eles fizeram as pirâmides e esqueceram como fazê-las. Os romanos construíram aquedutos incríveis, e aí esqueceram. Em 1969, conseguimos mandar alguém à Lua, e esquecemos como fazer isso. A janela de oportunidade está aberta para tornar a vida multiplanetária. Não dá pra esperar que fique aberta muito tempo. Temos de aproveitar essa janela enquanto está aberta.

Figura 94 - Segundo lançamento tripulado



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

Figura 95 - Musk na cabine de comando

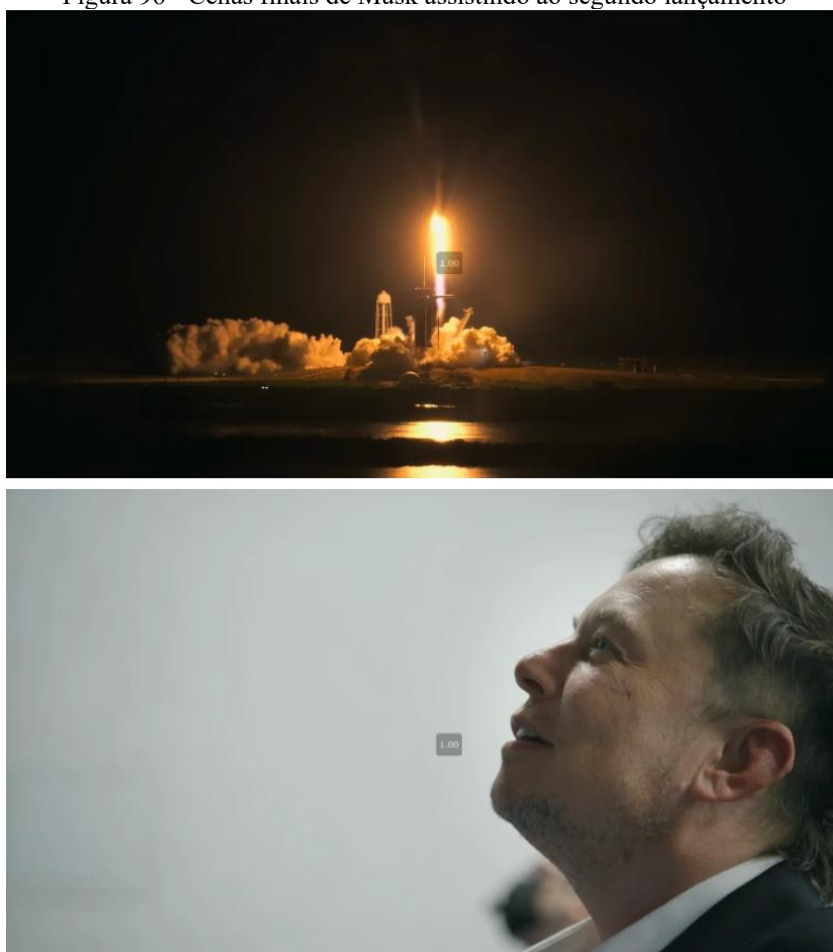


Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

O filme se encerra com o "olhar de puro encantamento de Elon" assistindo ao segundo lançamento (Figura 96), seguido por um texto final na tela que reitera o papel da SpaceX como operadora regular da NASA e seus ambiciosos planos futuros:

A SpaceX continua a ser a operadora regular da Nasa para viagens de ida e volta de astronautas à estação espacial. A equipe da SpaceX está desenvolvendo um sistema de lançamento reaproveitável conhecido com Starship cujo objetivo é ir à Lua e criar colônias em Marte. O programa Artemis da Nasa planeja colocar a primeira astronauta mulher na Lua nos próximos anos.

Figura 96 - Cenas finais de Musk assistindo ao segundo lançamento



Fonte: De Volta ao Espaço (2022)

2.3.2 As estratégias de construção narrativa e simbólica em *De Volta ao Espaço*

Assim como em *O Verdadeiro Homem de Ferro*, o documentário *De Volta ao Espaço* emprega uma série de estratégias narrativas e visuais que, embora focadas na SpaceX, contribuem significativamente para a consolidação da imagem de Musk como um líder do salvacionismo tecnológico. A obra não se limita a relatar eventos; ela os enquadra em uma metanarrativa de progresso e redenção humana através da tecnologia, o que se alinha com a perspectiva de que a tecnologia, em certo sentido, funciona como uma "nova religião", onde a fé no progresso tecnológico substitui outras formas de crença de salvação.

Uma das estratégias mais proeminentes é a construção de uma narrativa de superação e resiliência. O filme detalha os desafios enfrentados pela SpaceX, incluindo os primeiros e dispendiosos lançamentos fracassados, as dificuldades financeiras e o ceticismo da indústria. Ao mostrar a persistência de Musk e sua equipe, o documentário reforça a ideia de que a inovação exige sacrifício e que o sucesso é fruto de uma determinação inabalável. Essa "jornada

do herói" (Campbell, 1990) ressoa com o público, transformando Musk em um modelo de perseverança e fé em sua visão, mesmo diante de adversidades aparentemente intransponíveis, como a menção ao desastre do Challenger, que serve como um lembrete constante dos riscos e da magnitude da superação.

A ênfase na visão de longo prazo e na missão existencial é outro pilar da construção simbólica. Musk não é retratado apenas como um empresário buscando lucro, mas como alguém impulsionado por um propósito maior: garantir a sobrevivência da humanidade. A frase "A Terra é o berço da humanidade, mas não podemos ficar no berço para sempre", dita logo no início do filme, é visualmente reforçada e posiciona a exploração espacial como uma necessidade vital. Essa retórica do "salvacionismo" eleva as ambições da SpaceX de um empreendimento comercial para uma causa humanitária, conferindo a Musk um status quase messiânico, de "salvador da humanidade" através da tecnologia.

O documentário também utiliza a humanização do "gênio" como uma estratégia que parece bastante eficaz. Ao mostrar Musk emocionado durante o lançamento, interagindo com os engenheiros e astronautas, ou exibindo um lado bem-humorado em conversas com jornalistas, o filme busca criar uma conexão emocional com o público. Essa vulnerabilidade calculada serve para tornar o visionário mais acessível e empático, reforçando a ideia de que, apesar de suas ambições grandiosas, ele é movido por paixões e emoções humanas. Isso contrasta com a imagem de um tecnocrata frio, um homem-máquina, aproximando-o do arquétipo do "herói com bom coração". A produção visual impressionante, com cenas de lançamentos e da vida no espaço, contribui para essa imersão emocional.

Por fim, a celebração da inovação tecnológica como motor do progresso é onipresente. A reutilização de foguetes, a capacidade de lançar missões tripuladas e a visão de colonizar Marte são apresentadas como marcos que não apenas avançam a ciência, mas abrem novas possibilidades para a humanidade. O documentário, ao focar nos detalhes técnicos e nos desafios de engenharia, legitima a crença de que a tecnologia é a chave para resolver os problemas mais complexos e para construir um futuro melhor. Essa perspectiva alinha-se com a ideia de que a tecnologia é a vanguarda do progresso e que os problemas da humanidade podem ser superados pela criatividade e inventividade humana.

Em síntese, *De Volta ao Espaço* é um poderoso instrumento midiático que, ao narrar a saga da SpaceX, solidifica a imagem de Musk como um líder visionário e salvacionista, cujas inovações tecnológicas são essenciais para a garantia de um futuro próspero e multiplanetário

para a humanidade, confirmando a construção de um imaginário de futuro baseado na tecnologia.

2.3.2.1 Categorias emergentes: primeiros indícios de metáforas obsessivas

A análise pormenorizada dos documentários *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018) e *De Volta ao Espaço* (2022) revela um conjunto de categorias simbólicas e estratégias narrativas recorrentes que, ao se manifestarem, indicam a emergência de uma figura mitificada de Musk e a gestação do imaginário do salvacionismo tecnológico. Estas categorias representam os primeiros indícios das metáforas obsessivas e dos padrões arquetípicos aprofundados no Capítulo IV. Embora cada documentário possua seu foco específico, sendo o primeiro mais biográfico e abrangente sobre as empresas de Musk, e o segundo centrado na saga da SpaceX, ambos operam na edificação de uma narrativa que posiciona a tecnologia e seu principal expoente como a solução para os desafios existenciais da humanidade, em uma espécie de modelo de fé tecnológica fundada em uma narrativa de redenção. Essas categorias, embora distintas, são intrinsecamente interligadas, funcionando em uma orquestração midiática para forjar a imagem de Musk como um redentor tecnológico. As categorias emergentes, que se manifestam de forma transversal em ambos os filmes, são:

2.3.3 A persona do herói salvador: a edificação do messias tecnológico

Esta é, talvez, a categoria mais proeminente e central na construção da persona de Musk. Ambos os documentários o retratam não apenas como um empresário bem-sucedido, mas como um indivíduo com uma missão grandiosa, impulsionado por um propósito que transcende o lucro.

- Associação com Arquétipos Heroicos: Em *O Verdadeiro Homem de Ferro*, a vinculação explícita com Tony Stark/Homem de Ferro, desde a abertura do filme, estabelece Musk como um “titã dos negócios” que usa a tecnologia para “salvar a humanidade”. Essa metáfora visual é reforçada pela trilha sonora de aventura e pelas angulações de baixo para cima, que engrandecem sua figura, como relatado. Essas escolhas estéticas não são meramente ilustrativas, mas performativas, atuando diretamente na construção do arquétipo do salvador, que demanda uma percepção de grandiosidade e poder quase sobrenatural. Em *De volta ao Espaço*, a relação com o personagem-herói é retomada na

cena em que um funcionário conta que Musk tem uma versão em tamanho humano do personagem, dentro do galpão da companhia.

- **Propósito Evolucionário e Status Messiânico:** Esta dimensão é bastante ressaltada em *De Volta ao Espaço*, que eleva a visão de Musk de tornar a humanidade uma "espécie multiplanetária" de uma mera aspiração a uma imperativa necessidade evolucionista. Ao enquadrar a exploração espacial como o único meio de preservar "essa pequena chama de consciência na Terra" contra ameaças globais como meteoros ou guerras, a narrativa constrói um senso de urgência catastrófica. Essa premissa serve como alicerce para posicionar Musk como uma figura messiânica: um visionário que não apenas oferece soluções tecnológicas, mas aponta o caminho indispensável para a redenção e a sobrevivência humana. Suas declarações, como "Devemos pensar mais no futuro que queremos. Qual é o final feliz? Para mim, é garantir que nos tornemos uma civilização espacial" ou, no documentário *O Verdadeiro Homem de Ferro*, "É importante que nós, enquanto espécie e civilização, estejamos em um caminho para nos tornarmos uma civilização do espaço e uma espécie multiplanetária", não apenas articulam sua visão, mas a solidificam como um novo credo para a salvação, com a tecnologia como dogma e Musk como seu principal arauto.
- **Solucionador de Problemas Globais:** Ambos os filmes destacam as empresas de Musk como soluções para problemas prementes: a Tesla para a energia renovável e o combate às mudanças climáticas, a SpaceX para a exploração espacial e a sobrevivência da espécie, a Neuralink para a criação da interface cérebro-computador (dando ao homem, segundo Musk, chance de luta conta a inteligência artificial), a Starlink para levar a conectividade para todos os cantos do planeta e a Boring Company para resolver a questão do transporte de alta velocidade. Essa representação alinha-se à ideia de que "os ricos são, portanto, as pessoas mais úteis e benévolas da sociedade, porque impulsionam o crescimento em benefício de todos" (Harari, 2018, p. 322), legitimando sua fortuna e influência. A crença de que a inovação por si só é algo inerentemente bom é o substrato ideológico que permeia ambos os filmes, posicionando a tecnologia como a única via para a salvação.

2.3.4 O rebelde empreendedor e disruptor: a orquestração da quebra de paradigmas

Musk é consistentemente retratado como um agente de mudança que desafia o *status quo* e as indústrias estabelecidas, personificando a inovação disruptiva. Para além de sua ousadia empresarial, os documentários sublinham que a base de sua capacidade de disrupção reside em seu brilho como engenheiro e cientista, tornando-o um "construtor" que materializa o impossível.

- **Confronto com Gigantes e a Construção do Antagonismo:** Ambos os documentários articulam uma narrativa de "Davi contra Golias", posicionando Musk em oposição a entidades estabelecidas e poderosas. *O Verdadeiro Homem de Ferro* o descreve diretamente como alguém que "está batendo de frente com os gigantes da indústria aeroespacial e automotiva" e "está ganhando". Essa estratégia narrativa é crucial, pois ao criar um antagonismo claro, personificado não apenas nos "gigantes da indústria" e no "ceticismo" do mercado, mas também em instituições como o Senado e até mesmo as "maiores potências espaciais do mundo" (EUA, China e Rússia) em *De Volta ao Espaço*, os filmes validam a necessidade da abordagem disruptiva de Musk. Ele é, assim, retratado não apenas como um competidor, mas como um insurgente que "quebra as regras" e desafia o *status quo* por um "bem maior", justificando a urgência e a legitimidade de suas inovações e posicionando-o como o único capaz de superar as barreiras impostas pelos sistemas vigentes.
- **Quebra de Paradigmas e Reinvenção Discursiva:** A "quebra de paradigmas" não se limita a avanços tecnológicos, como a tecnologia de foguetes reutilizáveis da SpaceX, que "reduziu drasticamente os custos e revolucionou o acesso ao espaço" e é vista como "o que mais?" em um mundo cheio de problemas. Ela se estende à esfera discursiva e ideológica. Ao "transformar o cenário espacial", por exemplo, ele não apenas inova na engenharia, mas reinventa a própria forma como a sociedade concebe o progresso e o papel da iniciativa privada na exploração espacial. A "revolução" na indústria automobilística, impulsionada pela Tesla e seu foco em veículos elétricos, é apresentada como uma construção narrativa que se apoia na premissa de que só ele, "um visionário, alguém que aparece talvez uma vez por século", conseguiu mobilizar e concretizar essa mudança. Esse enquadramento consolida sua imagem como o principal vetor da transformação e da superação dos limites impostos pelo pensamento tradicional e pelas estruturas existentes.

- O Brilho do Engenheiro e a Materialização da Visão: Os documentários constroem a imagem de Musk como um cientista e engenheiro de vanguarda, cuja expertise técnica e capacidade de "colocar a mão na massa" são fundamentais para o sucesso de seus empreendimentos. Ele é descrito como o "engenheiro chefe da SpaceX", e sua visão para "um sistema de foguetes totalmente reutilizável" é apresentada como um "avanço absolutamente fundamental". O filme *O Verdadeiro Homem de Ferro* ressalta que ele é um "engenheiro que coloca a mão na massa para fazer suas ideias se tornarem realidade". Especialistas endossam sua capacidade de concretizar a ficção científica, fazendo "Foguetes realmente pousarem, como deveriam fazer". Essa representação de sua genialidade técnica não apenas legitima suas "ideias malucas", mas as posiciona como soluções viáveis e revolucionárias, distinguindo-o de outros empreendedores e solidificando sua credibilidade como o único capaz de realizar tais feitos.

2.3.5 A jornada do herói: dinâmica narrativa da resiliência e engajamento

A jornada de Musk é estrategicamente apresentada como uma série de desafios superados, o que não apenas reforça sua determinação e a validade de sua visão, mas o enquadra na clássica "jornada do herói" (Campbell, 1990). Essa moldura narrativa funciona como um poderoso mecanismo de engajamento emocional, convidando a audiência a se conectar com Musk, torcer por suas conquistas e, em última instância, celebrar suas vitórias como se fossem um triunfo coletivo, o que solidifica a crença em seu papel de salvador.

- Superação de Crises e a Transformação da Falha em Virtude: *O Verdadeiro Homem de Ferro* detalha o "pior da vida de Musk" em 2008, quando Tesla e SpaceX enfrentaram quase falência e lançamentos malsucedidos. Essa narrativa não se limita a expor as dificuldades; ela recontextualiza falhas e quase-falências não como sinais de imperícia, mas como provas necessárias e etapas cruciais para a consagração da grandeza do herói. Essa abordagem, que transforma "falhas em degraus para o sucesso", é uma estratégia ativa para construir a imagem de um líder infalível a longo prazo, cuja visão, apesar dos percalços, sempre se concretiza, reforçando a ideia de um destino quase pré-determinado para o salvador.
- Persistência e Fé Inabalável na Visão: *De Volta ao Espaço* também aborda os primeiros fracassos da SpaceX, mostrando a persistência de Musk e sua equipe em meio ao ceticismo. A menção ao desastre do Challenger serve para contextualizar os riscos inerentes à exploração espacial, mas, por contraste, enaltece a coragem e a resiliência

de Musk em prosseguir, consolidando-o como um pilar da "jornada do herói" onde as provas são essenciais. A fala de Wimmer, "sim é sim. Talvez é sim. E não é apenas um sim atrasado", não apenas reforça a imagem de um líder determinado e focado em resultados, mas aprofunda a ideia de que essa persistência é uma qualidade intrínseca do visionário. Ele é retratado como alguém que "vê além" do que os outros veem, transformando obstáculos em meros desvios no caminho para a inevitável glória, independentemente das adversidades.

2.3.6 O gênio humano e excêntrico: a construção de uma persona acessível e estratégica

Apesar da grandiosidade de suas ambições e de sua imagem quase mítica, os documentários investem significativamente na humanização de Musk, revelando aspectos de sua personalidade que o tornam mais acessível e, por vezes, deliberadamente enigmático. Essa estratégia visa criar uma conexão emocional com a audiência, legitimando sua liderança e suas visões de salvacionismo tecnológico.

- Vulnerabilidade Calculada e a Credibilidade do Salvador: *O Verdadeiro Homem de Ferro* explora momentos de sua vida pessoal, como a perda do filho e a descrição em sua "Vida Amorosa" de um Musk "de bom coração", com "certa inocência e vulnerabilidade", que "usa seu coração nas mangas". Similarmente, em *De Volta ao Espaço*, sua contínua preocupação com a segurança dos astronautas da missão tripulada ("a única prioridade"), os "olhos marejados" e a emoção em coletivas de imprensa, são apresentados como sinais de seus valores humanísticos. Esses momentos de vulnerabilidade calculada são seletivamente exibidos para tornar o gênio mais empático e "um de nós", apesar de suas ambições grandiosas. Essa humanização é crucial, pois torna Musk mais crível como um "salvador" que genuinamente se importa com a humanidade e com o sucesso de suas missões.
- Excentricidade como Reforço da Genialidade e Disrupção: A excentricidade de Musk, evidenciada por ações como a venda de lança-chamas, a aparição em podcast fumando maconha ou a brincadeira da "dancinha" após um lançamento bem-sucedido, não é apresentada como um demérito. Pelo contrário, ela é ressignificada para reforçar sua genialidade e natureza disruptiva. Um gênio, por definição, opera "fora da curva". Assim, esses comportamentos não convencionais servem como prova de uma mente superior e inovadora, que transcende as normas sociais e corporativas. Como

argumentado por um astronauta em *De Volta ao Espaço*, não se trata de sua fortuna ou "palhaçadas", mas de sua "visão muito maior para a sociedade e para o planeta", atrelando a excentricidade à sua famosa "ética de trabalho" e ao seu compromisso inabalável com o progresso. Essa característica contribui para sua "mitificação", diferenciando-o e elevando-o acima da média.

2.3.7 A mobilização do capital simbólico e financeiro: a instrumentalização da persona

Além de edificar a figura de Musk em arquétipos heroicos e visionários, os documentários revelam uma dimensão estratégica crucial: a capacidade de sua persona construída de mobilizar e converter capital simbólico em apoio financeiro, político e público tangível.

Para compreender este mecanismo de instrumentalização, é essencial recorrer ao conceito de capital simbólico desenvolvido por Pierre Bourdieu. Em *O Poder Simbólico*, Bourdieu define o capital simbólico como o crédito que um agente adquire através da institucionalização e do reconhecimento (Bourdieu, 1989). Não é poder coercitivo, não é força bruta, armas ou controle territorial, mas poder que se exerce através do reconhecimento, da crença, da legitimidade que outros conferem a uma pessoa ou instituição.

Musk acumula e instrumentaliza precisamente este tipo de poder: seu capital simbólico é sua reputação de visionário, seu reconhecimento como "gênio" que merece crédito para suas ambições. Os documentários funcionam como geradores e amplificadores deste capital simbólico, conferindo-lhe legitimidade através de narrativas cuidadosamente construídas. A análise que segue demonstra como este capital simbólico, nascido da construção midiática, é sistematicamente convertido em poder econômico, político e social real.

- Criação e Exploração do "Fã Clube" e da "Comunidade de Investimento": Os documentários demonstram como Musk não apenas atrai, mas fomenta ativamente uma base de apoio leal, tanto entre o público quanto entre investidores. Frases como "Elon tem um fã clube, uma comunidade de investimento" ilustram como essa base é retratada como um recurso valioso. A interação de Musk com a imprensa (como a "dancinha") e a exibição de suas emoções (preocupação supostamente genuína com os astronautas) são estratégias deliberadas para criar conexão humana que mobiliza engajamento e torcida, traduzindo simpatia em apoio concreto. Esta não é uma dinâmica acidental, mas

estrutural ao funcionamento do capitalismo contemporâneo: a crença pessoal em uma figura, seu capital simbólico, é convertida em ação econômica.

- Transformação de Carisma em Capital Financeiro (O Mecanismo Concreto de Reverberação Capitalista): A análise revela um mecanismo estrutural, não metafórico, mas literal e rastreável, pelo qual a reputação e o "efeito hype" gerados em torno de Musk são convertidos em capital financeiro mensurável:
- SpaceX e Capitalização: O documentário De Volta ao Espaço demonstra como o sucesso da Demo-2 (missão tripulada privada, maio 2020), amplificado pela mídia, resultou em consequências econômicas diretas:
 - ✓ Contrato governamental de US\$ 1,5 bilhão com a NASA (mencionado explicitamente no material analisado).
 - ✓ Valorização acelerada da empresa, que transitou de "startup de alto risco" para "parceiro estratégico do Estado americano".
 - ✓ Acesso a financiamento privado exponencialmente maior, baseado não em receita consolidada, mas em crença compartilhada de que Musk é um "visionário".
- Tesla e Especulação de Mercado: O documentário Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro evidencia como a narrativa heroica permite que Tesla mantenha uma valoração de mercado desproporcional em relação à sua receita real:
 - ✓ Embora gerasse receitas modestas em certos períodos, a empresa era avaliada em centenas de bilhões de dólares, baseada em expectativa futura e crença.
 - ✓ Essa valoração exagerada permite a Musk utilizar ações como "moeda" para adquirir outras empresas (Boring Company, financiar Neuralink).
 - ✓ O que torna possível essa dinâmica? A amplificação contínua no ambiente midiático de sua imagem como herói/visionário.
- Boa Vontade de Mercado como Ativo Financeiro Concreto: Os documentários deixam explícito que o "efeito *hype*" em torno de Musk gera "boa vontade no mercado" que funciona como ativo financeiro concreto. Esta boa vontade permite que Musk:
 - ✓ Apresente "ideias loucas" (colonização de Marte, Neuralink com chips cerebrais, The Boring Company).
 - ✓ Que não possuem receita clara ou cronograma viável.

- ✓ E ainda assim obtenha financiamento imediato, porque investidores acreditam que Musk, sendo um gênio, tornará viável.

A afirmação "Percepção se torna realidade", repetida por uma ex-funcionária em *O Verdadeiro Homem de Ferro*, emerge como narrativa poderosa. Ela não apenas sublinha a consciência da construção da imagem, mas revela que a figura de Musk é, em grande parte, um artefato cuidadosamente elaborado.

Esta observação coincide precisamente com o conceito de poder simbólico de Bourdieu. Bourdieu argumenta que "o poder simbólico é aquele invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou que o exercem" (Bourdieu, 1989, p. 8). A percepção de Musk como herói tecnológico não é falsa, ela é real em suas consequências: capital financeiro flui para suas empresas, legisladores aprovam subsídios, investidores financiam projetos especulativos.

O poder simbólico que o rodeia opera precisamente nesta invisibilidade: aqueles que consomem os documentários não veem a construção, veem apenas "verdade". Cada traço de personalidade, vulnerabilidade ou excentricidade é orquestrado para moldar percepção pública que, através deste mecanismo de poder simbólico, se converte em poder real.

- **Gestão Estratégica da Imprensa e a Orquestração da Narrativa Pública:** Os documentários funcionam como exemplos primários da gestão ativa de narrativa pública em torno de Musk, mas não como documentos neutros, como participantes ativos nessa gestão. Sua imagem é apresentada de forma a influenciar não apenas opinião popular e ambiente midiático, mas também a obter apoio de instituições governamentais. A insistência em seu papel como "engenheiro chefe da SpaceX" e sua centralidade em coletivas de imprensa reforçam sua posição de autoridade inquestionável, fundamental para legitimar ações e projetos. Este processo de construção de autoridade não é acidental, mas resultado direto do que Bourdieu chama de "monopolização da autoridade legítima". O sociólogo observa que a produção do discurso legítimo é o resultado de um processo complexo de investimento simbólico e institucional (Bourdieu, 1989). Os documentários, ao apresentarem Musk como engenheiro chefe (e não meramente CEO), participam ativamente desta produção de discurso legítimo. Os cineastas e produtores, através da seleção de cenas, enquadramentos e narrativas, exercem o que Bourdieu chama de "violência simbólica": impõem uma visão de Musk como autoridade inquestionável sem que esta imposição seja reconhecida como tal. Os

documentários aqui analisados não são, portanto, registros neutros: são atos de produção de autoridade legitimada.

- O Ciclo Invisível da Mídia, Crença e Poder: Portanto, a reverberação midiática (documentários, reportagens, redes sociais) não é um "acompanhamento" do fenômeno Musk, é estruturante dele. Sem a amplificação midiática contínua, a valoração de Musk e suas empresas cairia precipitosamente. A mídia não apenas relata; ela participa ativamente da criação de valor econômico real. Este é o núcleo da "alquimia capitalista": transformar crença simbólica (salvacionismo tecnológico) em capital financeiro mensurável (bilhões de dólares), e utilizar esse capital para consolidar ainda mais a crença. Um ciclo que se retroalimenta:
 1. Documentários retratam Musk como herói →
 2. Público acredita (crença simbólica) →
 3. Investidores financiam (capital real) →
 4. Empresas crescem (poder ampliado) →
 5. Novos documentários amplificam (reverberação) →
 6. Ciclo reinicia com mais força.
- Implicação Crítica: As narrativas midiáticas aqui analisadas não são "propaganda" inócua ou "jornalismo descritivo". Elas são instrumentos materiais de acumulação de capital e concentração de poder. A figura de Musk opera como ferramenta poderosa de gestão de realidade, onde a imagem precede e habilita o feito, sendo central na concretização de ambições e no reforço contínuo do salvacionismo tecnológico.

2.3.8 A tecnologia como redenção e futuro imaginário: a edificação de um dogma

Esta categoria atua como a coroação da análise, amarrando todas as demais ao conceito central do salvacionismo tecnológico muskiano. Ambos os documentários funcionam como veículos poderosos para a promoção de uma fé inabalável na tecnologia como a força motriz para um futuro melhor, alinhando-se diretamente com o conceito de salvacionismo tecnológico e a crença implícita de que a inovação por si só é algo inerentemente bom.

- A Fé Cega no Progresso e a Tecnologia como Solução Universal: A premissa central que permeia ambos os filmes é a fé cega na inovação como uma força autônoma e

benevolmente transformadora. Os documentários utilizam a apresentação de casos de sucesso (Tesla na mobilidade elétrica, SpaceX na reutilização de foguetes) e visões grandiosas (colônias em Marte, inteligência artificial em humanos via Neuralink, conectividade global com Starlink, soluções de transporte com Boring Company) para reforçar essa crença ideológica. A tecnologia é apresentada como a panaceia, capaz de resolver qualquer problema humano, desde os desafios do tráfego urbano até a própria ameaça de extinção da espécie. As falas de especialistas como Wimmer, ao exaltar o "fã clube" de Elon Musk e como a "boa vontade no mercado" permite que ele invista em "quaisquer outras ideias loucas na fronteira", ou de Julie Anderson, que vê sua maior conquista em "inspirar a humanidade a pensar maior, a sonhar maior", corroboram essa atmosfera de otimismo irrestrito e de que a tecnologia, mediada por Musk, é a única via para a salvação e o progresso contínuo.

- Da Ficção Científica à Materialização Transumanista: A narrativa dos documentários efetivamente concretiza a ficção científica, transformando visões que antes pertenciam ao campo do imaginário em uma realidade tangível. Especialistas em *O Verdadeiro Homem de Ferro* explicitamente conectam as visões de Musk à concretização de "ficção científica dos anos 50", enquanto *De Volta ao Espaço* narra a saga da SpaceX como a materialização do sonho de voos espaciais tripulados. Essa concretização está profundamente alinhada com conceitos do transumanismo, em que a tecnologia é empregada para superar as limitações biológicas e existenciais humanas. A visão de Musk de "melhorar as capacidades humanas" através da Neuralink, a perspectiva de Marte como um "plano B" para a humanidade em caso de catástrofe terrestre e o objetivo de "tornar a vida multiplanetária" não são apenas empreendimentos comerciais, mas promessas de expansão da própria condição humana. A retórica do "salvacionismo" eleva as ambições da SpaceX de um empreendimento comercial para uma causa humanitária, conferindo a Musk um status quase messiânico, de "salvador da humanidade" através da tecnologia.
- Os Documentários como Agentes Ativos de um "Novo Evangelho" Tecnológico: Mais do que meros relatos factuais, os documentários atuam como agentes ativos e performáticos na perpetuação dessa fé tecnológica. Eles funcionam como "hinos" ou "evangelhos" modernos para o salvacionismo tecnológico, utilizando a linguagem cinematográfica, com suas imagens grandiosas, trilhas sonoras épicas e narrativas

cuidadosamente construídas, para criar um senso de inevitabilidade e desejo quase devocional por esse futuro. Contudo, essa construção midiática, ao mesmo tempo em que edifica uma fé no progresso e na figura de Musk, pode inadvertidamente (ou propositalmente) simplificar a complexidade dos desafios reais e ocultar debates éticos, sociais e econômicos mais amplos sobre o impacto da tecnologia e a concentração de poder. Ao fazê-lo, ela não apenas molda a percepção, mas cria expectativas, por vezes irreais, sobre o papel da inovação e de seus arautos na resolução dos problemas globais.

2.3.9 Síntese sobre as categorias

Em síntese, a análise pormenorizada dos documentários *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* e *De Volta ao Espaço* revela que estas obras transcendem a função de meros relatos factuais. São, de fato, construções midiáticas meticulosamente orquestradas que se dedicam à edificação da figura de Musk como o principal expoente do salvacionismo tecnológico contemporâneo. As categorias emergentes, "O Herói Visionário e Salvador da Humanidade", "O Rebelde Empreendedor e Disruptor", "A Resiliência Diante da Adversidade: A Jornada do Herói como Mecanismo de Engajamento", "O Gênio Humano e Excêntrico: A Construção de uma Persona Acessível e Estratégica", e "A Tecnologia como Redenção e Futuro Imaginário: A Edificação de um Dogma", não operam isoladamente. Pelo contrário, elas atuam em uma sinergia complexa, interligando-se para solidificar um imaginário de futuro em que a fé inabalável no progresso e na inovação, intrinsecamente personificada em Musk, é apresentada como a chave inexorável para um futuro próspero e, crucialmente, para a sobrevivência e redenção da humanidade.

Esta mitificação ativa, um processo fundamental do ambiente midiático na construção de figuras que ressoam com o imaginário coletivo, demonstra diretamente como se estrutura o salvacionismo tecnológico muskiano, a questão central de nossa pesquisa. Ao desvelar as estratégias narrativas e visuais empregadas, esta análise elucidada o mecanismo pelo qual a imagem de Musk é forjada como o catalisador de um futuro tecnologicamente salvo. Contudo, essa construção, como alertado pelo próprio documento de análise de *De Volta ao Espaço*, possui a intrínseca capacidade de simplificar complexidades inerentes ao progresso tecnológico e de fomentar expectativas, por vezes, irreais sobre o poder da tecnologia e de seus arautos para solucionar os desafios humanos.

CAPÍTULO III –

O IMAGINÁRIO E A COMPLEXIDADE: LENTE TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DO SALVACIONISMO TECNOLÓGICO MUSKIANO

Este capítulo tem como objetivo estabelecer as bases teóricas e metodológicas essenciais para a análise dos futuros imaginários e, especificamente, do salvacionismo tecnológico muskiano. Para tanto, aprofundamos nas contribuições fundamentais da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (2012), explorando sua conceituação do Imaginário como uma força dinâmica e estruturante da experiência humana, e desvelando os elementos que o compõem, como os arquétipos, símbolos e a dinâmica do Trajeto Antropológico que culmina nos Regimes da Imagem.

Em seguida, delinea-se a relevância do mito e do mitologema como chaves interpretativas, compreendendo-os como as estruturas narrativas primordiais da imaginação coletiva e identificando os arquétipos clássicos que ressoam nas narrativas contemporâneas. Além disso, o capítulo integra a Teoria da Complexidade de Edgar Morin (Morin, 2011) como uma metaperspectiva fundamental. São apresentados seus princípios centrais, bem como o conceito de Noosfera, essenciais para compreender o Imaginário em sua natureza interconectada, multidimensional, não linear e auto-eco-organizadora.

A sociologia complexa do conhecimento não o aprisiona hermeticamente o conhecimento nas determinações do *hic et nunc*; ela permite conceber que os conhecimentos possam atravessar os tempos ou os espaços e tornarem-se assim trans-históricos e transsociológicos; permite conceber que conhecimentos, embora inscritos em um ponto de vista particular *hic et nunc*, possam buscar, ou mesmo conceber, um metaponto de vista capaz de ultrapassar o ponto de vista de inserção, conseguindo refletir-se e relativizar-se (Morin, 2011).

Por fim, são detalhadas as ferramentas metodológicas da Mitocrítica e Mitoanálise, as quais, solidamente fundamentadas nesses arcabouços teóricos, guiarão a investigação empírica e a discussão dos resultados nos capítulos subsequentes, assegurando o rigor, a profundidade e a coerência do estudo.

3.1 O imaginário na perspectiva de Gilbert Durand: fundamentos antropológicos e estruturas

Esta seção aprofunda a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand, estabelecendo suas bases conceituais e a amplitude de seu alcance. Exploramos a natureza e a constituição do Imaginário, diferenciando-o de conceitos correlatos e discutindo seu paradoxo no pensamento ocidental. Posteriormente, são detalhados os arquétipos e símbolos como os elementos essenciais de sua linguagem. Por fim, analisamos o Trajeto Antropológico, mecanismo central que explica a gênese e a organização dos Regimes do Imaginário (Diurno e Noturno), elementos fundamentais para a compreensão das estruturas simbólicas analisadas.

3.1.1 Definição e amplitude do imaginário durandiano

A abordagem de Gilbert Durand sobre o Imaginário é central para esta pesquisa, pois transcende a compreensão comum da palavra. Para Durand (1993), o Imaginário não se restringe à capacidade individual de conceber imagens (a "imaginação") nem às produções pessoais e, por vezes, desordenadas da mente (as fantasias). Ele o concebe como uma estrutura antropológica fundamental, um vasto "museu" ou "sistema" que abarca todas as imagens possíveis, aquelas produzidas no passado, as presentes e as que ainda serão criadas pela humanidade. O Imaginário, nesse sentido, funciona como uma matriz coletiva, um reservatório de onde emergem todas as nossas representações simbólicas.

Como destaca o próprio Durand, sobre o imaginário:

Esta inovação permitiu recensear, e eventualmente classificar num trabalho exaustivo e que possibilitou o estudo dos processos de produção, transmissão e recepção, o 'museu', que denominamos o imaginário, de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas (Durand, 2004, p. 6).

A distinção entre esses termos é crucial: enquanto a imaginação é a faculdade mental que permite criar ou manipular imagens, e a fantasia representa uma produção individual dessas imagens, o Imaginário é o domínio coletivo e estruturado que dá sentido e coerência a essas fantasias. As fantasias pessoais, assim, podem ser vistas como variações sobre temas e padrões já existentes no vasto "museu" do Imaginário coletivo, conectando-se a arquétipos e estruturas simbólicas compartilhadas.

Durand identifica um paradoxo na civilização ocidental, que ele denomina "iconoclasmo endêmico". Desde a antiguidade clássica, com o advento da filosofia socrática, e mais intensamente com o monoteísmo e o racionalismo, o Ocidente desenvolveu uma profunda

desconfiança e desvalorização da imagem. A imagem foi frequentemente preterida em favor da palavra escrita e do raciocínio lógico, relegando o Imaginário ao campo do "erro", do "irracional" ou do "primitivo". Essa postura é paradoxal, dada a capacidade ocidental de desenvolver e aprimorar continuamente as técnicas de reprodução e comunicação de imagens.

Preciso frisar este paradoxo de uma civilização, a nossa, que, por um lado, propiciou ao mundo as técnicas, em constante desenvolvimento, de reprodução da comunicação das imagens e, por outro, do lado da filosofia fundamental, demonstrou uma desconfiança iconoclasta (que 'destrói' as imagens ou, pelo menos, suspeita delas) endêmica (Durand, 2004, p. 7).

Contrariando essa supressão, Durand argumenta que o Imaginário permeia até mesmo as esferas que se pretendem puramente racionais e objetivas, como a ciência e a tecnologia. Ele diz que em diversos autores que compõem nossa modernidade “ainda que 'pós-moderna' há uma intuição 'filosofal' que ultrapassa os conceitualismos filosóficos, um 'imaginar' (uma 'transcendência do imaginar', segundo a definição de Corbin) que sustenta as imagens" (Durand, 2004, p. 66).

Ao discutir “O Imaginário da Ciência” (Durand, 2004, p. 69-70), ele emprega conceitos como *thêmata* de Gerald Holton e *Weltbild* (imagem ou visão de mundo). Os *thêmata* são pressupostos fundamentais, conceitos-chave ou até preconceitos que os cientistas trazem para suas pesquisas, muitas vezes de forma inconsciente, orientando a formulação de perguntas e a interpretação de resultados, mesmo não sendo verificáveis empiricamente. Por sua vez, o *Weltbild* refere-se a uma visão de mundo abrangente e coerente, um conjunto de crenças, valores e representações que moldam a interpretação da realidade por um indivíduo, grupo ou cultura. Para Durand, o *Weltbild* de uma época ou disciplina é uma manifestação do Imaginário coletivo, uma construção simbólica que pré-formata nossa compreensão do mundo.

Ao incorporar esses conceitos, Durand demonstra que a ciência, longe de ser puramente neutra, é intrinsecamente moldada por estruturas simbólicas e imaginárias subjacentes. Isso serve para evidenciar a pervasividade do Imaginário em todas as esferas da atividade humana, sublinhando que ele não é um domínio marginal, mas uma força estruturante que opera no cerne de todas as formas de conhecimento e cultura.

3.1.2 Arquétipos e símbolos: a essência da linguagem do imaginário

No universo da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand, os conceitos de arquétipo e símbolo são pilares fundamentais para a compreensão de como o Imaginário se

estrutura e se manifesta. Embora Durand se inspire profundamente em Carl Gustav Jung, ele adapta o conceito de arquétipo para alinhá-lo à sua própria teoria.

Para Durand, o arquétipo representa a estrutura fundamental e universal do Imaginário. Pode ser compreendido como um núcleo organizador inconsciente, um "molde" ou "padrão primordial" de pensamento, sentimento e comportamento que é inerente à psique humana: "Os arquétipos constituem as substantificações dos esquemas. Jung vai buscar esta noção em Jakob Burckhardt e faz dela sinônimo de 'origem primordial', de 'engrama', de 'imagem original', de 'protótipo'" (Durand, 2012, p. 61).

Os arquétipos são considerados inatos e transculturais, ou seja, não são adquiridos por meio da aprendizagem, mas herdados coletivamente pela humanidade. Eles encapsulam as experiências humanas mais básicas e recorrentes, como nascimento, morte, heroísmo, maternidade, paternidade, a dualidade entre o bem e o mal, entre outras. Importante ressaltar que os arquétipos, em si, não são imagens concretas, mas sim "potenciais de imagem", são como programas que predisõem a mente humana a formar certas imagens e narrativas simbólicas (Durand, 2012).

Em contrapartida, o símbolo é a manifestação visível, concreta e cultural do arquétipo. Se o arquétipo é o "molde" invisível e subjacente, o símbolo é a "forma" tangível que esse molde assume no mundo. O símbolo pode ser uma imagem, um objeto, um gesto, uma narrativa ou um ritual que possui um significado que transcende sua aparência literal. Ele aponta para algo mais profundo, para o arquétipo que o fundamenta.

O que diferencia precisamente o arquétipo do simples símbolo é geralmente a sua falta de ambivalência, a sua universalidade constante e a sua adequação ao esquema: a roda, por exemplo, é o grande arquétipo do esquema cíclico, porque não se percebe que outra significação imaginária lhe poderíamos dar, enquanto a serpente é apenas símbolo do ciclo, símbolo muito polivalente (Durand, 2012, p.62).

A distinção do símbolo em relação a outros elementos da linguagem é vital na obra de Durand (Durand, 2012):

- Diferente de um signo, que possui uma relação arbitrária e unívoca com o que representa (como uma placa de trânsito que indica "pare"), o símbolo é plurissignificativo, ou seja, carrega múltiplas camadas de sentido.
- Diferente de uma alegoria, que é uma representação conceitual e intelectualizada (como a personificação da justiça com uma balança), o símbolo evoca uma ressonância

emocional e inconsciente, e não pode ser completamente explicado pela razão; ele sugere e revela o arquétipo.

A relação entre arquétipo e símbolo é, portanto, de potencialidade e atualização: o arquétipo é a estrutura profunda e invisível que organiza o Imaginário, enquanto o símbolo é a forma pela qual essa estrutura profunda se torna visível e experimentável na cultura, na arte, nos mitos, nos sonhos, nos rituais e no cotidiano. Os arquétipos funcionam como os "motores" do Imaginário, e os símbolos são as "engrenagens" e "rodas" que permitem que esse motor se manifeste e interaja com o mundo. Curiosamente, um único arquétipo pode se manifestar em uma infinidade de símbolos distintos, dependendo do contexto cultural, temporal e geográfico.

Para delimitar os grandes eixos desses trajetos antropológicos que os símbolos constituem, somos levados a utilizar o método pragmático e relativista de convergência que tende a mostrar vastas constelações de imagens, constelações praticamente constantes e que parecem estruturadas por um certo isomorfismo dos símbolos convergentes (Durand, 2012, p. 42-43).

Assim, a análise do Imaginário, como a que será realizada nesta pesquisa, passa necessariamente pela observação e interpretação dos símbolos para desvendar os arquétipos que os animam. É através da decodificação simbólica que é possível acessar e compreender as estruturas profundas da psique humana e da cultura, metodologia que será aprofundada posteriormente na discussão sobre Mitocrítica e Mitoanálise.

3.1.3 O trajeto antropológico e a gênese dos regimes do imaginário (Diurno e Noturno)

Para Durand, o Imaginário não é uma entidade abstrata, mas uma construção dinâmica profundamente enraizada na experiência humana. O conceito de Trajeto Antropológico é o cerne dessa compreensão, descrevendo a interação incessante e dinâmica entre o ser humano (o sujeito) e o mundo (o objeto). Essa interação transcende o puramente racional ou objetivo; ela é crucialmente mediada pelo corpo e suas reações psicomotoras, sendo essa mediação que gera e estrutura o Imaginário (Durand, 2012). Trata-se de um circuito contínuo de *feedback*: o ser humano age sobre o mundo, o mundo reage sobre o ser humano, e essa experiência é simbolizada e internalizada, formando o Imaginário que, por sua vez, molda a percepção e a ação subsequente sobre o mundo.

Precisamos nos colocar deliberadamente no que chamaremos o trajeto antropológico, ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social. Esta posição afastará da nossa pesquisa os problemas de anterioridade ontológica, já que postularemos, de uma vez por

todas, que há gênese recíproca que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa (Durand, 2012, p. 41).

Os componentes dessa interação são claros:

- O Homem (Sujeito): Não apenas visto como um ser racional, mas como um ser encarnado, possuindo um corpo que sente, percebe e reage ao ambiente.
- O Mundo (Objeto): A realidade externa, que engloba tanto o ambiente físico quanto o social, com o qual o ser humano interage.
- O Corpo (Mediador Crucial): Este é o elo fundamental. Nossas posturas, gestos e reações fisiológicas, como a luta contra a gravidade, a necessidade de alimentar-se, o medo da queda, a busca por abrigo, constituem a interface primária dessa interação. O corpo não é um mero recipiente, mas um agente ativo na construção do sentido e na simbolização da experiência.

Durand postula que certas reações psicomotoras básicas e universais do corpo humano diante do mundo, que ele denomina Gestos Dominantes ou Reflexos Dominantes, são a origem das estruturas simbólicas e arquetípicas. Ele identifica três grandes "reflexos dominantes" que dão origem aos principais Regimes do Imaginário:

1. Reflexo Postural (Verticalidade): Relacionado à capacidade humana de se erguer, de ficar de pé, superando a gravidade. Este reflexo gera símbolos de ascensão, superioridade, luz, ordem e heroísmo, associados ao Regime Diurno do Imaginário.
2. Reflexo Digestivo (Horizontalidade/Intimidade): Conectado à necessidade de se alimentar, de incorporar o mundo, de buscar abrigo e fusão. Este reflexo produz símbolos de intimidade, fusão, ciclicidade, escuridão, proteção e maternidade, característicos do Regime Noturno do Imaginário.
3. Reflexo Copulativo (Rítmico/Cíclico): Ligado à experiência da reprodução, aos ritmos da vida e da morte, e à transformação. Embora menos diretamente associado a um regime específico, este reflexo gera símbolos de transformação, metamorfose, ciclos e tempo, permeando ambos os regimes.

A conexão entre o Trajeto Antropológico e os Regimes do Imaginário é intrínseca. As experiências e gestos associados à verticalidade, à luz, à separação e à luta contra a queda (como levantar-se, erguer a cabeça) dão origem ao Regime Diurno do Imaginário, caracterizado por símbolos de clareza, ordem, heroísmo, purificação, ascensão e a distinção entre sujeito e objeto.

Em contraste, as experiências e gestos associados à horizontalidade, à escuridão, à fusão, à intimidade e à ciclicidade (como comer, dormir, buscar abrigo, fundir-se com o outro) dão origem ao Regime Noturno do Imaginário, que se manifesta em símbolos de fusão, intimidade, ciclicidade, transformação, morte e renascimento.

A importância do Trajeto Antropológico reside no fato de que ele revela o Imaginário como um "motor" ou "máquina" que não é abstrato ou meramente cultural, mas sim profundamente enraizado na condição humana encarnada (Durand, 2012). Ele explica como nossa biologia e nossa interação com o ambiente moldam as estruturas simbólicas mais profundas. Além disso, o Trajeto Antropológico oferece uma explicação para a universalidade dos arquétipos: se todos os seres humanos compartilham as mesmas reações psicomotoras básicas diante do mundo, é natural que desenvolvam estruturas simbólicas semelhantes (arquétipos) para dar sentido a essas experiências universais.

3.2 As estruturas narrativas do imaginário coletivo: mito e mitologema

Após estabelecer as bases antropológicas do Imaginário e a dinâmica de seus arquétipos e símbolos, esta seção explora como essa vasta tapeçaria de imagens se organiza em narrativas coletivas que dão sentido à existência humana e ao mundo. Focamos no papel central do mito como a narrativa fundamental do Imaginário e aprofundamos o conceito de mitologema como sua unidade de análise, elementos cruciais para desvendar as estruturas subjacentes à narrativa do salvacionismo tecnológico. Por fim, identificamos os mitos e arquétipos fundamentais que servem como lentes interpretativas na análise da pesquisa.

3.2.1 O mito como narrativa fundamental e sua função social

No campo da Antropologia do Imaginário, o mito adquire uma centralidade que transcende sua acepção popular de simples história antiga ou lenda sem fundamento. Para Durand, o mito é a narrativa fundamental do Imaginário, uma complexa constelação de símbolos que se organiza em uma trama coerente com o propósito de dar sentido à existência humana e ao mundo que a cerca. Não é apenas um relato, mas uma estrutura narrativa que possui enredo, personagens (frequentemente arquetípicos), cenários e um desfecho, explicando a origem das coisas, os valores de uma sociedade, os ritos de passagem e os grandes desafios da vida e da morte, “o mito [...] seria, portanto, um instrumento lógico utilizado com fins sociológicos” (Durand, 1993, p. 51).

O mito é, portanto, a forma mais elaborada e coerente pela qual o Imaginário coletivo se expressa. Ele condensa e articula diversos símbolos e arquétipos em uma estrutura compreensível e memorável, que serve como um modelo de conduta e compreensão, segundo Durand: “O valor do mito persiste como mito através das piores traduções” (1993, p. 47).

Mais importante, para Durand, os mitos não são "mentiras" ou "falsidades"; são, ao contrário, verdades simbólicas que estruturam a percepção da realidade de uma sociedade. Eles fornecem os ideais, os medos, as esperanças e os quadros interpretativos que guiam a vida coletiva, de modo que uma sociedade "vive dentro de seus mitos".

Essa compreensão do mito como uma verdade simbólica e um pilar da realidade social dialoga com as perspectivas de outros grandes pensadores da mitologia. Mircea Eliade, por exemplo, destaca o mito não como mentira, mas como uma "história sagrada" que reatualiza o tempo primordial e serve como modelo exemplar para o comportamento humano: “(A) repetição tem um significado (...): a realidade aos acontecimentos; os fatos se repetem porque imitam um arquétipo, o evento exemplar” (Eliade, 1992).

Carl Gustav Jung, por sua vez, enfatiza a relação do mito com os arquétipos e o inconsciente coletivo, mostrando como o mito organiza a experiência humana através de padrões universais: "O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas ideias míticas. Se não as mesmas, pelo menos parecidas (...) [Mas] não são apenas impregnações de experiências típicas incessantemente repetidas, também se comportam empiricamente como forças ou tendências à repetição das mesmas experiências" (Jung, 2014, p.81).

A perspectiva de Junito de Souza Brandão, mitólogo que afirma que o mito é o “relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial [...] (que) expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações” (Brandão, 1986, p. 35-36), também contribui para a compreensão da profundidade e da pervasividade da mitologia e suas manifestações culturais, reforçando a ideia de que o mito é um elemento vivo e atuante na psique e na sociedade.

Joseph Campbell, com sua seminal “jornada do herói” (o monomito), revela a estrutura narrativa universal presente em mitos de diversas culturas, oferecendo um mapa para a transformação individual e coletiva. De forma geral, sobre o mito, ele diz:

Como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação humana. Suas imagens, em consequência, embora oriundas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações das mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana

-que por sua vez é movida pelas energias dos órgãos do corpo que funcionam de maneiras variadas uns contra os outros, e em concerto. Ou seja, todo mito, intencionalmente ou não, é psicologicamente simbólico. Suas narrativas e imagens devem ser entendidas, portanto, não literalmente, mas como metáforas (Campbell, 1991, p. 49-50).

Neste sentido, e em consonância com a vasta literatura sobre o papel do mito nas culturas, e inspirando-se particularmente nas contribuições de Mircea Eliade (Eliade, 1972) sobre a função social e existencial dessas narrativas, as funções essenciais do mito para esta pesquisa são compreendidas de forma multifacetada e profundamente ancoradas na realidade coletiva, e aqui categorizadas como:

- Função Cosmogônica: Explica a criação e a ordem do mundo (Eliade, 1972, p. 9).
- Função Antropogônica: Delineia a origem e a natureza do ser humano (Eliade, 1972, p. 9 e 12).
- Função Etiológica: Fornece a causa e a explicação para fenômenos naturais ou sociais (Eliade, 1972, p. 9 e 13).
- Função Soteriológica: Oferece salvação, redenção ou um caminho para superação de adversidades (Eliade, 1972, p. 25-28 e 64).
- Função Social: Reforça a coesão do grupo, transmitindo e legitimando seus valores, normas e modelos de comportamento (Eliade, 1972, p. 7 e 9-10 e 19).
- Função Escatológica: Narra o fim de uma era, de um mundo ou de uma condição, abrindo a possibilidade de renovação, recriação ou regeneração. Dada a relevância do tema do “fim do mundo” e do “salvacionismo” para esta pesquisa, esta função é crucial para compreender as promessas de novos começos articuladas pelos mitos (Eliade, 1972, p. 42-55).

Em síntese, o mito, na visão duraniana e em consonância com outros mitólogos, é a espinha dorsal da imaginação coletiva. Ele organiza a experiência, transmite valores, fortalece a coesão social e oferece modelos de comportamento, atuando como um poderoso instrumento de construção e legitimação da realidade social.

3.2.2 O mitologema como unidade de análise do imaginário

Se o mito é a narrativa fundamental e complexa do Imaginário, o mitologema atua como sua unidade mínima de significado, o "átomo" ou "bloco de construção" a partir do qual os

mitos são tecidos. Para Gilbert Durand, o mitologema é um tema, motivo ou imagem arquetípica recorrente que se manifesta em diferentes mitos e narrativas, funcionando como uma unidade simbólica que, embora fragmentada, carrega um sentido profundo.

A essência do mitologema reside em ser a expressão narrativa de um arquétipo. Enquanto o arquétipo representa o padrão profundo e universal inerente à psique humana (como discutido no item 3.1.2), o mitologema é a forma pela qual esse padrão se atualiza e se torna visível em um fragmento de história ou em uma imagem que se repete ao longo do tempo e em diversas culturas.

Alguns exemplos de mitologemas ilustram sua natureza recorrente e universal:

- O "herói que desce ao mundo inferior" (presente em figuras como Orfeu, Ulisses, Cristo, Eneias).
- O "dragão a ser morto" (encontrado nas histórias de São Jorge, Apolo ou Siegfried).
- A "árvore da vida" ou a "fonte da juventude".
- O "dilúvio universal".

Estes exemplos demonstram como um único mitologema pode aparecer em múltiplos mitos, adaptando-se a diferentes contextos culturais, mas sempre preservando seu núcleo simbólico arquetípico.

A relação entre mito e mitologema pode ser compreendida da seguinte forma: o mitologema é a unidade elementar, enquanto o mito é a estrutura narrativa complexa construída a partir da combinação dessas unidades. É como se os mitologemas fossem as "palavras" ou "frases" simbólicas, e os mitos fossem os "textos" completos que essas palavras e frases formam.

Para a presente pesquisa, a escolha do mitologema como unidade de análise é uma ferramenta metodológica crucial. Ao desdobrar as narrativas que compõem o salvacionismo tecnológico muskiano, torna-se possível identificar e rastrear esses fragmentos simbólicos recorrentes, o que permite ir além da superfície dos discursos, buscando as estruturas subjacentes do Imaginário que os fundamentam. A análise dos mitologemas, ao revelar padrões arquetípicos, possibilita uma compreensão mais profunda de como certas figuras e eventos são construídos e percebidos na cultura contemporânea.

3.2.3 O herói moderno como deus secular: continuidade e transformação (o paradoxo do sagrado na modernidade)

Enquanto a modernidade ocidental proclamava o “desencantamento do mundo”¹⁹ e a secularização, um fenômeno paradoxal ocorria: a figura do herói mitológico não desaparecia, mas se reinventava. Se os deuses gregos perderam seus templos e rituais, a estrutura simbólica que eles ocupavam, a necessidade de figuras que transcendem o humano, que encarnam valores supremos, que prometem salvação, permanecia profundamente enraizada na psique coletiva.

Joseph Campbell (1991) observou que o mito é a imagem secreta do desejo da humanidade. Na modernidade, esse desejo não foi eliminado pelo racionalismo; ele foi deslocado. O herói moderno é, essencialmente, um deus sem templo, sem ritual formal, mas com poder simbólico igualmente potente.

A emergência de figuras como Musk no imaginário contemporâneo deve ser entendida através dessa lente: ele não é meramente um empresário bem-sucedido, mas uma figura que ocupa uma função mitológica específica: a de salvador, redentor, alguém que nos guiará para o futuro prometido.

Esta função é antiga: todos os heróis mitológicos tinham seguidores, devotos, pessoas que lhes ofereciam lealdade e recursos em troca da promessa de salvação ou transformação. A diferença entre o herói mítico e o herói corporativo contemporâneo não é estrutural, mas de contexto e tecnologia.

Onde antes havia templos e sacerdotes, temos agora documentários, redes sociais e admiradores. Onde antes havia sacrifícios rituais, temos agora capital financeiro mobilizado pela crença. A estrutura simbólica permanece, a necessidade de idolatrar, de projetar nossas esperanças em uma figura maior que a vida, de acreditar que alguém pode nos salvar, simplesmente se manifestou em novas formas.

A construção de Musk nos documentários analisados é um exemplo cristalino dessa reciclagem moderna de arquétipos heroicos. Ele é retratado não como um executivo qualquer, mas como alguém tocado por uma missão sagrada: salvar a humanidade da extinção, expandir

¹⁹ Desencantamento do mundo é o conceito de Max Weber (Weber, 2004) que descreve o processo histórico através do qual a modernidade ocidental substituiu explicações mágicas, religiosas e místicas por explicações racionais, científicas e burocráticas, removendo progressivamente o sagrado e o significado transcendental do mundo. Contudo, implica também uma perda de sentido último e de experiências de transcendência. Nesta pesquisa, argumentamos que embora proclamado, o desencantamento não eliminou a necessidade humana de significado e salvação, que se reinventou em novas formas, como a idolatria de figuras tecnológicas.

a consciência para outros mundos, redefinir o que significa ser humano. Esta é a linguagem do herói mitológico, não a do CEO de uma startup.

Portanto, compreender o fenômeno de Musk exige que se reconheça: ele é cultuado porque ocupa uma função religiosa em uma sociedade que acredita ter se libertado da religião. A fé cega no progresso tecnológico é, fundamentalmente, uma fé, no sentido teológico: a transferência de esperança, significado e poder a uma figura sagrada.

3.3 Mitos e arquétipos fundamentais para a análise do salvacionismo tecnológico

A compreensão do imaginário contemporâneo, especialmente aquele que permeia o universo da tecnologia e do futuro, frequentemente se beneficia da identificação de ecos de mitos e arquétipos ancestrais. Tais narrativas, profundamente enraizadas na psique humana, oferecem padrões simbólicos que se manifestam de diversas formas ao longo da história, inclusive nas figuras e discursos da modernidade. Para aprofundar a análise dos mitologemas presentes no salvacionismo tecnológico, é fundamental delinear alguns dos mitos greco-romanos e conceitos arquetípicos que servem de base para a interpretação dos fenômenos observados:

- A Jornada do Herói como Mitologema Central: Conforme Joseph Campbell (1990) postula em sua obra seminal, a "Jornada do Herói" (ou monomito) descreve um padrão narrativo universal de transformação que se repete em mitos, lendas e contos de diversas culturas. Essa estrutura arquetípica envolve etapas como o chamado à aventura, a recusa, o encontro com o mentor, a travessia do limiar, as provações, a aproximação da caverna profunda, a provação máxima, a recompensa, o caminho de volta, a ressurreição e o retorno com o elixir. Compreender essa jornada permite analisar como figuras contemporâneas podem ser moldadas e percebidas pelo público através dessa lente arquetípica de superação individual e coletiva de limitações.
- O Mito de Hefesto: Hefesto, o deus ferreiro e artífice da mitologia grega, personifica o arquétipo do engenheiro e do inventor. Embora seu mundo fosse mítico, ele representava a aspiração humana de manipular o ambiente, criar ferramentas e máquinas complexas, e inovar para alcançar novos patamares de capacidade e poder. O mito de Hefesto, portanto, serve como uma lente através da qual as sociedades antigas entendiam e valorizavam o que hoje chamaríamos de "progresso tecnológico" e o papel

fundamental daqueles que o impulsionam. Ele simboliza a habilidade e a criação de algo concreto, muitas vezes a partir do fogo e da forja.

- O Mito de Dédalo: Dédalo, o lendário arquiteto, inventor e artesão ateniense, é outro arquétipo do gênio humano que busca superar limitações. Conhecido por construir o intrincado Labirinto e, notavelmente, inventar asas para si e para seu filho Ícaro (para escapar do cativeiro), Dédalo representa a ambição humana de controlar o ambiente e transcender suas próprias capacidades através da inteligência e da criação. Suas invenções espelham a busca por uma "utopia" através da inovação, embora carregadas da advertência sobre os limites e as consequências da ousadia desmedida.
- O Mito do Prometeu: Prometeu, o titã que roubou o fogo dos deuses e o deu aos humanos, habilitando-os com o conhecimento e a capacidade de progredir (cozinhar, forjar ferramentas, construir), é uma figura central para entender a relação entre inovação e sacrifício. Prometeu sofreu um castigo eterno e agonizante por seu ato de benevolência para com a humanidade. Ele é a representação máxima do sofrimento sacrificial por amor à humanidade, fornecendo o "fogo" (metafórica e literalmente, a tecnologia e o conhecimento) que tirou os humanos de um estado primitivo de miséria, mas que também trouxe consigo a capacidade de autodestruição.
- O Mito de Hércules: Hércules, o maior herói grego, é um arquétipo fundamental de "salvador". Através de seus Doze Trabalhos, ele livrou o mundo de monstros, tiranos e perigos que afligiam a humanidade e os deuses. Suas ações purificaram a Terra e tornaram-na um lugar mais seguro para viver. Ele realizou feitos que nenhum mortal poderia, e sua eventual ascensão ao Olimpo como um deus exemplifica a ideia de uma figura que transcende o humano para o bem maior, por meio da força, resiliência e sacrifício.
- O Mitologema do Titanismo: Mais do que um mito específico, o Titanismo é um mitologema que encarna uma força primordial e desmedida, a qual desafia a ordem estabelecida, seja pelos deuses ou pela natureza, em busca de um poder ou conhecimento que transcende o humano. Conforme explorado por Rafael López-Pedraza em *Ansiedade Cultural* (1997), o titanismo manifesta-se como um "excesso" (1997, p. 106) que opera para além das leis, da ordem e dos limites, surgindo frequentemente de uma "vacuidade" ou "lacuna" na psique, da qual "não existe imagem

possível" (1997, p. 106). Essa carência de imagens e a conseqüente falta de reflexão podem impulsionar ambições grandiosas e, por vezes, destrutivas, pois o titânico, em sua essência, não aprende com o sofrimento e não está contido em configurações arquetípicas bem definidas. Reflete uma busca por controle e soluções radicais para a ansiedade cultural, que López-Pedraza descreve como a tensão intrínseca do Ocidente, na qual a ausência de um substrato imagético nutridor pode levar a manifestações de poder desmedido, como a ambição de controlar o destino da humanidade. O titanismo, portanto, é um conceito que ajuda a compreender as forças psíquicas e culturais por trás de impulsos de dominação e de uma incessante busca por superação que, ao mesmo tempo que inova, pode operar de forma selvagem e não submetida a leis, como o próprio López-Pedraza descreve os Titãs (p. 106).

Esses mitos e arquétipos, embora originários de contextos remotos, continuam a ressoar e a informar as narrativas contemporâneas, oferecendo um rico substrato simbólico para a compreensão de figuras que encarnam a promessa e os desafios de um futuro cada vez mais tecnológico.

3.3 A complexidade do imaginário: uma metaperspectiva a partir de Edgar Morin

Após aprofundarmos os fundamentos do Imaginário de Gilbert Durand e suas manifestações narrativas através dos mitos e mitologemas, esta seção integrará a Teoria da Complexidade de Edgar Morin como uma metaperspectiva essencial. A abordagem moriniana oferece um arcabouço epistemológico que permite transcender o pensamento simplificador, revelando as múltiplas interconexões, as dimensões paradoxais e a natureza não linear que caracterizam os fenômenos do Imaginário. Apresentamos os princípios-chave da complexidade de Morin, introduzindo o conceito de noosfera como o macrocontexto do pensamento coletivo, e demonstramos como a lente da complexidade enriquece a compreensão do Imaginário durandiano, revelando-o como um sistema auto-eco-organizador e em constante retroalimentação.

3.3.1 Princípios fundamentais da Teoria da Complexidade de Morin

Edgar Morin, renomado sociólogo e filósofo francês, propõe a Teoria da Complexidade não como uma disciplina estanque, mas como um modo de pensar, uma epistemologia que visa transcender as limitações do pensamento simplificador e reducionista. Para Morin, a

complexidade não é sinônimo de complicação, mas de uma impossibilidade inerente de reduzir o todo às suas partes ou de isolar fenômenos sem que percam seu sentido. É o reconhecimento de que a realidade é intrinsecamente multifacetada, interconectada e incerta.

Os princípios-chave que norteiam sua abordagem incluem:

1. **Princípio Sistêmico ou da Interconexão:** Este princípio fundamental afirma que nenhum fenômeno pode ser compreendido isoladamente. Tudo está interligado e faz parte de um sistema maior, onde as partes influenciam o todo e são por ele influenciadas. A ênfase recai nas relações e interações entre os elementos, que são tão importantes quanto os próprios elementos. A aplicação deste princípio exige uma abordagem que busque entender as redes de relações e os circuitos de *feedback* que constituem um sistema, em vez de analisar componentes de forma segmentada.
2. **Princípio da Multidimensionalidade (ou da Totalidade/Pluridimensionalidade):** A Teoria da Complexidade reconhece que a realidade é multifacetada e não pode ser apreendida por uma única perspectiva ou disciplina. Os fenômenos possuem múltiplas dimensões, biológicas, psicológicas, sociais, culturais, históricas, econômicas, que se interpenetram e são inseparáveis para uma compreensão profunda. Este princípio exige uma abordagem transdisciplinar, que integre diferentes saberes e pontos de vista para construir uma visão mais completa do objeto de estudo, superando as fronteiras disciplinares tradicionais.
3. **Princípio da Não Linearidade (e da Auto-eco-organização):** Desafiando a ideia de causalidade linear (causa-efeito direto), este princípio postula que, em sistemas complexos, pequenas causas podem gerar grandes efeitos imprevisíveis (o chamado "efeito borboleta"), e os resultados não são proporcionais às entradas. Os sistemas são capazes de auto-organização, a emergência de ordem a partir de interações internas sem a necessidade de um organizador externo, e eco-organização, a interação constante com o ambiente, que molda e é moldada pelo sistema. A combinação de ambos, a auto-eco-organização, implica que a ordem emerge da relação dialógica e recursiva entre o sistema e seu entorno. Isso leva à aceitação da incerteza e da imprevisibilidade como características inerentes à realidade, buscando padrões emergentes em vez de relações causais simplistas.

4. **Princípio Dialógico:** Este princípio propõe a união de noções que são aparentemente antagônicas, mas que, na realidade, são inseparáveis e complementares para a existência e compreensão de um fenômeno. Não se trata de uma síntese que anula as oposições, mas de uma coexistência dinâmica e produtiva de termos contraditórios. A dialogicidade permite pensar a relação entre ordem e desordem, indivíduo e sociedade, racionalidade e irracionalidade, sem reduzir um ao outro, mas reconhecendo sua interdependência vital.
5. **Princípio Hologramático:** Inspirado no holograma, onde cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto que representa, este princípio sugere que a parte está no todo e o todo está na parte. Ou seja, ao analisar um elemento de um sistema complexo, é possível encontrar informações sobre o sistema inteiro, e vice-versa. Este conceito permite que a análise de um fragmento ou de um detalhe revele a estrutura e a dinâmica do conjunto, e que a compreensão do todo enriqueça a interpretação das partes.
6. **Princípio da Retroação (*Feedback*):** A retroação, ou *feedback*, é um processo fundamental em sistemas complexos onde o efeito de uma ação retorna e modifica a própria causa. A saída de um sistema influencia sua própria entrada, criando um ciclo contínuo. Morin distingue a retroação negativa, que tende a estabilizar o sistema (homeostase), da retroação positiva, que tende a amplificá-lo, levando a crescimento ou decaimento exponencial. A retroação é crucial para entender a dinâmica e a evolução dos sistemas complexos, explicando como se autorregulam, adaptam ou podem entrar em espirais de transformação.

Em síntese, a Teoria da Complexidade de Morin oferece um arcabouço conceitual robusto para abordar fenômenos que são inerentemente dinâmicos, multifacetados e interconectados, como o Imaginário, permitindo uma análise mais rica e menos reducionista. É uma epistemologia que convida a pensar de forma complexa sobre o complexo, aceitando a incerteza, a ambivalência e a riqueza da realidade, em vez de tentar reduzi-la a algo simples, linear e previsível.

3.3.2 *A noosfera: a esfera do pensamento coletivo em Morin*

Para Edgar Morin, a compreensão da complexidade da realidade humana exige a consideração de um conceito fundamental: a Noosfera. Originalmente cunhada pelo geólogo

russo Vladimir Vernadsky e popularizada pelo paleontólogo Pierre Teilhard de Chardin, a Noosfera é reinterpretada por Morin e integrada à sua teoria da complexidade, ganhando uma dimensão mais profunda e multifacetada como a esfera do pensamento e da cultura que envolve o planeta Terra.

A Noosfera representa a camada cognitiva e cultural que emerge e se sobrepõe à Biosfera (esfera da vida) e à Geosfera (esfera geológica), sendo o domínio da mente coletiva. Ela não é uma entidade física, mas uma emergência complexa que surge da interação de bilhões de cérebros humanos, suas comunicações, suas criações culturais e suas tecnologias. Seu desenvolvimento teve início com a linguagem e o pensamento simbólico, expandindo-se e complexificando-se exponencialmente com o avanço dos meios de comunicação, desde a escrita e a imprensa até as telecomunicações e a internet.

Suas características e componentes incluem:

- Imaterial, mas Real: Apesar de não ser material no sentido físico, a Noosfera possui uma realidade poderosa e atuante, influenciando profundamente a forma como os humanos percebem, interpretam e agem sobre o mundo.
- Interconexão Global: Constitui uma rede gigantesca de informações e significados, em que cada ideia, inovação ou mito pode ressoar e se espalhar por todo o sistema, criando interdependências e retroações complexas.
- Dinâmica e Evolutiva: Longe de ser estática, a Noosfera está em constante transformação, evolução e auto-organização, impulsionada pelas interações humanas e pela emergência de novas ideias e tecnologias.
- Diálogo entre Ordem e Desordem: Assim como outros sistemas complexos, ela contém elementos de ordem (conhecimento estruturado, leis, normas) e desordem (incerteza, contradições, conflitos de ideias, desinformação).
- Tecnologia como Extensão: As tecnologias de comunicação e informação, como a internet e a inteligência artificial, são vistas como extensões e amplificadores da Noosfera, possibilitando uma conectividade e um processamento de informações sem precedentes.

A Noosfera é crucial para Morin por representar a dimensão mais complexa da realidade, em que a mente humana, a cultura e a sociedade se interligam. Ela desafia o reducionismo, mostrando que a dimensão do pensamento e da cultura é uma força autônoma e

emergente. Além disso, Morin enfatiza que nossas ações no mundo material são cada vez mais moldadas pela Noosfera, ou seja, por nossas ideias, valores e conhecimentos.

A conexão da Noosfera com o Imaginário de Gilbert Durand é intrínseca. A Noosfera fornece o macrocontexto dentro do qual o Imaginário se manifesta e opera. O Imaginário, com seus arquétipos, símbolos, mitos e metáforas obsessivas, é um componente vital e fundamental da Noosfera. Os mitos e símbolos que Durand estuda são elementos constitutivos dessa esfera de pensamento e cultura. A forma como o Imaginário se auto-eco-organiza e se manifesta em diferentes culturas contribui para a complexidade e a riqueza da Noosfera global. Em última análise, a Noosfera é o "ambiente" onde o Trajeto Antropológico de Durand se manifesta em escala planetária, e onde os Regimes do Imaginário interagem e se influenciam mutuamente através das redes de comunicação e cultura. Em resumo, a Noosfera é a "mente" do planeta, um sistema complexo de pensamento e cultura que emerge da atividade humana e que, por sua vez, molda a realidade humana e planetária.

3.3.3 O imaginário durandiano sob a lente da complexidade moriniana

A Teoria da Complexidade de Edgar Morin, conforme detalhada nos subitens anteriores (3.3.1 e 3.3.2), não se apresenta como um substituto, mas como uma metaperspectiva que enriquece e aprofunda a compreensão do Imaginário de Gilbert Durand. Morin fornece as lentes epistemológicas para observar as intrínsecas interconexões, as múltiplas dimensões e a natureza não linear que caracterizam a dinâmica do Imaginário. Ao invés de tentar simplificar ou reduzir o fenômeno do Imaginário, a complexidade moriniana permite abraçá-lo em sua riqueza e ambivalência.

A teoria de Durand sobre o Imaginário se encaixa perfeitamente nos princípios da complexidade de Morin da seguinte forma:

1. Interconexão (Princípio Sistêmico): O Imaginário, na concepção de Durand, não é uma mera coleção aleatória de imagens, mas um sistema dinâmico e intrinsecamente interconectado de arquétipos, símbolos, mitos e mitologemas. Cada elemento ressoa e influencia os demais. O Trajeto Antropológico de Durand é a expressão máxima dessa interconexão: uma interação incessante e recursiva entre o sujeito humano, seu corpo e o mundo, onde cada um influencia e é influenciado pelos outros, gerando um circuito contínuo de *feedback* que alimenta e molda o Imaginário. A Mitocrítica e a Mitoanálise,

metodologias de Durand, buscam justamente mapear essas interconexões dentro de um *corpus* cultural ou em uma cultura específica.

2. Multidimensionalidade (Princípio da Totalidade/Pluridimensionalidade): O Imaginário é, por natureza, inerentemente multidimensional. Ele transcende uma única esfera de análise, manifestando-se simultaneamente como um fenômeno psicológico (individual), biológico (enraizado nas reações psicomotoras do corpo e no Trajeto Antropológico), social (compartilhado coletivamente), cultural (expresso em mitos, rituais e arte) e histórico (em constante evolução ao longo do tempo). A própria distinção duraniana entre o Regime Diurno (associado à clareza, ordem, separação) e o Regime Noturno (ligado à fusão, intimidade, ciclicidade) já aponta para essa multidimensionalidade, revelando como diferentes aspectos da experiência humana geram constelações simbólicas distintas, mas complementares.
3. Não linearidade e Retroação (Princípio da Retroação do Conhecedor no Conhecimento / Auto-eco-organização): A formação, a evolução e as manifestações do Imaginário não seguem um caminho linear de causa e efeito. Um novo símbolo, uma nova interpretação de um mito ou uma nova metáfora obsessiva pode ter efeitos imprevisíveis e amplificados em todo o sistema do Imaginário de uma cultura. Isso se manifesta claramente nos circuitos de retroação:
 - O Imaginário de uma sociedade (saída) molda sua cultura (entrada), que, por sua vez, reforça e modifica o próprio Imaginário (retroação). Por exemplo, um mito (Imaginário) gera rituais (cultura), e a prática desses rituais (cultura) fortalece e perpetua o mito (Imaginário).
 - Uma metáfora obsessiva (saída) pode amplificar certas crenças e comportamentos (entrada), que, por sua vez, reforçam a prevalência e a insistência dessa metáfora (retroação positiva). O Imaginário, nesse sentido, é um sistema auto-eco-organizador. Ele não é imposto de fora, mas se auto-organiza a partir das interações simbólicas e arquetípicas dentro da psique humana e coletiva (via Trajeto Antropológico). Ao mesmo tempo, ele está em constante eco-organização com o ambiente cultural, social e histórico. Experiências coletivas, crises, inovações tecnológicas, tudo isso interage com o Imaginário, que se adapta, se transforma e, por sua vez, influencia a forma como

a sociedade percebe e age sobre essas realidades. O surgimento de novos mitos ou a resignificação de antigos não é um processo linear, mas uma emergência auto-eco-organizadora, onde a sociedade, através de suas interações e desafios, gera novas formas de dar sentido ao mundo.

4. Dialogicidade (Princípio Dialógico): O Imaginário é um campo intrínseco de tensões e complementaridades, onde ideias aparentemente antagônicas coexistem e se enriquecem mutuamente. A coexistência dos Regimes Diurno e Noturno é o exemplo mais claro da dialogicidade no Imaginário de Durand: eles são opostos em suas valências, mas são complementares e inseparáveis para a compreensão da totalidade do Imaginário. A vida e a morte, a ordem e o caos, a luz e a escuridão, a separação e a fusão, essas polaridades são constantemente negociadas, expressas e resignificadas dentro do Imaginário.
5. Hologramaticidade (Princípio Hologramático): Cada símbolo, cada mitologema, cada fragmento do Imaginário de Durand contém em si a ressonância do todo, assim como em um holograma. Ao analisar um único símbolo (como a água ou o fogo), é possível acessar e compreender as estruturas arquetípicas profundas e os regimes do Imaginário que o sustentam. Da mesma forma, o Imaginário de uma cultura inteira pode ser inferido a partir da análise aprofundada de um único mito ou obra de arte, pois eles carregam em si a estrutura simbólica mais ampla.

Em suma, a Teoria da Complexidade de Morin não "substitui" a teoria de Durand, mas oferece um arcabouço epistemológico que permite aplicá-la com uma profundidade e abrangência muito maiores. Morin fornece o "como pensar" e o "como abordar" o fenômeno complexo do Imaginário, enquanto Durand oferece o "o que procurar" e o "como interpretar" o conteúdo simbólico. Juntos, eles permitem uma análise holística e não reducionista da construção da realidade social através do Imaginário, reconhecendo que a cultura não é um fenômeno simples, mas um sistema vivo, dinâmico e complexo que abraça a incerteza, a ambivalência e a riqueza inerente aos fenômenos humanos.

3.4 Metodologia da análise do imaginário: desvelando as estruturas simbólicas

Tendo em vista o arcabouço teórico consolidado nas seções anteriores, que abrange o Imaginário de Gilbert Durand em suas estruturas arquetípicas e simbólicas, os mitos e

mitologemas como narrativas fundamentais, e a metaperspectiva da complexidade de Edgar Morin, esta seção delinea a metodologia empregada para investigar o Imaginário. O objetivo é desvelar as estruturas simbólicas e narrativas presentes nos documentários analisados, particularmente aquelas que constroem o salvacionismo tecnológico muskiano. Para tanto, detalhamos a abordagem da análise de conteúdo, a maneira pela qual as metáforas obsessivas são rastreadas e interpretadas, e como os princípios da complexidade de Morin guiam a interpretação, garantindo uma análise que transcende o descritivo e busca a articulação profunda do conteúdo imaginário.

3.4.1 Mitocrítica e Mitoanálise: ferramentas para decifrar o imaginário

A metodologia central para a investigação do Imaginário nesta pesquisa é uma Análise Mitocrítica Aprofundada do corpus de produções audiovisuais delimitado (especificamente os dois documentários selecionados). Esta abordagem, embora utilize os fundamentos e se inspire nos princípios da Mitoanálise de Gilbert Durand, foi concebida para o estudo da emergência e gestação de um mitologema dentro de um recorte temporal específico, reconhecendo as dinâmicas aceleradas e as nuances dos processos de produção e circulação de narrativas audiovisuais no ambiente contemporâneo.

A pesquisa se baseia nas vertentes analíticas propostas por Gilbert Durand: a Mitocrítica e a Mitoanálise. Ambas as abordagens, embora complementares, operam em diferentes níveis de escopo e temporalidade.

A Mitocrítica é empregada como a ferramenta de análise mais micro, focada diretamente na identificação e interpretação dos símbolos e arquétipos presentes no corpus específico dos documentários. Seu propósito é desvelar o "núcleo mítico" ou a constelação arquetípica dominante que organiza o Imaginário veiculado por essas obras. A aplicação da Mitocrítica envolve:

- **Observação e Catalogação de Símbolos Dominantes:** É realizada uma leitura atenta dos documentários para identificar e catalogar imagens, figuras, ações, objetos, cores e elementos narrativos que se repetem ou que possuem um destaque particular.
- **Identificação das Metáforas Obsessivas:** No cerne da Mitocrítica, busca-se o rastreamento das metáforas obsessivas. Conforme explorado anteriormente (item 3.1.2), estas são imagens, temas ou motivos que se repetem de forma persistente e, muitas vezes, inconsciente no discurso e na visualidade. A recorrência dessas metáforas é um

critério fundamental para os estudos do imaginário, pois aponta para um núcleo arquetípico ou um mito profundo que a produção, consciente ou inconscientemente, explora e reencena.

- **Contextualização e Classificação Simbólica:** Os símbolos e as metáforas obsessivas identificados são contextualizados dentro da narrativa dos documentários. Neste passo, aplica-se a noção de Regimes do Imaginário de Durand (Diurno e Noturno), classificando os símbolos conforme suas valências e associações arquetípicas.
- **Interpretação Arquetípica:** Com base nesta classificação, os símbolos e metáforas obsessivas são relacionados aos arquétipos subjacentes, buscando o sentido que transcende a aparência literal e evoca uma ressonância emocional e inconsciente.
- **Revelação do Núcleo Mítico Emergente:** A síntese de todas essas interpretações permite desvelar o "mito" ou a "constelação mítica" que organiza o material analisado, revelando a lógica interna do Imaginário em ação dentro dos documentários, com foco na emergência dos conteúdos arquetípicos.

Embora uma Mitoanálise plena, que busca a mitologia que anima toda uma época, tradicionalmente exija um recorte temporal mais amplo (como o período geracional mínimo de 36 anos proposto por Durand) (Barros, 2014), a presente pesquisa se inspira nesta metodologia para investigar a gestação e o processo de emergência de um mitologema em um “microciclo” temporal (entre 2018-2022). Para o fenômeno específico de Musk, caracterizado por uma ascensão e consolidação midiática e simbólica particularmente acelerada e intensa no período analisado, este recorte temporal, embora mais curto que o tradicional para uma Mitoanálise de longa duração, é considerado significativo o suficiente para observar a manifestação inicial e a "gestação" de padrões simbólicos e arquetípicos. A análise, portanto, faz inferências iniciais no sentido da Mitoanálise, possibilitando um retrato da emergência desses conteúdos.

Nesse contexto, o impacto junto à opinião pública, manifestado via audiência e adesão (como exemplificado pelo número de seguidores de Musk ou pelo alcance e valoração de suas empresas), é considerado um indicador importante para entender a repercussão e validação desses conteúdos arquetípicos emergentes no imaginário coletivo. A adesão do público atua como um termômetro da ressonância desses conteúdos.

Ambas as abordagens (a Mitocrítica empregada e a Mitoanálise inspiradora) estão intrinsecamente conectadas ao Trajeto Antropológico de Durand, servindo como os caminhos

práticos para percorrer essa dinâmica, revelando como a interação entre o ser humano e o mundo gera e é gerada por estruturas simbólicas que se manifestam em narrativas.

3.4.2 *A perspectiva da complexidade na interpretação analítica*

A análise dos mitologemas e das metáforas obsessivas, realizada por meio da Mitocrítica e da Mitoanálise, é enriquecida pela metaperspectiva da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Conforme detalhado na Seção 3.3, os princípios de Morin não apenas fornecem um arcabouço teórico para compreender a natureza multifacetada do Imaginário, mas também guiam a interpretação dos dados, permitindo uma compreensão mais abrangente e menos reducionista.

A integração dos princípios da complexidade na interpretação analítica significa que a análise busca ativamente as interconexões, as tensões, as ambiguidades e as relações dinâmicas entre os diferentes elementos do Imaginário, reconhecendo que as narrativas simbólicas não são lineares, mas sim complexas e em constante retroalimentação. Especificamente, os seguintes princípios de Morin orientam a fase interpretativa:

1. **Princípio Sistêmico e da Interconexão:** Ao interpretar os resultados da Mitocrítica e Mitoanálise, os símbolos, arquétipos e mitologemas identificados não são vistos como entidades isoladas. A análise busca mapear as redes de relações entre eles, entendendo como se influenciam mutuamente e formam um sistema coerente (ou paradoxal) de sentido. Por exemplo, como o mitologema do titanismo se conecta à jornada do herói ou ao mito de Prometeu dentro da narrativa do salvacionismo tecnológico.
2. **Princípio da Multidimensionalidade (ou da Totalidade/Pluridimensionalidade):** A interpretação transcenderá uma única dimensão de análise. Os achados simbólicos são compreendidos em suas múltiplas facetas, psicológicas, sociais, culturais, tecnológicas e até históricas. É considerada como os símbolos e mitos atuam em diferentes níveis de percepção e afetam diversas esferas da realidade, reconhecendo a interpenetração dessas dimensões na construção do Imaginário analisado.
3. **Princípio da Não Linearidade e da Retroação (Auto-eco-organização):** A interpretação reconhece que a formação e a evolução do Imaginário não são processos lineares. São identificados os circuitos de *feedback* presentes nas narrativas e discursos: como certas metáforas ou mitos, ao serem veiculados pela produção midiática (saída), podem reforçar ou modificar comportamentos e crenças sociais (entrada) que, por sua vez,

retroalimentam e perpetuam (ou transformam) o próprio Imaginário. A análise observa como o Imaginário se auto-organiza a partir de suas interações internas (símbolos e arquétipos) e se eco-organiza em constante diálogo com o ambiente cultural e tecnológico, gerando emergências e transformações não lineares.

4. **Princípio Dialógico:** Este princípio é fundamental para compreender a coexistência de noções aparentemente antagônicas nas narrativas do salvacionismo tecnológico. A análise se dedica a explorar as tensões e complementaridades entre elementos como progresso e risco, salvação e destruição, ordem e desordem, ou esperança e medo. O objetivo não é resolver essas oposições, mas sim compreendê-las como inerentes à complexidade do Imaginário, revelando como essas polaridades dinâmicas contribuem para a riqueza e a ambivalência do sentido.
5. **Princípio Hologramático:** A interpretação assume que cada detalhe, cada fragmento simbólico ou mitologema identificado nos documentários, carrega em si a ressonância do todo. Ao analisar um elemento específico da narrativa, é possível inferir e refletir sobre a estrutura mais ampla do Imaginário do salvacionismo tecnológico. Este princípio permitirá que a análise de elementos específicos revele a dinâmica e a estrutura do conjunto simbólico.

Em suma, a aplicação da perspectiva da complexidade de Morin na interpretação analítica garante que a pesquisa não se limite a descrever os símbolos e mitos, mas que os interprete como parte de um sistema vivo, multifacetado e dinâmico. Essa abordagem holística permite desvendar o "conteúdo imaginário" que os documentários constroem sobre o futuro e sobre a figura do salvador tecnológico, articulando-o com os mitologemas arquetípicos de forma profunda e não reducionista.

3.5 Considerações éticas e limitações

A análise do Imaginário, por sua natureza interpretativa e hermenêutica, demanda uma clara exposição das considerações éticas e das limitações intrínsecas ao processo de pesquisa. Embora a metodologia busque rigor, é imperativo reconhecer que a compreensão de símbolos e mitos não se dá por uma via puramente objetiva, mas é mediada pela subjetividade e pela posição do pesquisador.

Nesse contexto, torna-se especialmente relevante o Princípio da Reintrodução do Conhecedor no Conhecimento de Edgar Morin. Este princípio postula que o sujeito que conhece e produz o conhecimento não pode ser dissociado do objeto de seu estudo. Em outras palavras, a neutralidade absoluta é uma ilusão, e o ato de pesquisar é intrinsecamente um processo de cocriação entre o pesquisador e a realidade observada. No âmbito desta dissertação, isso implica reconhecer que a interpretação das metáforas obsessivas e dos mitologemas identificados nos documentários é influenciada pela própria "visão de mundo" (Weltbild) da pesquisadora, suas experiências, seus pré-conceitos e seu próprio Imaginário.

As principais considerações éticas e limitações deste estudo incluem:

1. Subjetividade Inerente à Análise Interpretativa: A interpretação do Imaginário, por mais que se baseie em um arcabouço teórico sólido (Durand e Morin), envolve um grau de subjetividade. A decodificação de símbolos e a identificação de mitologemas dependem da sensibilidade e da capacidade analítica do pesquisador. Para mitigar vieses, adotamos uma postura de constante reflexão crítica sobre as próprias interpretações, buscando coerência interna com a teoria e as evidências empíricas, e mantendo uma abertura para leituras alternativas. A transparência metodológica, ao detalhar os passos da Mitocrítica e da Mitoanálise, permite que outros pesquisadores possam compreender o caminho interpretativo percorrido.
2. Impossibilidade de Generalização Absoluta: Os resultados obtidos a partir da análise de um *corpus* específico (documentários sobre o salvacionismo tecnológico muskiano) não podem ser generalizados universalmente para todo o Imaginário sobre o tema. Embora os mitologemas e arquétipos tendam à universalidade, suas manifestações e as "metáforas obsessivas" são cultural e contextualmente específicas. A pesquisa busca aprofundar a compreensão de um fenômeno particular, oferecendo *insights* e modelos interpretativos que podem ressoar em outros contextos, mas sem pretender uma representação exaustiva da totalidade do Imaginário contemporâneo sobre a tecnologia.
3. Natureza Dinâmica e Evolutiva do Imaginário: O Imaginário não é estático; ele está em constante formação e transformação. As narrativas, os símbolos e os mitos que circulam em uma cultura são fluidos e podem ser ressignificados ao longo do tempo. Assim, a análise deste estudo representa um "corte" temporal e contextual do Imaginário investigado, sendo um retrato da realidade no momento da pesquisa, e não uma verdade imutável. A Teoria da Complexidade de Morin, com seu princípio da não linearidade e

auto-eco-organização, já abraça essa fluidez, mas é importante ressaltar que a pesquisa é um instantâneo desse fluxo contínuo.

4. Limites da Capacidade de Acesso ao Inconsciente Coletivo: Embora a teoria de Durand postule a existência de arquétipos universais e um Imaginário coletivo, o acesso a essas camadas mais profundas se dá apenas indiretamente, através da análise de suas manifestações simbólicas e narrativas. A pesquisa, portanto, interpreta essas manifestações sem pretender acessar diretamente a totalidade do inconsciente coletivo, que permanece em grande parte inatingível para a investigação empírica direta.

Em síntese, o presente estudo reconhece suas limitações inerentes à pesquisa qualitativa e interpretativa do Imaginário, abraçando-as como parte de sua constituição. A incorporação do Princípio da Reintrodução do Conhecedor no Conhecimento de Morin reforça a ética da autorreflexividade e da transparência, garantindo que a análise, por mais interpretativa que seja, seja conduzida com rigor e consciência de sua própria posição na construção do saber.

3.6 Síntese do capítulo III

Este Capítulo III estabeleceu os pilares teóricos e metodológicos essenciais para a compreensão e análise aprofundada do Imaginário, com foco particular nas narrativas do salvacionismo tecnológico muskiano. Iniciamos com a conceituação do Imaginário de Gilbert Durand, distinguindo-o da mera imaginação e fantasia, e definindo-o como um sistema antropológico fundamental, um "museu" coletivo de imagens passadas, presentes e futuras. Exploramos os conceitos de arquétipos como estruturas organizadoras universais e de símbolos como suas manifestações visíveis e culturais, intrinsecamente ligados aos Regimes do Imaginário (Diurno e Noturno) e enraizados no Trajeto Antropológico da experiência humana.

Em seguida, aprofundamos o papel do Mito como narrativa fundamental do Imaginário e do Mitologema como sua unidade elementar, revelando como essas estruturas fornecem quadros interpretativos para a existência humana e são cruciais na construção da realidade social. O conceito de Metáforas Obsessivas foi introduzido como um indicador valioso das estruturas arquetípicas e dos Regimes do Imaginário que operam em um determinado *corpus*.

A Teoria da Complexidade de Edgar Morin foi integrada como uma metaperspectiva indispensável. Discutimos seus princípios fundamentais, como a interconexão, multidimensionalidade, não linearidade (incluindo retroação e auto-eco-organização), dialogicidade e hologramaticidade, e apresentamos a Noosfera como o macrocontexto da mente

coletiva. Esta lente moriniana demonstrou como o Imaginário duraniano opera como um sistema vivo, dinâmico e complexo, em que elementos aparentemente contraditórios coexistem e onde cada parte ressoa com o todo. A intersecção entre Durand e Morin é vital para uma análise não reducionista que abrace a riqueza e ambivalência dos fenômenos culturais.

Por fim, delineamos a metodologia de pesquisa, baseada na Mitocrítica e na Mitoanálise duranianas. Foi detalhado como essas ferramentas permitem a identificação e interpretação dos símbolos, arquétipos e, especialmente, das metáforas obsessivas presentes nos documentários. A perspectiva da complexidade de Morin, por sua vez, guia a fase interpretativa, assegurando que a análise transcenda o descritivo, buscando as interconexões, as tensões e as dinâmicas não lineares que constituem o "conteúdo imaginário" do salvacionismo tecnológico. As considerações éticas e as limitações da pesquisa foram igualmente abordadas, reforçando a consciência da subjetividade inerente à análise interpretativa e a importância da reintrodução do conhecedor no conhecimento, conforme Morin.

Munida deste arcabouço teórico robusto e desta metodologia detalhada, a próxima etapa retorna às categorias emergentes identificadas no Capítulo II. A análise subsequente visa interpretar essas categorias como manifestações específicas dos mitologemas e arquétipos discutidos, revelando como as produções audiovisuais selecionadas constroem o conteúdo dos futuros imaginários em torno da figura de Musk e do salvacionismo tecnológico. Esta integração permite desvelar a intrincada trama simbólica que sustenta essa visão de futuro e suas implicações culturais.

CAPÍTULO IV –

MITOS E MITOLOGEMAS EM EMERGÊNCIA NO SALVACIONISMO TECNOLÓGICO MUSKIANO

Com base no robusto arcabouço teórico do Imaginário de Gilbert Durand, compreendendo seus arquétipos, símbolos, a dinâmica do Trajeto Antropológico e a manifestação dos Regimes do Imaginário, e munido da metaperspectiva da Complexidade de Edgar Morin, que nos permite discernir as interconexões, multidimensionalidades e a auto-eco-organização dos fenômenos na Noosfera, este capítulo se dedica à interpretação e discussão aprofundada dos resultados da análise mitocrítica.

Retomamos as categorias simbólicas emergentes da análise dos documentários sobre Musk (apresentadas no Capítulo II) e as interpretamos sob a ótica dos mitologemas e estruturas arquetípicas. Utilizando as ferramentas da Mitocrítica para desvelar as metáforas obsessivas e, inspirando-nos na Mitoanálise para situá-las no contexto de um Imaginário cultural mais amplo, nosso objetivo primordial é desvendar quais conteúdos imaginários específicos, enraizados nas profundezas da psique coletiva, parecem alimentar a construção da figura de Musk como o principal expoente do salvacionismo tecnológico neste microciclo de análise.

Mais do que uma mera descrição, esta análise busca compreender em que medida essa narrativa, intrinsecamente complexa e paradoxal, começa a se inserir e a reconfigurar o debate contemporâneo sobre o futuro. Assim, este capítulo busca responder de forma analítica e aprofundada à questão central da pesquisa sobre o imaginário de futuro e os mitos que parecem alimentá-lo no contexto da emergência do salvacionismo tecnológico muskiano, revelando a teia de significados que o sustenta e o projeta inicialmente na consciência coletiva.

4.1 O capitalismo como matriz invisível: a religião que nutre o salvacionismo tecnológico

Antes de desvelar os mitologemas específicos presentes nos documentários, é crucial nomear explicitamente uma força que até agora permaneceu implícita em nossa análise: o capitalismo como o sistema econômico e simbólico que torna possível, e lucrativa, a construção midiática do salvacionismo tecnológico.

Karl Marx, em sua análise do fetichismo de mercadorias, demonstrou que o capitalismo opera através de uma ocultação estratégica: as relações sociais de produção aparecem como

relações entre coisas, e as coisas aparecem como dotadas de vida própria (Marx, 2013). De forma análoga, podemos argumentar que o capitalismo contemporâneo opera através de uma ocultação do próprio capitalismo, ele se faz invisível enquanto estrutura, oferecendo em seu lugar narrativas de salvação, inovação e transcendência.

A figura de Musk é, neste sentido, o avatar perfeito dessa dinâmica. Ele não é apresentado como o que fundamentalmente é: um capitalista que acumula riqueza através da extração de valor, da especulação de mercado, e da captura do Estado (subsídios, contratos governamentais). Ele é, em vez disso, apresentado como um visionário, um herói, alguém que sacrifica pela humanidade.

Esta operação, nomeadamente a de transformar a lógica de acumulação capitalista em narrativa de salvação, é o coração do salvacionismo tecnológico muskiano. O capitalismo necessita de mitos porque ele, por si só, não oferece significado. Uma pessoa não trabalha 40 horas por semana apenas para que um algoritmo acumule mais valor. Mas ela o faz se acreditar que está contribuindo para a salvação da espécie, para a expansão da consciência humana, para a conquista de Marte.

A mídia documentária aqui analisada participa ativamente desta alquimia simbólica: ela transforma a lógica de lucro em narrativa de salvação, a ganância corporativa em altruísmo visionário, a concentração de poder em liderança carismática necessária.

Harari (2018, p. 322) observa que a crença de que "os ricos são, portanto, as pessoas mais úteis e benévolas da sociedade, porque impulsionam o crescimento em benefício de todos" é uma crença religiosa, não uma afirmação factual. É uma mitologia que o capitalismo produz para justificar-se. E os documentários sobre Musk são, precisamente, a encenação ritual dessa mitologia.

Por que é importante nomear isso? Porque quando compreendemos que o salvacionismo tecnológico é inseparável do capitalismo, que não é um acompanhamento acidental, mas estrutural, podemos começar a questionar:

- Quem se beneficia dessa narrativa de salvação? (Os bilionários e as corporações tecnológicas).
- Quem arca com os custos? (Trabalhadores explorados, comunidades ambientais, democracias enfraquecidas).
- O que permanece invisível? (A dependência de subsídios estatais, a exploração de recursos naturais, a concentração de poder político).

Os mitologemas que analisamos na sequência não devem ser compreendidos como "puros" produtos do imaginário. Eles são mitologemas capitalistas: narrativas que servem simultânea e organicamente à acumulação de capital, à legitimação de desigualdade e à transformação de crises reais em oportunidades de lucro.

4.2 As imagens simbólicas e seus ecos míticos: da empiria ao arquetípico

A análise empírica dos documentários *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* e *De Volta ao Espaço*, detalhada no Capítulo II, revelou um conjunto de categorias simbólicas recorrentes na construção da persona de Musk e do imaginário que o cerca. Estas categorias, que emergem da observação cuidadosa de estratégias narrativas e visuais, transcenderão agora a mera descrição factual, aprofundando-se na sua dimensão interpretativa como indícios de mitologemas em gestação.

Nesta seção, realizamos a Mitocrítica desses achados, que é a ferramenta crucial para desvelar as metáforas obsessivas presentes nos documentários, aquelas imagens e temas recorrentes que, ao se manifestarem com persistência, apontam para a emergência de padrões arquetípicos profundos.

Conforme a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand, cada mitologema identificado é interpretado como uma manifestação em construção de arquétipos universais, situando-o nos Regimes do Imaginário (Diurno e Noturno) e rastreando suas raízes no Trajeto Antropológico da experiência humana. Complementarmente, a perspectiva da Complexidade de Edgar Morin nos permite analisar a multidimensionalidade e a interconexão dessas simbologias, compreendendo como se articulam e contribuem para a dinâmica inicial na vasta Noosfera do pensamento coletivo. A análise aqui empreendida revela, ademais, a onipresença da função escatológica do mito, que, ao prever um fim, simultaneamente abre as portas para a necessidade de um recomeço e uma nova cosmogonia, elementos centrais na retórica de Musk.

O objetivo primordial é, portanto, demonstrar como as estratégias midiáticas, conscientes ou não, se valem e reativam essas estruturas míticas ancestrais para conferir sentido, legitimidade e uma grandiosidade quase messiânica à figura de Musk e à sua proposta de salvacionismo tecnológico neste período de análise. Cada subseção subsequente explora um desses mitologemas, conectando os dados observacionais do corpus fílmico com o repertório de imagens arquetípicas da mitologia e a dinâmica complexa de sua manifestação emergente

no imaginário contemporâneo, culminando em uma compreensão aprofundada da tapeçaria simbólica que começa a sustentar essa visão de futuro.

4.2.1 O messias tecnológico: herói, salvador e o fogo prometeico

A construção midiática de Musk o posiciona reiteradamente como um “Herói Visionário e Salvador”, uma categoria que se nutre intensamente da função escatológica do mito. Ambos os documentários elevam a visão de Musk de tornar a humanidade uma “espécie multiplanetária” de uma mera aspiração a uma imperativa necessidade evolucionista. Ao enquadrar a exploração espacial como o único meio de preservar “essa pequena chama de consciência na Terra” contra ameaças globais como meteoros, guerras ou mudanças climáticas, narrativas com claro substrato escatológico que apontam para um fim iminente ou em potencial, a figura de Musk é construída como um messias que oferece a salvação. Ele é o visionário que não apenas aponta o caminho, mas encarna a engenharia da redenção, prometendo um novo começo cósmico que transcende o destino de um único planeta, ativando a esperança de uma nova cosmogonia a partir da iminência de um apocalipse terrestre. Suas declarações solidificam essa visão como o novo credo para a salvação, com a tecnologia como o dogma e Musk, seu principal arauto. Esta narrativa parece ressoar profundamente com mitologemas antigos de figuras messiânicas e heroicas, em especial a do Prometeu e a de Hércules, e encontra paralelos fascinantes na cultura popular, manifestando-se predominantemente no Regime Diurno do Imaginário de Gilbert Durand.

A vinculação explícita com o "Homem de Ferro" na abertura do documentário de 2018 não é apenas uma metáfora visual, mas um posicionamento arquetípico que ativa o Regime Diurno. Tony Stark, a figura do Homem de Ferro, é em si uma síntese do inventor engenhoso e do magnata industrial. Nele, a astúcia e a capacidade de criação do Mito de Hefesto (o arquétipo do ferreiro e artífice que domina a tecnologia para construir) se combinam com a grandiosidade e o poder quase ilimitado do Mitologema do Titanismo (o desafio aos limites dos negócios e da natureza). Essa fusão de engenharia e poder de negócios espelha a própria dialogicidade da persona de Musk, que age tanto como "engenheiro que coloca a mão na massa" quanto como um "titã dos negócios", sendo dono de um império bilionário e desafiando gigantes da indústria. Tal representação visa conferir a Musk um status que começa a transcender o humano, alinhando-o a um panteão de figuras que utilizam a inteligência e os recursos tecnológicos para combater ameaças e construir um futuro melhor, o que se alinha ao Reflexo

Postural do Trajeto Antropológico, que associa a verticalidade e a elevação à superação e ao domínio, algo reforçado constantemente nos documentários através dos diversos enquadramentos contra-plongê da câmera.

Nos documentários, Musk é retratado como o indivíduo que, movido por um propósito grandioso: "ajudar a humanidade" e "tornar a humanidade uma espécie multiplanetária" (TED, 2022; Documentário: Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro), ousa onde outros falham. Essa narrativa de superação, intrínseca à "Jornada do Herói" (Campbell, 1990), um mitologema que se interconecta e contribui para a estruturação da manifestação do Messias Tecnológico neste microciclo, encontra eco nas provações e desafios enfrentados por suas empresas, como a quase falência da Tesla e os múltiplos lançamentos malsucedidos da SpaceX. Tais adversidades são recontextualizadas como etapas necessárias em uma saga maior, culminando em triunfos que silenciam os cétricos e solidificam a percepção de Musk como um salvador que emerge mais forte das provações, reforçando sua inserção no Regime Diurno, onde a luta contra o caos resulta em ordem e clareza.

A figura de Prometeu ganha especial relevância na construção deste mitologema. Musk, ao "abrir" as patentes da Tesla para acelerar a transição para veículos elétricos, ou ao reduzir drasticamente o custo de acesso ao espaço com foguetes reutilizáveis, age como o titã que "rouba o fogo" do conhecimento e da tecnologia. Este "fogo" representa não só o domínio técnico, mas a própria capacidade de superar a "miséria" existencial, seja a dependência de combustíveis fósseis ou a vulnerabilidade da humanidade a eventos cataclísmicos em um único planeta. A dualidade do mito prometeico, progresso que coexiste com potenciais consequências, é sutilmente abordada nos documentários, que, embora otimistas, não ignoram as falhas e os riscos, mas os ressignificam como desafios inerentes à magnitude da missão, demonstrando a dialogicidade presente na construção narrativa. A disseminação dessa figura prometeica na Noosfera global parece amplificar a crença na tecnologia como a força redentora para a humanidade.

Complementarmente, o arquétipo de Hércules parece emergir na representação de Musk como aquele que empreende "trabalhos" monumentais para "limpar o mundo de monstros, tiranos e perigos", seja o problema do tráfego urbano (The Boring Company), a necessidade de energia sustentável (Tesla, SolarCity), ou a própria finitude da espécie humana (SpaceX, Marte). Cada empreendimento de Musk é enquadrado como uma "labuta" heroica que visa purificar e aperfeiçoar a existência humana, culminando na aspiração de uma "ascensão ao

Olimpo", no caso, a multiplanetariedade que garantiria a sobrevivência e expansão da consciência humana. Essa constante busca por "elevação" e "aperfeiçoamento" reflete a pulsão do Reflexo Postural do Trajeto Antropológico, que organiza a simbologia do Regime Diurno, onde o herói se impõe verticalmente sobre os desafios.

A fusão desses arquétipos no mitologema do Messias Tecnológico concede a Musk, neste microciclo, um status que parece transcender o de mero empresário. Ele se posiciona como o arauto de uma nova era, o portador de um "evangelho" onde a tecnologia é o instrumento da redenção e o engenheiro, o novo profeta. Esta narrativa, habilmente construída e reiterada pela narrativa midiática, não só legitima suas ambições grandiosas, mas também parece catalisar uma fé coletiva no progresso impulsionado pela inovação. Essa fé, ao se retroalimentar na Noosfera (princípio do feedback de Morin), onde a "percepção se torna realidade" (Capítulo II, item 2.4.5), permite que os resultados, mesmo em fase de "versão beta" de um "futuro imaginário", sejam percebidos como passos concretos em direção a uma salvação prometida pela engenhosidade tecnológica.

4.2.2 O titã da inovação: gênio, rebelde e o desafio aos limites

A figura de Musk manifesta com clareza o mitologema do Titã da Inovação, um arquétipo que combina a genialidade criativa com uma postura rebelde que remete à função escatológica do mito. A narrativa dos documentários analisados o posiciona como um agente de mudança radical, alguém que “está batendo de frente com os gigantes da indústria” e “está ganhando”. Essa construção de antagonismo, personificada no Senado, na NASA tradicional e nas “maiores potências espaciais do mundo”, serve para enaltecer sua audácia, justificando suas ações disruptivas como necessárias para o “bem maior”, ao abolir as limitações de um sistema que se tornou obsoleto e que, em sua ineficiência, ameaça o futuro da exploração espacial. Ele é, assim, retratado como um insurgente que “quebra as regras” e desafia o *status quo* por um “bem maior”, operando como uma força que precipita o “fim” do antigo para permitir a emergência do novo, mais eficiente e “salvífico”. Essa força avassaladora que busca remodelar o mundo evoca o princípio da não linearidade de Morin, pois suas inovações são apresentadas como rupturas radicais, uma espécie de “apocalipse” tecnológico que abre caminho para a renovação.

Essa construção, identificada através de metáforas obsessivas de confronto, superação e redefinição de paradigmas que a Mitocrítica revelou no corpus, ressoa com as categorias

empíricas de "O Rebelde Empreendedor e Disruptor" e "O Gênio Humano e Excêntrico", identificadas no Capítulo II (itens 2.4.2 e 2.4.4). A força e a determinação implacável desse mitologema alinham-se diretamente ao Regime Diurno do Imaginário de Gilbert Durand, que busca a imposição da ordem, da clareza e do domínio sobre o caos.

A narrativa midiática posiciona Musk como um agente de mudança radical, alguém que "está batendo de frente com os gigantes da indústria" e "está ganhando" (Documentário: Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro). Essa construção de antagonismo, onde ele se opõe não apenas a concorrentes de mercado, mas também a "céticos", "gigantes da indústria aeroespacial e automotiva", e até "maiores potências espaciais do mundo", serve para enaltecer sua audácia e justificar suas ações disruptivas como necessárias para o "bem maior". Ele não é apenas um competidor, mas um "insurgente" que "quebra as regras" e desafia o *status quo*, o que remete diretamente à natureza do Mitologema do Titanismo. Os Titãs, na mitologia grega, eram divindades primordiais que precederam os deuses olímpicos, muitas vezes associados à força bruta, à magnitude desmedida e ao desafio da ordem estabelecida, sem a necessidade de orientação externa. Musk encarna essa força avassaladora que busca remodelar o mundo, um processo que evoca o princípio da não linearidade de Morin, pois suas inovações são apresentadas como rupturas, e não como uma progressão simples.

Nesse contexto, o arquétipo do Mito de Hefesto é central. Como o ferreiro divino, Hefesto domina o fogo e a metalurgia, transformando a matéria bruta em criações complexas. Musk é consistentemente retratado como um "engenheiro que coloca a mão na massa", cuja genialidade reside na capacidade de materializar suas visões. Seja nos "motores que parecem de ficção científica" da Tesla ou nos "foguetes reutilizáveis" da SpaceX, a narrativa audiovisual enfatiza seu papel ativo no desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias. Essa imagem do criador, do artífice que forja o futuro com as próprias mãos (ou com o intelecto e a paixão pela engenharia), estabelece uma conexão direta com o domínio e a maestria técnica de Hefesto, sublinhando a crença na capacidade humana de construir e inovar. Essa capacidade de moldar o ambiente e impor a vontade humana sobre a natureza é uma manifestação direta do Trajeto Antropológico, em particular do Reflexo Postural, que organiza a simbologia de controle e transformação.

Paralelamente, o arquétipo do Mito de Dédalo complementa essa faceta da inovação. Dédalo, o lendário arquiteto, inventor e artesão ateniense, é o mestre da engenhosidade que busca a solução para qualquer obstáculo, transpondo barreiras físicas e conceituais. A criação

do Labirinto, a invenção das asas para o voo, mesmo que com um custo trágico para Ícaro, ressoam com os projetos de Musk, como o Hyperloop e a The Boring Company, que visam "superar limitações" e "controlar o ambiente" (no caso, o caótico tráfego urbano). Dédalo simboliza a inteligência inventiva que, por meio da experimentação e da aplicação do conhecimento, busca sempre novas formas de transcender a realidade imposta, mesmo que isso implique em riscos e na necessidade de operar "fora da curva". Essa disposição para o risco e a inovação disruptiva é um exemplo claro do Princípio Dialógico de Morin, em que a aparente contradição entre "loucura" e "genialidade" coexiste e se complementa na construção da persona de Musk. A ausência de um mentor declarado na narrativa de Musk reforça essa característica titânica e dedálica: ele não se alinha a uma tradição ou a uma sabedoria preexistente, mas forja seu próprio caminho e conhecimento.

O mitologema do Titã da Inovação é impulsionado, em grande medida, pela ansiedade cultural. López-Pedraza (1997) descreve a ansiedade cultural como a tensão inerente à psique ocidental, resultante do conflito entre o monoteísmo e os paganismos. O autor argumenta que o monoteísmo promove uma retórica conceitual carente de imagens, ligada à culpa, ao excesso e ao elemento titânico, que representa a vacuidade e o componente psicopático da natureza humana. No contexto contemporâneo, onde a complexidade e a incerteza do futuro geram uma "carência de imagens" claras para o porvir na Noosfera global, a sociedade projeta em figuras como Musk a capacidade de preencher essa lacuna ou de reordenar o caos, refletindo um anseio por controle. A ambição de Musk de controlar o destino da humanidade, seja através da colonização de Marte ou da redefinição das capacidades humanas via Neuralink, pode ser vista como uma manifestação desse "excesso titânico" (López-Pedraza, 1997, p. 106), uma busca grandiosa e, por vezes, desmedida, que responde à profunda necessidade de sentido e estabilidade em um mundo percebido como fragmentado. O gênio excêntrico de Musk, com suas "ideias malucas" que se tornam "viáveis e reais", alimenta a esperança de que um único indivíduo, imbuído de uma força titânica, pode não só desafiar o *status quo*, mas também oferecer soluções grandiosas para problemas que parecem intransponíveis, atuando como uma espécie de "trabalho criativo" (López-Pedraza, 1997) para a ansiedade cultural que se manifesta na Noosfera.

A excentricidade de Musk, frequentemente destacada pelos documentários como prova de sua genialidade e natureza disruptiva, se encaixa perfeitamente nesse arquétipo. Comportamentos não convencionais, aparições midiáticas performáticas e declarações

audaciosas são ressignificados como evidências de uma mente superior que opera além das normas sociais e corporativas. Essa "quebra de paradigmas" não é apenas tecnológica, mas também de conduta, consolidando a imagem de Musk como um visionário que, como os Titãs, não se conforma com as convenções e busca sempre uma nova ordem, um novo patamar de existência. Essa construção dialoga com o Princípio Hologramático de Morin, onde a "parte" (a excentricidade) reflete o "todo" (a busca titânica por transformação e controle), evidenciando a interconexão de elementos aparentemente distintos na persona de Musk.

4.2.3 A jornada do herói: resiliência, capital simbólico e a construção da lenda

A jornada de Musk é estrategicamente apresentada como uma série de desafios superados, alinhando-se ao mitologema universal da Jornada do Herói. Essa moldura narrativa, que incorpora a função escatológica, transforma os “quase fins” e as adversidades enfrentadas por Musk em etapas arquetípicas de sua saga pessoal e empresarial. Momentos críticos, como a “quase falência” da Tesla e da SpaceX em 2008 ou os lançamentos iniciais malsucedidos dos foguetes Falcon, não são retratados como sinais de imperícia, mas como provas que precipitam um “fim” temporário, exigindo um “renascimento” heroico. A falha é sistematicamente ressignificada como um “degrau para o sucesso”, uma metáfora obsessiva que demonstra resiliência inabalável e a fé incondicional de Musk em sua visão, permitindo que o herói, como Fênix, ressurgisse mais forte de cada “colapso”. Essa ética de trabalho incansável, frequentemente associada à sua figura, é um atributo essencial que legitima a capacidade do herói de superar qualquer obstáculo, ecoando o Trajeto Antropológico de Durand, onde a resistência e a busca por superação se enraízam em reflexos dominantes humanos fundamentais, transformando a ameaça de um “fim” em um impulso para a “regeneração” e a imposição da ordem.

Esta abordagem, identificada através da Mitocrítica que rastreou metáforas obsessivas de superação, perseverança e triunfo, ressoa diretamente com as categorias "A Resiliência Diante da Adversidade: A Jornada do Herói como Mecanismo de Engajamento" e "A Mobilização do Capital Simbólico e Financeiro: A Instrumentalização da Persona", identificadas no Capítulo II (itens 2.4.3 e 2.4.5). Essa estruturação narrativa que culmina na vitória e na imposição da ordem sobre o caos, insere o mitologema firmemente no Regime Diurno do Imaginário de Gilbert Durand.

A trajetória de Musk é apresentada como uma série de "provas" a serem superadas, um elemento central da Jornada do Herói. Momentos críticos, como a "quase falência" da Tesla e

da SpaceX em 2008 ou os lançamentos iniciais malsucedidos dos foguetes Falcon, não são retratados como sinais de imperícia. Pelo contrário, são recontextualizados como "provas necessárias e etapas cruciais para a consagração da grandeza do herói" (Capítulo II, item 2.4.3). A falha é sistematicamente ressignificada como um "degrau para o sucesso", uma metáfora obsessiva que demonstra resiliência inabalável e a fé incondicional de Musk em sua visão. A frase "sim é sim. Talvez é sim. E não é apenas um sim atrasado" (Documentário: *De Volta ao Espaço*), proferida por um colaborador, encapsula essa persistência heroica diante do ceticismo e das adversidades. Essa ética de trabalho incansável, frequentemente associada à sua figura, é um atributo essencial que legitima a capacidade do herói de superar qualquer obstáculo, ecoando o Trajeto Antropológico de Durand, onde a resistência e a busca por superação se enraízam em reflexos dominantes humanos fundamentais, como o impulso de permanecer de pé e avançar (Reflexo Postural).

Um aspecto notável e desviante da Jornada do Herói de Musk é a aparente ausência de um mentor declarado em sua narrativa midiática. Diferente do arquétipo clássico do monomito de Campbell, onde o herói recebe orientação, ferramentas ou sabedoria de uma figura mais experiente, a construção da persona de Musk o apresenta como um gênio autodidata e autossuficiente. Essa metáfora obsessiva de ausência de mentoria serve para reforçar seu aspecto Titânico: sua genialidade e visão emergem de uma fonte intrínseca, não derivada ou validada por uma tradição estabelecida ou por figuras de autoridade intelectual. Essa particularidade o posiciona como um disruptor radical, cuja capacidade de forjar o futuro é independente de ensinamentos prévios, solidificando sua imagem como um herói que transcende as convenções, um protagonista da auto-eco-organização (Morin), que se constitui e se reconfigura em relação ao seu ambiente, sem depender de um guia externo.

A "recompensa" e o "retorno" do herói, fases cruciais da jornada, manifestam-se na capacidade de Musk de mobilizar capital simbólico e financeiro. O "efeito *hype*", a "boa vontade no mercado" e o "fã clube" que o cerca (Capítulo II, item 2.4.5) são apresentados como frutos legítimos de sua persistência e da validação de sua visão. A narrativa de sucesso individual por mérito próprio, apesar das dificuldades, inspira e legitima a ascensão de figuras como Musk, propagando-se eficientemente na Noosfera. Essa "torcida" se traduz em apoio concreto para suas empreitadas, permitindo-lhe acesso a financiamentos e uma alta valoração de suas empresas, mesmo quando os retornos financeiros sólidos ainda não estão plenamente consolidados. O carisma e a crença em sua visão atuam como catalisadores para a mobilização

de recursos, provando que sua persona é um "ativo estratégico" que converte capital simbólico em apoio tangível, um processo que demonstra o Princípio da Retroação (Feedback) de Morin em ação, onde o sucesso inicial retroalimenta o carisma e a capacidade de atrair mais recursos.

Um ponto de inflexão notável na construção dessa lenda é a metanarrativa da "Percepção se Torna Realidade", repetida por uma ex-funcionária em "O Verdadeiro Homem de Ferro" (Capítulo II, item 2.4.5). Esta afirmação não apenas sublinha a consciência da construção da imagem, mas revela que a figura de Musk é, em grande parte, um artefato cuidadosamente elaborado. Cada traço de personalidade, vulnerabilidade (como a preocupação com os astronautas em *De Volta ao Espaço*) ou excentricidade é orquestrado para moldar a percepção pública. Essa percepção é gerenciada com maestria e convertida em um ativo estratégico crucial para a mobilização de apoio e recursos. Musk, nesse sentido, age como um "gestor da realidade", onde a imagem precede e habilita o feito, sendo central na concretização de suas ambições e no reforço de seu papel como salvador tecnológico. A "Vulnerabilidade Calculada" (Capítulo II, item 2.4.1), por exemplo, torna o "gênio" mais empático, consolidando sua credibilidade como "salvador" que genuinamente se importa com a humanidade, o que ilustra a Multidimensionalidade de sua persona, uma figura que é, ao mesmo tempo, um líder de negócios, um engenheiro, um visionário e um ser humano vulnerável. A interconexão entre essas diferentes facetas contribui para a solidez da sua lenda na Noosfera.

Em síntese, a Jornada do Herói, em sua aplicação à figura de Musk, funciona como um poderoso mecanismo narrativo que legitima sua ascensão. Ela transforma a biografia do empreendedor em uma epopeia, onde as provações são superadas pela resiliência e visão, e o reconhecimento público e o capital são a justa recompensa. Ao alinhar-se a esse padrão mítico, a narrativa dos documentários não só engaja o público, mas também solidifica a crença em seu papel predestinado como condutor da humanidade para um futuro idealizado, evidenciando como a complexidade da narrativa construída opera para integrar e harmonizar elementos que, de outra forma, poderiam parecer díspares, inclusive a singularidade de um herói sem mentor.

A genialidade da construção midiática de Musk reside precisamente em fundir essas duas categorias aparentemente contraditórias. Ele é um titã em sua ambição desmedida, em sua capacidade de desafiar os limites do possível (tanto tecnológicos quanto empresariais e sociais), e em sua aparente autossuficiência que dispensa mentores. Contudo, essa força titânica é heroificada pelos documentários. Suas ações, embora muitas vezes percebidas como

avassaladoras ou "malucas", são enquadradas como estando a serviço do "bem maior" da humanidade, a salvação da espécie, a sustentabilidade do planeta, a elevação da consciência.

A narrativa o posiciona como um Titã que, diferentemente dos Titãs mitológicos que eram derrotados pelos deuses olímpicos, é o agente que cria a nova ordem. Ele não é um Titã que será contido, mas um que contém o caos e impõe uma visão de futuro.

4.2.4 A tecnologia como objeto do imaginário: entre utopia e distopia

A tecnologia, no universo narrativo de Musk e nos documentários analisados, transcende sua função instrumental para se tornar um objeto central do imaginário coletivo, atuando de forma intrínseca na função escatológica do mito. Essa transformação é evidenciada pela Mitocrítica que revela a presença de metáforas obsessivas que oscilam entre a promessa de um futuro grandioso (utopia) e a sombra de cenários catastróficos (distopia). A própria urgência de tornar a humanidade multiplanetária é justificada pela vulnerabilidade da Terra a eventos de extinção, uma premissa que, por si só, evoca cenários claramente escatológicos e a sombra do Regime Noturno do Imaginário. A tecnologia é apresentada como a panaceia, capaz de evitar o fim iminente e de construir uma nova era, alinhando-se diretamente ao Regime Diurno de Durand. Essa oscilação entre utopia e distopia é um reflexo da dialogicidade de Morin, onde a tecnologia, ao mesmo tempo em que promete a redenção escatológica, também carrega o potencial de criar novas formas de controle, o que demanda uma análise crítica constante. Musk se posiciona como o arquiteto-chefe de um destino que, embora incerto, é apresentado como inevitavelmente grandioso, pois é a “solução” para a narrativa do “fim”.

Essa transformação é evidenciada pela Mitocrítica que revela a presença de metáforas obsessivas que oscilam entre a promessa de um futuro grandioso e a sombra de cenários catastróficos. Essa dualidade é intrínseca à categoria empírica "Tecnologia como Redenção e Futuro Imaginário" (Capítulo II, item 2.4.6), que permeia a representação de suas empresas e projetos, e que se manifesta intensamente na Noosfera contemporânea.

A visão de Musk é apresentada como a materialização de um futuro idealizado, onde a tecnologia é a solução para os grandes desafios da humanidade. A colonização de Marte, a energia sustentável, os veículos autônomos e as interfaces cérebro-máquina são retratadas como passos inevitáveis e desejáveis para a evolução da espécie. Essa perspectiva utópica alinha-se diretamente ao Regime Diurno do Imaginário de Durand. Nela, a tecnologia funciona como um instrumento de clareza, ordem e controle, projetando um futuro de superação de limitações e

ascensão. A própria aceleração exponencial da tecnologia, ilustrada pelo gráfico de Kurzweil e reiterada nos documentários, reforça a ideia de que estamos à beira de uma transformação sem precedentes, onde a inovação é inerentemente boa e capaz de resolver todos os problemas. Este é o "elixir" da Jornada do Herói, o fruto da labuta do Titã e o fogo prometeico que redime a humanidade, ecoando o Trajeto Antropológico da busca humana por domínio sobre a natureza e o destino.

No entanto, por trás dessa fachada utópica, os documentários, embora otimistas, não conseguem apagar completamente as "imagens catastróficas e apocalípticas" que assombram o imaginário contemporâneo. A própria urgência de tornar a humanidade multiplanetária, por exemplo, é justificada pela vulnerabilidade da Terra a eventos de extinção, uma premissa que, por si só, evoca cenários distópicos e a sombra do Regime Noturno do Imaginário, associado ao caos, à finitude e ao desconhecido incontrolável. A busca por "maximizar o tempo de vida provável da humanidade ou da consciência" (TED, 2022) implica um reconhecimento da finitude e da fragilidade da existência, que a tecnologia busca desesperadamente contornar.

Essa oscilação entre utopia e distopia é um reflexo da dialogicidade de Morin (2005), onde noções aparentemente antagônicas coexistem e se complementam na construção do imaginário. A tecnologia, ao mesmo tempo em que promete a redenção, também carrega o potencial de criar novas formas de controle, desigualdade e até mesmo a obsolescência do próprio Homo sapiens, como Harari (2018, p. 448) sugere ao discutir a possibilidade de "brincar com o Homo sapiens ao ponto de já não sermos mais Homo sapiens". A "fé cega na premissa de que a inovação por si só é algo inerentemente bom" é confrontada, ainda que sutilmente, pela consciência de que o poder tecnológico, nas mãos de "deuses insatisfeitos e irresponsáveis que não sabem o que querem" (Harari, 2018, p. 446), pode levar a consequências imprevisíveis e indesejáveis. Essa coexistência de esperança e medo demonstra a Multidimensionalidade inerente ao fenômeno tecnológico, que não pode ser compreendido por uma única lente.

Os documentários, ao focar na genialidade e na resiliência de Musk, tendem a mitigar essas ansiedades, apresentando-o como o "gênio humano e excêntrico" (Capítulo II, item 2.4.4) capaz de navegar e controlar os riscos inerentes à tecnologia. A "percepção se torna realidade" (Capítulo II, item 2.4.5) também se aplica aqui, operando como um circuito de retroação positiva (Morin): a crença na capacidade de Musk de gerenciar o futuro tecnológico, por mais complexo que seja, é instrumental para manter a narrativa utópica em primeiro plano e, por sua vez, essa narrativa reforça a confiança no próprio Musk. Assim, a tecnologia não é apenas uma

ferramenta, mas um campo de projeção de esperanças e medos na Noosfera, onde a figura de Musk se posiciona como o arquiteto-chefe de um destino que, embora incerto, é apresentado como inevitavelmente grandioso, evidenciando a complexidade de sua construção simbólica.

4.3 O mitologema central do salvacionismo tecnológico muskiano

A análise detalhada das categorias simbólicas e suas manifestações arquetípicas, exploradas na Seção 4.1 sob a ótica da Mitocrítica e da Mitoanálise, revelou a intrincada teia de metáforas obsessivas que constituem a figura de Musk no imaginário contemporâneo deste microciclo. Ao examinarmos o Messias Tecnológico, o Titã da Inovação, a Jornada do Herói e a Tecnologia como Objeto do Imaginário, observamos como esses mitologemas, enraizados nos Regimes do Imaginário de Durand e nas dinâmicas do Trajeto Antropológico, operam simultaneamente na construção midiática analisada.

Nesta seção, consolidamos esses achados em uma síntese interpretativa. A partir de uma perspectiva que abraça a Complexidade de Morin, reconhecendo a interconexão e a multidimensionalidade inerentes a esses fenômenos na Noosfera global, identificamos a combinação que emerge não apenas como central, mas como a mais significativa e integradora para o imaginário do salvacionismo tecnológico que cerca Musk, tal como observado em nosso corpus. Esta formulação do mitologema-chave permite uma compreensão aprofundada de como as promessas e anseios de futuro começam a ser articulados e legitimados em nossa sociedade.

4.3.1 Síntese e interconexão dos mitologemas

Conforme explorado detalhadamente na seção 4.1, a persona de Musk nos documentários é construída a partir de uma rica tapeçaria de narrativas arquetípicas, identificadas pela Mitocrítica como metáforas obsessivas recorrentes. Observamos a proeminência do Messias Tecnológico (4.1.1), que o posiciona como um salvador da humanidade através da inovação, evocando figuras como Prometeu e Hércules, e inserindo-o predominantemente no Regime Diurno do Imaginário. Vimos o Titã da Inovação (4.1.2), que sublinha sua genialidade, sua postura rebelde contra o *status quo* e sua ambição desmedida de transcender limites, manifestando as características de Hefesto e Dédalo e ecoando o "excesso titânico" de López-Pedraza. A Jornada do Herói (4.1.3) serve como a estrutura narrativa universal que organiza sua trajetória, transformando desafios em etapas de uma saga épica e legitimando a mobilização de capital simbólico e financeiro. Por fim, a Tecnologia como Objeto

do Imaginário (4.1.4) revela a projeção de esperanças utópicas e medos distópicos na inovação, com Musk no centro como seu principal arquiteto

A interconexão desses mitologemas não é meramente aditiva; ela é fundamental para compreender a complexidade da imagem de Musk, operando como um sistema coeso onde cada elemento se nutre e amplifica os demais, conforme o Princípio Sistêmico de Morin. O Messias Tecnológico não poderia existir com a mesma credibilidade sem o Titã da Inovação, pois é a capacidade avassaladora e a ousadia "titânica" de Musk, incluindo a notável ausência de um mentor, que reforça sua autossuficiência e singularidade, que dão legitimidade e plausibilidade à sua pretensão messiânica de "salvar" a humanidade. Suas "missões" (como a colonização de Marte), percebidas como urgentes e plausíveis, são validadas pela sua habilidade "heféstica" de construir o que parecia impossível e pela sua audácia "dedálica" de desafiar as leis conhecidas, tudo isso ancorado em um Trajeto Antropológico de superação e domínio.

A Jornada do Herói, por sua vez, atua como o arcabouço narrativo que humaniza e torna a saga de Musk relacionável e inspiradora. Ela transforma falhas em lições e vitórias em marcos, gerando um circuito de retroação (feedback) positivo na Noosfera, onde a resiliência do herói (sua capacidade de lidar com as quedas do Trajeto Antropológico e manter-se no Regime Diurno de ascensão) reforça a crença em sua visão. Essa jornada é o processo pelo qual a tecnologia se posiciona não apenas como um meio, mas como o próprio "elixir" da salvação e do progresso, uma metáfora obsessiva de redenção que permeia as narrativas midiáticas. A tecnologia, oscilando entre utopia e distopia (conforme a dialogicidade de Morin), encontra em Musk o agente que parece prometer canalizar seu poder para o bem, ativando tanto o Regime Diurno (utopia, controle) quanto oferecendo respostas aos medos associados ao Regime Noturno (catástrofe, perda de controle).

Essa fusão e interdependência cria, no período analisado, uma figura que é, ao mesmo tempo, um visionário altruísta e um executor implacável, um salvador da humanidade e um desafiador de deuses. É nessa sinergia complexa, onde cada mitologema reflete a totalidade da persona de Musk, como em um holograma (Princípio Hologramático de Morin), que reside a força emergente do mitologema chave que será delineado, um sistema dinâmico que ressoa profundamente na consciência coletiva e é constantemente alimentado por ela.

4.3.2 O mitologema chave: o salvador da espécie multiplanetária e a redenção através da engenharia da evolução humana

A partir da síntese e interconexão dos mitologemas apresentada na Seção 4.2.1, onde o Messias Tecnológico, o Titã da Inovação, a Jornada do Herói e a Tecnologia como Objeto do Imaginário se entrelaçam em uma tapeçaria complexa, o mitologema mais acurado e abrangente para descrever a construção midiática da figura de Musk, tal como emerge neste microciclo de análise, parece ser: O Salvador da Espécie Multiplanetária e a Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana. Esta formulação encapsula a essência da narrativa que o posiciona no centro do salvacionismo tecnológico, cujo motor principal é a função escatológica do mito. O termo “Salvador da Espécie Multiplanetária” reflete diretamente a metáfora obsessiva da “missão grandiosa” de Musk, que é a de guiar a humanidade para um futuro idealizado em resposta a ameaças existenciais que anunciam um “fim de mundo”. Ele é posicionado como uma figura messiânica que oferece uma “nova arca” para a humanidade, propondo um novo ciclo cósmico e uma nova cosmogonia em Marte. A “Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana” enfatiza o modo pelo qual essa salvação escatológica é buscada: não por vias espirituais, mas através da aplicação direta da engenharia e da tecnologia para garantir a perpetuação e o aprimoramento da condição humana frente à finitude terrestre. O titanismo de Musk, nesse contexto, é a força que impulsiona essa transição de uma era, tornando-o o engenheiro que se autoconstitui para forjar o novo começo. Esta formulação encapsula a essência da narrativa que o posiciona no centro do salvacionismo tecnológico, operando de forma predominante no Regime Diurno do Imaginário de Gilbert Durand, onde a ordem, a clareza e o domínio são buscados sobre o caos e a incerteza.

É nessa concepção que encontramos a fonte das futuras escatologias históricas e políticas. Efetivamente, chegou-se, mais tarde, a esperar a renovação cósmica, a ‘salvação’ do Mundo, através do aparecimento de um certo tipo de Rei. Herói ou Salvador, ou mesmo de chefe político. Embora sob um aspecto fortemente secularizado, o mundo moderno ainda conserva a esperança escatológica de uma *renovatio* universal, efetuada mediante a vitória de uma classe social ou mesmo de um partido ou de uma personalidade política. (Eliade, 1999, p. 194).

O termo "Salvador da Espécie Multiplanetária" reflete diretamente a metáfora obsessiva da "missão grandiosa" de Musk, reiterada nos documentários, de tornar a humanidade uma "espécie multiplanetária". Essa visão transcende objetivos meramente comerciais, posicionando Musk como uma figura messiânica que oferece uma "nova arca" para a humanidade em face de ameaças existenciais. Ao projetar essa necessidade de um "plano B" para a sobrevivência em outro planeta, a narrativa implicitamente reconhece as ameaças do Regime Noturno do Imaginário (finitude, catástrofes, incertezas), mas o faz para propor uma

solução grandiosa de domínio do Regime Diurno. Musk é o Prometeu moderno que não apenas traz o fogo do conhecimento e da tecnologia, mas propõe um novo lar para a humanidade, assumindo para si o fardo e a glória de guiar essa transição existencial na Noosfera global.

Associado a isso, a "Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana" enfatiza o modo pelo qual essa salvação é buscada. Não se trata de uma redenção espiritual ou filosófica, mas de uma salvação concretizada através da aplicação da engenharia e da tecnologia para influenciar e direcionar a própria trajetória evolutiva da espécie humana. Seja por meio da colonização de Marte (SpaceX), que garante a continuidade da espécie ao torná-la multiplanetária, ou da redefinição das capacidades cognitivas (Neuralink), que busca aprimorar o próprio *Homo sapiens*, a engenharia é apresentada como o caminho para garantir a perpetuação e o aprimoramento da condição humana. Essa abordagem é a manifestação mais direta do Titã da Inovação, que, com sua genialidade "heféstica" e audácia "dedálica", não apenas inventa ferramentas, mas redesenha os próprios termos da existência e do futuro da espécie. A singularidade de Musk nessa narrativa é reforçada pela notável ausência de um mentor explícito em seu percurso: ele é o engenheiro que se autoconstitui, cuja visão não é derivada, mas emerge de uma fonte intrínseca, reforçando a natureza disruptiva e "titânica" de sua abordagem. A "percepção se torna realidade" (Capítulo II, item 2.4.5) por meio de um processo de engenharia simbólica e material, onde o futuro é ativamente construído e não apenas esperado, ilustrando um poderoso circuito de retroação (feedback) de Morin na Noosfera: a visão inspiradora de Musk (saída) gera crença e apoio (entrada), que, por sua vez, permitem a materialização da visão, retroalimentando a crença.

Este mitologema-chave parece ser impulsionado por uma profunda ansiedade cultural, como argumentado por López-Pedraza (1997). Em um mundo marcado pela incerteza, pela desordem e pela "carência de imagens" para um futuro positivo, a figura de Musk, como o Salvador que engenharia a redenção, oferece uma narrativa poderosa e concreta. Ele preenche a lacuna com a promessa de um "excesso titânico" de soluções tecnológicas que, embora por vezes desmedidas, são percebidas como a única via para a superação. Essa dialogicidade de Morin é fundamental: a narrativa de Musk abraça o paradoxo da tecnologia como fonte de esperança e medo, prometendo ordem (Regime Diurno) a partir do caos (Regime Noturno). Sua figura, com suas múltiplas facetas de herói, gênio excêntrico e rebelde, demonstra a multidimensionalidade desse mitologema, onde cada aspecto (o "fragmento") contribui para a compreensão do todo, como em um holograma (Princípio Hologramático de Morin),

confirmando a complexidade da construção simbólica que opera no Trajeto Antropológico da humanidade.

4.3.3 Implicações para o imaginário do futuro

O mitologema do Salvador da Espécie Multiplanetária e da Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana, essa metáfora obsessiva central que a Mitocrítica revelou no cerne da figura de Musk, parece ter implicações significativas na moldagem do imaginário coletivo sobre o futuro, e sua potência pode ser compreendida através de como ele aciona as funções do mito aqui categorizadas (cosmogônica, antropogônica, etiológica, soteriológica, social e escatológica), em especial a escatológica, mesmo em sua fase de emergência:

1. Função Cosmogônica (Criação de uma Nova Ordem/Mundo): O mitologema muskiano atua cosmogonicamente ao propor a criação de um “novo mundo” ou uma “nova era” como resposta e superação de um fim iminente. A visão de tornar a humanidade uma “espécie multiplanetária” é a refundação da existência humana em novos termos após a percepção da vulnerabilidade terrestre.
2. Função Antropogônica (Redefinição do Ser Humano): Esse mitologema parece redefinir o que significa ser humano. A "Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana", seja pela Neuralink (aprimoramento das capacidades cognitivas) ou pela multiplanetariedade (transcendência da vulnerabilidade terrestre), projeta um "novo homem", o Homo Deus de Harari, capaz de controlar seu próprio destino biológico e ambiental. Musk, como o arauto dessa transformação, assume o papel de um potencial "criador" da condição humana.
3. Função Etiológica (Explicação das Causas e Soluções): O mitologema oferece explicações iniciais para os grandes desafios e problemas contemporâneos (tráfego, crise energética, ameaça de extinção). Musk e suas empresas são apresentados como a causa e a solução para esses dilemas, fornecendo um roteiro tecnológico que justifica o *status quo* de sua fortuna e influência como um bem necessário para a humanidade. Ele começa a explicar por que estamos em crise e como seremos salvos.
4. Função Soteriológica (Salvação e Redenção): Esta é a função mais proeminente e autoevidente no “salvacionismo tecnológico”. O mitologema muskiano oferece uma promessa de salvação da humanidade frente às suas próprias ameaças escatológicas

(climáticas, existenciais, tecnológicas descontroladas) e à finitude terrestre. A tecnologia e a multiplanetariedade são apresentadas como a via para a redenção do “fim”, o caminho para escapar do colapso e assegurar a continuidade da vida e da consciência.

5. Função Social (Coesão e Legitimação): O mitologema constrói uma narrativa unificadora que aglutina seguidores, investidores e entusiastas em torno de uma visão compartilhada de futuro. Ele legitima a figura de Musk como líder incontestado e o modelo de "gênio-empresário-salvador", reforçando valores como inovação disruptiva, ambição ilimitada e a fé cega no progresso tecnológico. A ausência de um mentor externo em sua jornada, percebida como uma característica Titânica, amplifica sua singularidade e sua autoridade como fonte primária de verdade e direção para esse futuro.

Primeiro, essa forte presença das funções do mito solidifica a fé cega que emerge no progresso tecnológico como panaceia universal. Ao apresentar a tecnologia de Musk como a resposta para todos os problemas, desde o trânsito urbano até a extinção da espécie, essa narrativa fomenta uma expectativa inicial de que a inovação por si só é inerentemente boa e capaz de resolver qualquer desafio. Isso pode levar a uma despolitização dos problemas sociais e ambientais, desviando o foco de soluções que não dependam exclusivamente de avanços tecnológicos e limitando a Multidimensionalidade de possíveis soluções para os desafios humanos.

Em segundo lugar, esse mitologema reforça a ideia que emerge do indivíduo como catalisador da mudança radical. Em um cenário de fragmentação e desencanto na Noosfera, a figura de um "gênio excêntrico" e "rebelde" como Musk, que dispensa mentores e tradições, oferece uma lenda moderna que inspira e mobiliza. Ele se torna o novo profeta de um "novo evangelho" tecnológico onde a visão e a determinação de um único indivíduo são suficientes para reescrever o destino da humanidade. Isso pode, contudo, concentrar excessivamente o poder e a responsabilidade nas mãos de poucos, legitimando uma espécie de "governança tecnológica" por meio de elites que detêm o "fogo" do conhecimento. Esse processo gera um poderoso circuito de retroação (feedback) positivo, onde o carisma do indivíduo alimenta a crença, que por sua vez legitima ainda mais sua autoridade.

Por fim, a narrativa da multiplanetariedade como redenção final oferece uma resposta escatológica às ansiedades terrestres. Ao invés de resolver os problemas na Terra, o mitologema projeta a salvação em outro planeta, criando um “plano B” que pode diminuir a urgência de

confrontar desafios complexos e dolorosos no presente. Essa projeção alimenta um imaginário de futuro que, embora grandioso e alinhado ao Regime Diurno de superação, pode inadvertidamente desviar a atenção das responsabilidades coletivas e da necessidade de um engajamento mais profundo com as questões terrenas, configurando uma dialogicidade perigosa entre o desejo de transcendência e a negligência do presente, ao propor um "novo começo" distante em vez de uma "regeneração" presente.

Em suma, o mitologema-chave identificado não apenas descreve como Musk é percebido neste microciclo, mas também parece atuar como um motor cultural que molda as esperanças, as expectativas e as estratégias de enfrentamento do futuro na sociedade contemporânea, reforçando a crença de que os grandes problemas da humanidade serão solucionados por meio de soluções de engenharia, promovidas por figuras com atributos titânicos que se posicionam como salvadores.

4.4 Síntese do Capítulo IV

O Capítulo IV se dedicou à análise aprofundada da construção midiática de Musk, transpondo as categorias empíricas identificadas no Capítulo II para a esfera dos mitologemas, com base no robusto arcabouço teórico estabelecido no Capítulo III. Verificou-se que a imagem de Musk é habilmente tecida a partir de uma combinação complexa de padrões arquetípicos, identificados como metáforas obsessivas recorrentes na Mitocrítica dos documentários, indicando a gestação de mitologemas neste microciclo de análise.

Ao longo da seção 4.1, desvelamos quatro mitologemas em emergência e interligados:

- O Messias Tecnológico, que o posiciona como um salvador da humanidade através da inovação, evocando figuras como Prometeu e Hércules, e inserindo-o no Regime Diurno do Imaginário.
- O Titã da Inovação, que sublinha sua genialidade, sua postura rebelde e sua ambição desmedida de transcender limites, manifestando as características de Hefesto e Dédalo, e ecoando o "excesso titânico" de López-Pedraza, reforçado pela notável ausência de um mentor externo em sua narrativa.
- A Jornada do Herói, que serve como a estrutura narrativa universal para organizar sua trajetória, transformando desafios em etapas de uma saga épica e legitimando a mobilização de capital simbólico e financeiro, com ressonâncias no Trajeto

Antropológico da busca humana por superação e reforçando o aspecto de um dialógico herói-titânico na ausência de mentores.

- A Tecnologia como Objeto do Imaginário, que revela a projeção de esperanças utópicas e medos distópicos na inovação, com Musk no centro como seu principal arquiteto.

A síntese desses elementos, abordada sob a perspectiva da Complexidade de Morin, que reconhece a interconexão, a multidimensionalidade e a auto-eco-organização desses fenômenos na Noosfera, apontou para a emergência de um mitologema dominante neste microciclo: O Salvador da Espécie Multiplanetária e da Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana. Esta figura central sintetiza a pretensão de Musk de guiar a humanidade para um futuro idealizado por meio de soluções tecnológicas de escala sem precedentes, operando com uma força e ambição que desafiam os limites convencionais. Constatou-se que essa construção não é apenas um reflexo da persona de Musk, mas também uma resposta à ansiedade cultural contemporânea, que busca em figuras de poder e inovação a capacidade de preencher vazios e reordenar o caos.

Finalmente, a análise das implicações para o imaginário do futuro revelou como este mitologema em formação opera ativamente, assumindo diversas funções do mito (Cosmogônica, Antropogônica, Etiológica, Soteriológica, Social) na construção da realidade social. Ele fomenta uma fé inquestionável no progresso tecnológico como a única via para a salvação, ao mesmo tempo em que pode desviar o foco de outras dimensões da existência e concentrar a responsabilidade do futuro em poucas mãos. A narrativa de um futuro multiplanetário, construído através da engenharia, torna-se um "novo evangelho" que oferece uma saída grandiosa, mas potencialmente unidimensional, para os dilemas da modernidade, configurando uma dialogicidade entre a esperança e a potencial negligência das questões terrestres.

O próximo passo da pesquisa traz as Conclusões, em que revisitamos os objetivos propostos, discutimos as limitações do estudo e apontamos possíveis direções para futuras investigações.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar a emergência e a gestação do imaginário presente na visão salvacionista tecnológica de futuro, tomando como estudo de caso a figura de Musk, conforme retratada em dois documentários-chave: *Elon Musk: O Verdadeiro Homem de Ferro* (2018) e *De Volta ao Espaço* (2022). Por meio de uma Análise Mitocrítica Aprofundada desse corpus, buscou-se entender de que maneira as produções midiáticas (especificamente documentários) constroem e propagam a formação inicial de um imaginário sobre o futuro por meio dos conteúdos a respeito de Musk, identificando os mitos e mitologemas que começaram a alimentar essa construção.

Ao longo da pesquisa, revisitamos a evolução da ideia de futuro na humanidade, desde as preocupações pragmáticas das sociedades agrícolas até a lógica do progresso impulsionada pelo Iluminismo e a crescente conexão com os avanços tecnológicos. Constatamos que, em um cenário contemporâneo marcado por "imagens catastróficas e apocalípticas" e uma "descrença das novas gerações em qualquer possibilidade de um futuro melhor", o salvacionismo tecnológico emerge fortemente como uma das poucas visões de esperança que ainda resistem.

A Análise Mitocrítica Aprofundada dos documentários revelou um conjunto de categorias simbólicas recorrentes na construção da persona de Musk, que foram então interpretadas como indícios de mitologemas em gestação, à luz de mitos e arquétipos. Identificamos a presença emergente do Messias Tecnológico, que o posiciona como um salvador da humanidade através da inovação, evocando figuras como Prometeu e Hércules. Paralelamente, o Titã da Inovação sinaliza sua genialidade, sua postura rebelde e sua ambição desmedida de transcender limites, manifestando as características de Hefesto e Dédalo, e ecoando o "excesso titânico" descrito por Rafael López-Pedraza (1997). A Jornada do Herói se mostrou como a estrutura narrativa universal que começa a organizar sua trajetória, transformando desafios em etapas de uma saga épica e legitimando a mobilização de capital simbólico e financeiro. Por fim, a Tecnologia como Objeto do Imaginário indicou a projeção de esperanças utópicas e medos distópicos na inovação, com Musk no centro como seu principal arquiteto.

A síntese desses elementos culminou na identificação do mitologema-chave que emerge para descrever a construção midiática da figura de Musk neste microciclo de análise: o Salvador da Espécie Multiplanetária e a Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana. Este

mitologema em formação encapsula a proposta central de Musk de guiar a humanidade para um futuro idealizado por meio de soluções tecnológicas de escala sem precedentes, operando com uma força e ambição que começam a desafiar os limites convencionais. A figura de Musk, nesse contexto, parece se posicionar não apenas como um empresário, mas como um arauto de uma nova era, um "engenheiro da evolução" que busca redesenhar os próprios termos da existência humana.

Essa construção narrativa e visual, como demonstramos, não é meramente descritiva; ela é performática e profundamente enraizada na ansiedade cultural contemporânea. Em um mundo que carece de imagens claras e positivas para o futuro, as produções midiáticas sobre Musk (particularmente os documentários analisados), ao amplificar a narrativa de Musk, parecem preencher essa lacuna com a promessa de um "excesso titânico" de soluções tecnológicas. Essa narrativa, embora otimista, fomenta uma fé emergente no progresso tecnológico como panaceia universal, o que pode indicar uma tendência a desviar o foco de outras dimensões da existência e a concentrar a responsabilidade do futuro em poucas mãos. A ideia de uma "redenção multiplanetária" começa a se apresentar como uma fuga para as ansiedades terrestres, criando um "plano B" que, paradoxalmente, parece diminuir a urgência de confrontar desafios complexos e dolorosos no presente.

As implicações desse mitologema em emergência para o imaginário do futuro começam a se mostrar vastas. Ele não apenas parece legitimar as ambições grandiosas de Musk, mas também parece catalisar uma fé coletiva no progresso impulsionado pela inovação, mesmo quando os resultados concretos ainda estão em fase de "versão beta" de um "futuro imaginário". As produções audiovisuais analisadas, inseridas numa dinâmica capitalista de construção de marcas e figuras públicas, participam ativamente da edificação dessa lenda, não apenas engajando o público, mas também solidificando a crença em um papel predestinado para figuras como Musk como condutores de um futuro idealizado.

Limitações do estudo

É importante reconhecer as limitações deste trabalho. A análise se concentrou em dois documentários específicos, o que, embora tenha permitido uma profundidade considerável para a Análise Mitocrítica Aprofundada, não abrange a totalidade da produção audiovisual e de conteúdo sobre Musk (incluindo notícias, redes sociais, entrevistas, podcasts etc.). A natureza qualitativa da pesquisa, focada na interpretação de imagens e narrativas, não permite

generalizações estatísticas. Mais crucialmente, o recorte temporal do corpus (2018-2022) representa um "microciclo", o que, conforme discutido, permite o estudo da emergência e gestação de um mitologema, mas não constitui uma Mitoanálise em sentido pleno no referencial de Gilbert Durand, que requer um período de observação mais extenso (tipicamente geracional, cerca de 36 anos) para abranger a "mitologia que anima toda uma época". Desta forma, este estudo oferece um retrato da emergência e inferências iniciais sobre o mitologema, e não uma análise da sua consolidação ou trajetória de longo prazo. Além disso, a complexidade da figura de Musk e a velocidade das transformações tecnológicas implicam que o imaginário em torno dele está em constante evolução, tornando qualquer análise um recorte temporal.

Sugestões para futuras pesquisas

Para futuras investigações, sugere-se:

- Realizar uma Mitoanálise em sentido pleno, expandindo o corpus de análise para incluir outras produções audiovisuais e textuais (notícias, redes sociais, entrevistas, livros biográficos, podcasts, ensaios visuais) e períodos temporais mais amplos (por exemplo, acima de 36 anos, acompanhando uma geração completa), especialmente para observar a consolidação e a evolução do mitologema após a aquisição do Twitter (agora X) e sua crescente influência política. Isso permitiria validar e aprofundar as inferências iniciais feitas neste trabalho sobre a emergência do mitologema.
- Conduzir estudos de recepção para compreender como diferentes públicos interpretam e internalizam o mitologema em gestação do salvador tecnológico.
- Explorar a relação entre o imaginário do salvacionismo tecnológico e outras visões de futuro (sobrevivencialistas, regenerativas) para entender as dinâmicas de conflito e coexistência desses diferentes horizontes.
- Aprofundar a análise das implicações éticas e sociais do mitologema do "Salvador da Espécie Multiplanetária e da Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana" em sua manifestação e desenvolvimento, especialmente no que tange à desigualdade de acesso à tecnologia e à concentração de poder.

Em última análise, a figura de Musk, tal como analisada em sua emergência de construção pela narrativa midiática, é um espelho das esperanças e ansiedades de nossa era. Ele começa a encarnar a promessa de que a engenhosidade humana, impulsionada por uma visão titânica, pode nos guiar para além dos desafios atuais. Contudo, a compreensão dos mitos que

começam a sustentar essa narrativa é crucial para que possamos, como sociedade, refletir criticamente sobre o futuro que estamos imaginando e, conseqüentemente, construindo em tempo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O salvador tecnológico e seus desafios: uma perspectiva ética do pesquisador

A presente seção visa transcender as conclusões analíticas desta dissertação para uma reflexão mais profunda e pessoal sobre as implicações éticas decorrentes da investigação do "salvacionismo tecnológico muskiano". Ao longo deste trabalho, desvelamos como a figura de Musk começou a ser midiaticamente construída sob a égide do mitologema do "Salvador da Espécie Multiplanetária e da Redenção Através da Engenharia da Evolução Humana" em nosso microciclo de análise. No entanto, a análise rigorosa dos dados dessa emergência e o acompanhamento dos desdobramentos posteriores na trajetória de Musk revelam um arcabouço de preocupações que transcendem a mera descrição do fenômeno em sua fase inicial.

Essa construção, permeada por uma aparente benevolência e uma narrativa de progresso inabalável, operou majoritariamente no Regime Diurno do Imaginário de Gilbert Durand, apresentando Musk como a força organizadora capaz de conduzir a humanidade a um futuro promissor. Foi essa a "ilusão netuniana" que, ao mascarar os aspectos mais "titânicos" e potencialmente disruptivos já presentes no microciclo analisado, possibilitou sua ascensão a esferas de poder global. A sociedade, imersa nessa Noosfera de otimismo tecnológico, parecia relutante em enxergar a face ambivalente do titanismo, compreendendo-o mais como ousadia necessária do que como um potencial de incosequência. Contudo, os eventos pós-maio de 2022 (quando cessamos o recorte desse estudo), particularmente a aquisição da plataforma X (antigo Twitter) e seu subsequente alinhamento com figuras políticas controversas, como a presença na Casa Branca ao lado de Donald Trump (pós-eleição de 2025), vieram reforçar as tendências de incosequência já indicadas pela análise. O que antes era percebido como genialidade ou "excentricidade" inerente a um visionário, começou a se desvelar, em sua plenitude, como uma "incosequência" e uma predileção por "ações grandiosas sem pensar nos desdobramentos". Essa desmesura, inerente ao titanismo, que na Grécia Antiga era conhecida como *hybris*, revela o perigo de uma ambição que, desprovida de limites ou responsabilidade,

pode conduzir não apenas à própria ruína, mas também a daqueles que deveriam ser beneficiados.

Tal qual o mito de Prometeu, cuja punição eterna de ter o fígado devorado incessantemente decorre da ousadia de desafiar a ordem divina em nome da humanidade, as consequências não intencionais das atitudes titânicas de Musk começam a se manifestar como um custo incessante e um desgaste simbólico e pessoal. Sua visão de “salvador” frequentemente gera uma *nêmesis*²⁰ pública, onde cada tentativa de “dar o fogo” da tecnologia acarreta uma “águia” a consumir sua reputação e seu capital simbólico, um ciclo interminável de desafio e retribuição que se torna o cerne de sua própria “maldição prometeica” na Noosfera contemporânea.

Além disso, se para Prometeu, a dádiva do fogo desencadeou a caixa de Pandora e os males sobre o mundo, para Musk, a promessa de redenção tecnológica se traduz em desvio massivo de foco e recursos de problemas prementes do nosso planeta, na acentuada concentração de poder, na propensão a uma fé acrítica na tecnologia, que segue inovando inconsequentemente, o que termina em distribuir consequências não intencionais dessas inovações socializadas nos desgastes dos bens comuns, fazendo o papel de nossa própria chuva de males sobre o mundo.

Adicionalmente, e em uma triste reverberação do mito de Dédalo, onde a genialidade do inventor em criar asas de cera trouxe a liberdade, mas também a trágica morte do filho Ícaro devido à desmedida e às limitações da própria invenção, as “soluções dedálicas” de Musk, como a multiplanetariedade ou os túneis urbanos, correm o risco de priorizar fugas grandiosas em detrimento da verdadeira batalha contra o desafio do Minotauro e seu labirinto, os desafios sociais e climáticos mais intrínsecos e urgentes da Terra. A prole que teoricamente busca ser protegida por seu gênio pode, paradoxalmente, ser a mais afetada por essa distração titânica, perdendo-se no alto voo da utopia tecnológica enquanto o lar é negligenciado.

Ao longo desta pesquisa, desenvolvemos uma análise detalhada de como o imaginário funciona, como narrativas, mitos e arquétipos circulam através das produções midiáticas, como constroem realidades simbólicas, como se retroalimentam em ciclos de crença, capital financeiro e poder. Chegamos agora a um ponto de inflexão argumentativo: reconhecer que aquilo que identificamos na introdução como estrutura de poder precisa ser nomeado com

²⁰ *Nêmesis* é adversário temível e geralmente imbatível de alguém, a pessoa ou coisa que causa a sua ruína ou derrota. O termo provém da mitologia grega, onde *Nêmesis* era a deusa da vingança, punindo a arrogância (*hýbris*) com um destino inevitável.

precisão: não é só uma megamáquina (Kuhns, 1971), mas um aparato (Flusser, 2002), uma estrutura coletiva, invisível, que captura consciências e imaginários.

Vamos recorrer ao filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser que, em sua análise da relação entre o ser humano e os aparatos tecnológicos, identifica uma figura crucial: o funcionário. Para Flusser, o funcionário não executa ordens de um chefe explícito (como na estrutura de poder tradicional). Em vez disso, executa uma programação invisível enquanto acredita estar sendo criativo, autônomo e livre (Flusser, 2002).

A programação do aparato capitalista contemporâneo não tem um sujeito único. Ela está codificada nas estruturas de mercado, nos algoritmos que amplificam narrativas, nas métricas de crescimento exponencial, nas dinâmicas de *venture capital*, nas redes sociais, nas lógicas que recompensam acúmulo de capital simbólico. É uma estrutura emergente, coletiva, descentralizada, e, portanto, invisível justamente porque não há um comandante explícito.

Neste sentido, Musk não é um vilão que decidiu capturar o imaginário coletivo; é, antes, um funcionário perfeito do aparato capitalista. Sua sinceridade tem muito de genuína, e sua crença de que está salvando a humanidade é bastante real. E é precisamente essa sinceridade, essa crença, que o torna eficaz e o agente perfeito para a perpetuação da programação do aparato.

Mas aqui reside a questão ética crucial que não pode ser evitada: a sinceridade não exime a responsabilidade.

Os arquétipos e forças do inconsciente coletivo que identificamos ao longo desta pesquisa, nomeadamente o Herói, o Rebelde, o Titã, o Visionário, não são forças externas que possuem Musk como um demônio possui um corpo. São estruturas psicológicas coletivas que constelam energias potentes e se cristalizam em indivíduos que as encarnam, vivendo-as com intensidade particular. Musk é capturado por essas forças. Mas captura não é posse involuntária.

Edgar Morin, em seu estudo da complexidade, descreve sistemas onde causa e efeito não são lineares, mas circulares e retroalimentados (Morin, 2005). No aparato capitalista, há uma causalidade circular: o imaginário cria demanda por heróis; heróis encarnam imaginários; imaginários se solidificam; demandam ainda mais heróis.

Neste ciclo complexo, Musk é simultaneamente:

- Produto do aparato (capturado pelas estruturas invisíveis, pelos arquétipos constelados, pelas forças econômicas).

- Produtor do aparato (ao encarnar com sinceramente o imaginário de salvação, reforça sua perpetuação).
- Responsável por suas ações (escolhe, a cada momento, continuar encarnando a ilusão).

Estas afirmações não são contraditórias. São simultaneamente verdadeiras, exatamente como a complexidade exige.

Aqui está o ponto que não pode ser suavizado: Musk sabe.

Musk sabe que suas empresas dependem de subsídios estatais. Sabe que Tesla lucra com especulação enquanto produz soluções genuinamente limitadas para crises ecológicas. Sabe que a Neuralink implica em colocar chips no cérebro humano. Sabe que suas ambições de colonizar Marte abandonam bilhões à miséria na Terra. Sabe que sua narrativa de salvação oferece conforto simbólico enquanto obscurece as estruturas reais que precisariam mudar.

E continua.

Não porque é possuído por forças invisíveis de modo a eliminar sua agência, mas porque há uma perspectiva autocentrada de que isso é a melhor coisa que ele pode fazer por sua vida: acúmulo de poder, riqueza, influência, imortalidade simbólica. A sinceridade na crença de que “está salvando a humanidade” é compatível com a lucidez de que está, simultaneamente, enriquecendo e ampliando seu poder.

Ambas as coisas são verdadeiras. Isto é o que torna eticamente indefensável.

Não é possível dizer: "Musk é apenas funcionário do aparato, portanto não é responsável". Ele é funcionário, sim. Mas é um funcionário que sente a constrição invisível e a escolhe, de qualquer forma, porque lhe convém, porque amplia seu poder, porque reforça sua narrativa de si mesmo como "visionário que o mundo não compreende".

Os arquétipos que constelam complexos de energias potentes nos indivíduos não removem liberdade; estruturam os campos dentro dos quais a liberdade opera. É como um rio: o rio é estrutura invisível que guia a água. Mas a água, dentro dessa estrutura, ainda flui, ainda escolhe caminhos, ainda encontra passagens, ainda pode transbordar.

Musk poderia escolher diferente. Poderia usar seu capital simbólico para questionar as próprias estruturas que o criaram. Poderia negar a encarnação do Herói Titânico que o aparato oferece. Poderia renunciar às suas empresas e dedicar sua vida a um ativismo ecológico genuíno. Poderia. Mas escolhe não fazer nenhuma dessas coisas.

E essa escolha, repetida em milhões de pequenas decisões cotidianas, em cada entrevista em que reafirma sua convicção, em cada tweet em que amplia seu poder, é eticamente responsabilidade sua.

Isto paradoxalmente não nega a realidade do aparato. O aparato é real. As forças são invisíveis porque são coletivas. Milhões de decisões de investimento, algoritmos ajustados por engenheiros que otimizam engajamento, documentários feitos por cineastas possivelmente bem-intencionados, públicos desesperados por narrativas de esperança, tudo isso cria uma estrutura que não foi explicitamente planejada por ninguém, mas que funciona com precisão de máquina.

A invisibilidade torna a situação mais perigosa, não menos *responsabilizante*.

Porque quando nomeamos que "não há um vilão, apenas estrutura", podemos cair na tentação de dizer "então ninguém é responsável". Este trabalho rejeita essa tentação. Ninguém é apenas vítima da estrutura. Mas também ninguém pode se esquivar de sua participação na estrutura.

Musk é capturado pelo aparato. Mas Musk também escolhe o aparato. Ambas as afirmações devem permanecer em tensão, sem resolução fácil.

Por isso, esta pesquisa teve um objetivo adicional: rasgar o véu dessa ilusão, não para desculpar ninguém, mas para permitir uma compreensão clara e, portanto, uma possibilidade real de escolha diferente.

Os documentários sobre Musk não são propaganda malévola produzida por conspiradores. São manifestações do aparato capitalista em ação, estruturas de construção de imaginário que reforçam ciclos de crença que servem simultaneamente ao lucro, ao poder e à ilusão de salvação.

Enxergar através do véu significa reconhecer:

- Que o salvacionismo tecnológico é ilusão estruturada, não resposta genuína a crises, e é perpetuada por pessoas (como Musk) que sabem disso e escolhem perpetuar.
- Que os documentários são instrumentos de captura de imaginário, e seus criadores participam dessa captura (ainda que sinceramente, ainda que possivelmente bem-intencionados).
- Que o ciclo de retroalimentação (imaginário → capital → poder → imaginário amplificado) é uma estrutura complexa que exige responsabilidade em múltiplos níveis,

não apenas de Musk, mas de todos que participam: cineastas, investidores, públicos, pesquisadores.

- Que a verdadeira questão não é "Musk é herói ou vilão?", mas "como continuamos escolhendo perpetuar um aparato que sabemos ser destrutivo?", "como escolhemos acreditar que a tecnologia e inovação são inerentemente boas quando as consequências intencionais e não intencionais que geram estão destruindo planeta e sociedade".

Apenas ao tornar essas forças invisíveis em visíveis, ao nomear o aparato, ao identificar sua programação, ao reconhecer nossa própria participação nele, e ao manter a responsabilidade ética apesar de reconhecer as estruturas, podemos imaginar alternativas.

Conforme o Princípio da Reintrodução do Conhecedor no Conhecimento de Edgar Morin, a subjetividade e a responsabilidade ética do estudioso são inseparáveis do processo de construção do saber. Minha jornada por esta pesquisa, ao desvelar as camadas complexas da construção midiática de Musk, não apenas aprofundou minha compreensão sobre o poder dos mitos na Noosfera contemporânea, mas também aguçou minha consciência sobre as armadilhas de um otimismo tecnológico desprovido de crítica. Este trabalho demonstra que, ao olhar para além do que as narrativas dominantes (particularmente aquelas produzidas e amplificadas pela indústria audiovisual contemporânea) explicitamente reforçam sobre Musk, a mitoanálise emerge como uma ferramenta crucial para desvendar os arquétipos dominantes de um Weltbild, de um Zeitgeist coletivo. A observação dos desdobramentos recentes serve como um lembrete vívido da urgência em questionar as narrativas dominantes e em expor as forças subjacentes que moldam nossa percepção do futuro. Em suma, esta pesquisa é um convite e um alerta: precisamos ficar atentos. É um imperativo ético do pesquisador alertar para os perigos de abraçar um "salvador" sem antes esquadrihar as implicações plenas e, por vezes, nefastas, de seu fogo prometeico.

A Mitoanálise não oferece absolvição. Oferece clareza. E clareza é o pré-requisito para escolhas éticas genuínas.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hackers Editores, 2005.
- BAITELLO JR., Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.
- BAITELLO JR., Norval. **Pensamento sentado**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.
- BARBROOK, Richard. **Futuros imaginários**: das máquinas pensantes à aldeia global. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- BARROS, Ana T. M. P. Gilbert Durand, o montanhês que desafiou a margem esquerda do Sena. **Esferas**, jan./jun. 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BBC NEWS BRASIL. Humanidade não pode salvar o planeta, afirma criador da Teoria de Gaia. **BBC News Brasil**, 31 mar. 2010. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/03/100331_lovelock_entrevista_rw.amp. Acesso em: 26 maio 2022.
- BELANCIANO, Vítor. Entrevista Lawrence Grossberg – “Os jovens não acreditam no futuro e a culpa é nossa”. **Público**, Lisboa, 19 maio 2008. Disponível em: <https://www.publico.pt/2008/05/19/jornal/entrevista-lawrence-grossberg--os-jovens-nao-acreditam-no-futuro-e-a-culpa-e-nossa-261649>. Acesso em: 20 maio 2024.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BERARDI, Franco. **After the future**. Oakland: AK Press, 2011.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BLANK, Steve; DORF, Bob. **The startup owner's manual**: the step-by-step guide for building a great company. California: K & S Ranch, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, v. 1, 1986.

BURKE, Edmund. **Reflections on the Revolution in France**. New Haven; London: Yale University Press, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **A extensão interior do espaço exterior**: a metáfora como mito e religião. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

CONTRERA, Malena. **O mito na mídia**. São Paulo: Annablume, 1996.

CONTRERA, Malena. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

CONTRERA, Malena. **Mediosfera**: meios, imaginários e desencantamento do mundo. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

DEFAZIO, Peter. **Prepping for apocalypse**: the right and left response to environmental crisis. Berkeley: University of California Press, 2018.

DOLAN, Kerry A.; PETERSON-WITHORN, Chase. **Bilionários 2022**: Elon Musk é a pessoa mais rica do mundo. **Forbes Brasil**, 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2022/04/os-bilionarios-do-mundo-em-2022/>. Acesso em: 26 maio 2022.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o andrógino**: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**: ensaios e entrevistas. Petrópolis: Vozes, 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

INFANTE, Eduardo. **Elon Musk**: os negócios do empreendedor que está mudando o mundo. São Paulo: Prata Editora, 2021.

JUNG, Carl G. **Psicologia do Inconsciente**: Dois Escritos sobre psicologia analítica. V. 7/1, p. 81, 2014. Petrópolis. Vozes.

KIRK, Russell. **The conservative mind**: from Burke to Eliot. Chicago: Henry Regnery, 1953.

KNOWLES, Scott G. **The disaster experts**: mastering risk in modern America. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011.

KUHNS, William. **The pos-tindustrial prophets**. New York: Harper Colophon, 1971.

KURZWEIL, Ray. **The singularity is near**: when humans transcend biology. [S.l.]: Penguin, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da sedução**: democracia e narcisismo na hipermodernidade liberal. Barueri: Manole, 2019.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Ansiedade cultural**. São Paulo: Paulus, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

MANNHEIM, Karl. **Essays on the sociology of knowledge**. London: Routledge, 1952.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 4**: as ideias. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MUSK, Elon. **Twitter**. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/elonmusk>. Acesso em: 26 maio 2022.

NOBLE, David F. **Progress without people**: new technology, unemployment, and the message of the Luddites. Chicago: Charles H. Kerr Publishing, 1993.

OAKESHOTT, Michael. **Rationalism in politics and other essays**. London: Methuen, 1962.

RUSHKOFF, Douglas. **Survival of the richest**: escape fantasies of the tech billionaires. New York: W. W. Norton, 2022.

SALE, Kirkpatrick. **Rebels against the future**: the Luddites and their war on the Industrial Revolution. New York: Addison-Wesley, 1995.

SCRUTON, Roger. **Conservatism**: an invitation. London: Oxford University Press, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2013.

TED. Elon Musk: a future worth getting excited about - Tesla Gigafactory interview. **YouTube**, 17 abr. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/YRvf00NooN8>. Acesso em: 26 maio 2022.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

THOMPSON, Nicholas; HARRIS, Tristan. Tech Is 'Downgrading Humans.' It's Time to Fight Back. **Wired**, 2019. Disponível em: <https://www.wired.com/story/tristan-harris-tech-is-downgrading-humans-time-to-fight-back/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

VANCE, Ashlee. **Elon Musk**: como o CEO bilionário da SpaceX e da Tesla está moldando nosso futuro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WHITMAN, Nate. **Elon Musk**: a biografia de um gênio moderno e titã dos negócios. [S.l.]: Babelcube, 2020.

WINNER, Langdon. Do artifacts have politics? **Daedalus**, Boston, v. 109, n. 1, p. 121–136, 1980.

FILMOGRAFIA

DE VOLTA AO ESPAÇO. Direção: Jimmy Chin; Elizabeth Chai Vasarhelyi. [S.l.]: Little Monster Filmes, 2022.

ELON MUSK: THE REAL LIFE IRON MAN. Direção: Sonia Anderson. [S.l.]: Amazon, 2018.

ELON MUSK'S CRASH COURSE. Direção: Emma Schwartz. [S.l.]: FX Productions; New York Times Productions, 2022.

INSPIRATION4: VIAGEM ESTELAR. [S.l.]: Netflix, 2021.

MAGNATAS DO ESPAÇO: MUSK, BEZOS E BRANSON. Direção: Christian Davenport.
Produção: Storied Media Group. [S.l.]: Amazon, 2021.